

JOSÉ BORZACCHIELLO DA SILVA
ALEXSANDRA MARIA VIEIRA MUNIZ

A INDÚSTRIA TÊXTIL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO



**A INDÚSTRIA TÊXTIL E A
PRODUÇÃO DO ESPAÇO
URBANO**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Victor Godoy Veiga



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Reitor

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Diretor

Joaquim Melo de Albuquerque

CONSELHO EDITORIAL DA UFC

Presidente

Prof. Paulo Elpídio de Menezes Neto

Conselheiros

Joaquim Melo de Albuquerque

José Edmar da Silva Ribeiro

Felipe Ferreira da Silva

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Prof^ª. Ana Fátima Carvalho Fernandes

Prof. Guilherme Diniz Irffi

Prof. Paulo Rogério Faustino Matos

Prof^ª. Sueli Maria de Araújo Cavalcante

COLEÇÃO ESTUDOS GEOGRÁFICOS

Conselho Editorial

Presidente

Prof. Eustógio Wanderley Correia Dantas

Conselheiros

Prof. Ana Fani Alessandri Carlos

Prof. Antônio Jeovah de Andrade Meireles

Prof. Christian Dennys Oliveira

Prof. Edson Vicente da Silva

Prof. Francisco Mendonça

Prof. Hérvé Théry

Prof. Jordi Serra i Raventos

Prof. José Borzacchiello da Silva

Prof. Jean-Pierre Peulvast

Prof^ª. Maria Elisa Zanella

José Borzacchiello da Silva
Alexsandra Maria Vieira Muniz

A INDÚSTRIA TÊXTIL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO



Fortaleza
2022

A indústria têxtil e a produção do espaço urbano

Copyright © 2022 by José Borzacchiello da Silva e Alexsandra Maria Vieira Muniz

Todos os direitos reservados

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRAZIL

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, fundos – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de texto

Adriano Santiago

Normalização bibliográfica

Perpétua Socorro T. Guimarães

Programação visual

Victor Alencar / Frank Bezerra

Diagramação

Raoni Kachille

Capa

Valdiano Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Bibliotecária Perpétua Socorro CRB 3/801-98

S586i Silva, José Borzacchiello da.
A Indústria Têxtil e a Produção do Espaço Urbano / José Borzacchiello da Silva,
Alexsandra Maria Vieira Muniz. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2022.
148 p. : il.; (Coleção Estudos Geográficos)

ISBN: 978-85-7485-375-8

1. Indústria têxtil. 2. Desenvolvimento Industrial. I. Muniz, Alexsandra Maria
Vieira. II. Título.

CDD 675.92

À Universidade Federal do Ceará, por meio do Programa de Pós-Graduação em Geografia, projeto: (01/02/2018 – 31/10/2021)
Programa Capes/Funcap Proc. 88887.165948/2018-00: Apoio às Estratégias de Cooperação Científica do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFC.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	16
O Ceará e a Indústria Têxtil no Espaço-Tempo	23
1. O Desenvolvimento Industrial Têxtil no Ceará: dos “pioneiros” aos “modernos”	23
2. A Indústria Santa Teresa: uma das pioneiras na produção têxtil cearense.....	35
A Indústria Têxtil na Quarta Fase diante do Contexto de Reestruturação Produtiva e Espacial.....	47
1. A Quarta Fase do Desenvolvimento Industrial Têxtil: “Geração Empresarial”	47
2. Mercado de Trabalho Têxtil e Perfil da Mão de Obra no Ceará	55
A Indústria Têxtil na Produção do Espaço Urbano de Fortaleza	61
1. Fortaleza: espaço tradicional da produção industrial têxtil	61
2. Refuncionalização de antigos espaços industriais de Fortaleza	80
3. Unitextil na Metrópole de Fortaleza e os impactos da reestruturação industrial.....	91
Conclusões	136
Referências Bibliográficas.....	140

PREFÁCIO

A INDÚSTRIA TÊXTIL E A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

José Borzacchiello da Silva e Alexandra Maria Vieira Muniz

Os estudos geográficos precisam ser também, inevitavelmente, históricos. Todas as ciências sociais são ancoradas no processo histórico, que desvela as bases das relações de produção e as formas de divisão social do trabalho presentes nas formações sociais. E é no processo histórico que encontramos as bases epistemológicas dos estudos sobre a produção social do espaço, estudos que devem se ancorar profundamente na relação que se constitui como um dos principais fundamentos das ciências sociais: a relação espaço-tempo.

Mesmo assim, muitos autores olham a geografia como uma ciência do tempo presente e, por isso, dão mais ênfase aos fenômenos que tendem a sobressair nessa chave temporal, expressando aspectos macro da economia ou da política, como os relacionados ao neoliberalismo e à crise da democracia. Ana Clara Ribeiro problematizou isto com peculiar precisão ao observar que as “entradas analíticas” projetadas sobre fenômenos como “globalização e mundialização, reestruturação produtiva e reestruturação urbana”, apesar de seu inegável valor, “não permitem acesso seguro ao tecido social, o que traz, como consequência, a secundarização da análise do ‘fazer sociedade’” (RIBEIRO, 2005, p. 411).

Essa assertiva de Ana Clara Ribeiro nos leva também a afirmar e compreender que os movimentos da vida social implicados com a formação do espaço urbano e social exigem recurso aos processos históricos delineadores das formas e conteúdos sociais das relações sociais de produção, em tempos passados. Nesse retorno, é que podemos rastrear os inúmeros vestígios deixados pelas antigas condições gerais de produção, indutoras da consolidação do espaço urbano estruturado no entorno das grandes indústrias do passado. Não por outro motivo reconhecemos o imenso valor do capítulo XIII da mais importante obra de Karl Marx, *O Capital*, intitulado “O maquinário e a grande indústria”, publicado em 1867, no qual Marx desvela as mudanças nas relações de produção e as novas composições das forças produtivas implicadas com alterações também nos meios de circulação das mercadorias e na formação social do espaço.

Vale a pena também fazer um registro da pouca ênfase, em muitas pesquisas geográficas, a estudos sobre processos socioespaciais feitos em tempos passados. Alguns geógrafos que atuam no campo da geo-história têm se esforçado em enfrentar essa limitação, retomando textos que apresentam interpretações de viajantes e estudiosos sobre a formação econômica e social de diferentes lugares, bem como estudos que resgatam a interferência de projetos, investimentos e atividades influentes na estrutura, nas funções e nas formas que influem na produção do espaço. Há, atualmente, inclusive, tanto no campo da geo-história quanto no da história da geografia, como assinala Guilherme Ribeiro (ANO, 2015), atenção à necessidade de resgatar os estudos sobre momentos específicos da história social, econômica e política, de forma a tornar possível olhar para o passado visando enxergar as coisas em termos mais amplos e processuais, permitindo maior clareza sobre os contextos das épocas.

Concluiria, então, essas breves considerações iniciais acerca dos fundamentos teóricos que estão presentes neste livro, com a lembrança de reflexões de Milton Santos sobre o processo de produção do urbano contido no movimento geral de produção do espaço social. Para o autor, é fundamental sabermos analisar a inter-relação entre as diferentes

formas e agentes que, em seu conjunto, constituem o que chamou de “espaço social”. O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas por meio de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história realizada por processos do passado e do presente. Nesse sentido, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura implicada com relações sociais que estão acontecendo diante de nossos olhos.

Tendo essas questões em conta, pensamos que o primeiro aspecto a ressaltar neste trabalho é que se trata do resultado de uma investigação sobre a produção do espaço urbano de Fortaleza, cuja configuração atual tem a influência, entre outras atividades produtivas e práticas sociais, do desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará. É um trabalho voltado para a recuperação de um “fazer a sociedade” na forma da compreensão histórico-processual da produção do espaço urbano cearense e dirigido para a interpretação de um novo delineamento do espaço urbano de Fortaleza, a partir da análise da refuncionalização dos antigos espaços industriais. Uma pesquisa, enfim, que, para propiciar a compreensão da importância da indústria na configuração do espaço metropolitano de Fortaleza, núcleo dinâmico relevante em termos da história econômica e política do estado, amplia a escala de investigação e análise para o estado do Ceará e para os processos passados vinculados à emergência da industrialização e da urbanização nas duas escalas.

O livro é constituído de três capítulos, sendo que, no primeiro, inicialmente, são apresentados os fatores que propiciaram o aproveitamento, pela indústria nacional, do algodão produzido no estado que era destinado à exportação. A evolução deste setor industrial e sua influência no processo de urbanização no estado é o eixo central desse capítulo, sendo apresentado em três fases temporais. O segundo capítulo é destinado a analisar o desenvolvimento da indústria têxtil em período recente, a partir dos anos 1980, predominantemente no espaço metropolitano, buscando analisar os efeitos decorrentes dos ajustes técnicos e informacionais que predominam no novo padrão produtivo do período técnico-científico informacional, como categorizado por

Milton Santos. Por fim, o terceiro capítulo apresenta a análise do objeto da investigação que resultou no livro: as práticas socioespaciais que contribuíram no delineamento da produção do espaço urbano metropolitano de Fortaleza.

Uma última observação geral sobre o livro é que, no desenvolvimento do trabalho, é possível identificar um fundamento teórico importante que o atravessa por inteiro, relativo à compreensão de que o entrelaçamento da história geral com as histórias locais nos dá os elementos para uma análise da atualidade urbana. Com efeito, é preciso considerar, nos estudos geográficos, que a configuração do espaço urbano é resultante tanto de uma história geral – do mundo, do país, da cidade – quanto de uma história em particular – que não existe à margem da história geral, nem a exclui – de cada uma das diferentes partes, dos diferentes agentes e sujeitos que compõem e produzem a cidade.

Coerente com essa perspectiva, o primeiro capítulo do livro mostra interessantes aspectos do contexto econômico mundial, em particular da crise na produção de algodão nos EUA, como elementos de um amplo quadro de relações que fortalecem a produção algodoeira e potencializam o início da industrialização têxtil no estado do Ceará, nas duas últimas décadas do século XIX. Como exposto no texto, trata-se de uma indústria que reverte o quadro de exportação de matérias primas, como o algodão produzido no estado, e inaugura uma fase industrial agregadora de valor à produção agrícola e impulsionadora de um movimento de urbanização importante para os padrões da época, na cidade de Aracati, considerada um dos primeiros núcleos urbano-industriais fora da capital, no estado.

Nesse mesmo capítulo nos é mostrada a evolução da indústria têxtil no estado do Ceará. O desenvolvimento histórico deste setor industrial é apresentado em quatro fases temporais, nas quais os aspectos estruturais delinearão diferentes fatores que influíram nas composições orgânicas dos capitais de cada período e no desenvolvimento das forças produtivas. Em cada fase são apresentadas as empresas têxteis que passam a compor a estrutura industrial, identificando-se a influência do setor na dinâmica industrial no estado. Na primeira fase são identificadas

as seis primeiras indústrias, fundadas ainda no século XIX. Na segunda fase, que abrange o período de 1900 a 1959, são relacionados mais nove empreendimentos, situados tanto na cidade de Fortaleza quanto em cidades do interior, tendo-se como fator preponderante o fato de serem sustentados em capitais locais. A terceira fase, que envolve as décadas de 1960 e 1970, desvela a presença decisiva do Estado, por meio das linhas de financiamento da Sudene, possibilitando a recuperação de algumas indústrias das fases anteriores e a criação de 15 novos empreendimentos. Esse registro é importante porque as análises sobre o processo histórico de constituição da espacialidade urbana vêm demonstrando a existência de estreita conexão entre os surtos de crescimento urbano-industrial e as formas de intervenção do Estado no encaminhamento da produção de equipamentos coletivos, necessários à organização socioeconômica no espaço urbano. Assim, não só o governo da União, por meio de subsídios e políticas de fomento, mas também a busca de modernização dos governos locais, realizam-se por meio das políticas de incentivos fiscais locais e da implantação de infraestrutura de circulação e de redes energéticas, em particular no caso das empreendidas no governo de Virgílio Távora, de 1962 a 1966.

Sobre a divisão temporal por fases do desenvolvimento da indústria têxtil no estado, vale a pena ressaltar que tal caracterização se reveste de grande importância para os estudos geográficos, pois quando nos referimos aos processos de industrialização, sempre é bom termos em mente que eles se realizam historicamente segundo certas condições dominantes em cada contexto. Por exemplo, o período do pós-guerra implicou formas particularmente relevantes de impulsionamento da expansão territorial das atividades produtivas, como pode ser constatado no estado do Ceará, na terceira fase. O período pós-guerra foi identificado por Martin (1996) como constitutivo de uma fase marcada por uma lógica regional e locacional, tendo sido, por isso, objeto de políticas de desenvolvimento regional, como foi o caso dos projetos da Sudene, no Nordeste.

O papel do Estado, nesse cenário, reflete a forma de atuação caracterizada como do “Estado keynesiano”, presente no período do pós-guerra, em que “numa abordagem de certa forma ‘de dentro’”,

O Estado aparece não mais como um organismo exterior às relações de produção, mas, bem ao contrário, como um momento, uma das manifestações da contradição fundamental entre a socialização do processo de trabalho e a apropriação privada dos meios de produção e do produto do trabalho (LOJKINE, 1981, p. 85).

Desse modo, a urbanização, como forma desenvolvida de divisão social do trabalho, evidencia-se como um dos determinantes fundamentais do Estado (LOJKINE, 1981, p. 129).

O segundo capítulo do livro é destinado à análise e interpretação dos processos presentes no que foi designado como quarta fase do desenvolvimento da indústria têxtil no estado (1980 em diante) e, em particular, da sua influência na produção do espaço urbano da cidade de Fortaleza. Nesse capítulo, a ênfase é na interpretação dos efeitos, no setor têxtil, do movimento de reestruturação produtiva das atividades industriais, movimento este que resultou das mudanças no padrão tecnológico e informacional incorporadas às atividades produtivas que, pouco a pouco, passaram a repercutir nas formas de organização da produção e da organização do trabalho.

Na economia globalizada que predomina nesse período, já sob a égide de projetos influenciados pelo neoliberalismo, que começam a ganhar corpo nas sociedades capitalistas, passam a preponderar princípios de mercado regulados pela economia política no novo contexto da globalização. A partir dos anos 1980, uma sequência de mudanças nos fundamentos do movimento geral de acumulação do capital impõe que as análises da localização das atividades industriais e produtivas tenham em conta a incorporação de novas tecnologias informacionais nos sistemas produtivos. As análises sobre as estruturas industriais não podem mais deixar de considerar os novos fatores presentes nas atividades produtivas em geral, que são alteradas pela incorporação do conhecimento, da informação e da comunicação como novos fatores de produção. É a reestruturação produtiva que determina novas perspectivas na análise do papel da indústria na produção do urbano.

Após esse percurso, o terceiro capítulo nos desvela a análise da relação processual entre o desenvolvimento do parque industrial têxtil

e a produção do espaço metropolitano de Fortaleza. A análise dessa fase da industrialização do setor têxtil do Ceará, em especial na cidade de Fortaleza, guarda forte relação com o processo histórico já analisado, pois a Indústria Unitextil – que é objeto da pesquisa – foi fundada em 1973 a partir da fusão da Indústria Santa Teresa, criada ainda no século XIX, e das três filiais localizadas em Fortaleza, formando o Grupo Unitextil. Vale lembrar que a Indústria Santa Teresa, de Aracati, abriu, a partir de 1945, três filiais na cidade de Fortaleza, sob a direção da matriz em Aracati. A indústria matriz foi mantida na cidade de origem, mas, em 1987, diante da crise do algodão no estado, a empresa encerrou suas atividades na cidade de Aracati, deixando para trás todo um patrimônio imobiliário que marca a estrutura urbana do município. O livro realiza um importante registro da refuncionalização do patrimônio histórico e da expansão de outros usos dos imóveis.

A Unitextil, assim, assume um protagonismo importante tanto no desenvolvimento do setor produtivo no Ceará quanto no próprio processo de produção do urbano em Fortaleza, sendo hoje a 29ª indústria do estado do Ceará, quando considerados os valores de arrecadação.

Na década de 1980, diante das mudanças no padrão tecnológico informacional, o fechamento de várias indústrias ocorreu por falta de capacidade de incorporar as novas tecnologias. Poucas fábricas conseguiram se preservar. Mesmo assim, novamente políticas de incentivos por parte do Estado permitiram uma recuperação, observando-se uma nova onda de subsídios, promovidos pelo primeiro “Governo das Mudanças”, de 1987 a 1991, no qual “ganha destaque a política industrial, pautada, dentre outras estratégias, na guerra fiscal”. Tais políticas, no entanto, serviram a um projeto de atração de novos investimentos, que nascem com a utilização de novas tecnologias, mas pouco colaboraram com a reestruturação das antigas indústrias. Com base nesses incentivos, surgem, no estado do Ceará, nove indústrias têxteis, na década de 1980, e dezesseis novas na década de 1990. Porém a maior parte das que se instalam no Ceará buscam os municípios metropolitanos para desenvolverem seus empreendimentos, deixando, na cidade de Fortaleza, os vestígios de um passado industrial constituído

por um patrimônio imobiliário que, em boa parte, se refuncionaliza.

O livro trata, nessa fase, dos efeitos territoriais e de ações sociais na organização e uso do território, observando a refuncionalização dos espaços deixados pelas antigas indústrias, sobretudo na parte oeste da cidade de Fortaleza, bem como a localização das principais áreas com concentração residencial de trabalhadores do setor têxtil, que seguem o mesmo padrão de distribuição da localização das indústrias.

Em 2014, havia 30 empresas do setor têxtil em funcionamento na cidade de Fortaleza, mas a maior parte era de indústrias instaladas recentemente em terrenos menores, não influenciando diretamente na organização do território. A pesquisa que deu origem ao livro que ora temos em mãos realiza, então, um importante registro dos novos usos das antigas instalações, que foram sendo deixadas abandonadas ou negociadas no mercado imobiliário. As grandes indústrias do passado foram sendo refuncionalizadas ou demolidas para a construção de novos empreendimentos de residências, de comércios e de serviços, como conjuntos residenciais, condomínios fechados, shopping centers e outros usos dominados pelo mercado imobiliário. Há registros também de ocupações residenciais em imóveis de antigas indústrias por parte de população sem moradia na cidade.

Por fim, os autores realizam uma análise das transformações e adaptações aos tempos modernos do Grupo Unitextil, que representa a fusão das Indústria Santa Teresa (de Aracati, 1893) e das indústrias Santa Cecília, Santa Inês/Indústria Politextil S.A. (1967) e Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969). Esta última etapa da investigação resgata vários aspectos da história anteriormente tratada e mostra as adaptações do setor industrial têxtil e os nexos entre o processo de reestruturação produtiva e a reestruturação do espaço metropolitano de Fortaleza. Essa análise desvela a incorporação de inovações em termos das adaptações tecnológica, organizacional e administrativa, no setor têxtil, mostrando o quanto a Unitextil passa a se constituir como uma indústria moderna, com segmentos automatizados, que a posiciona entre as 50 maiores indústrias do Ceará. Evidentemente, todo o processo resulta em uma nova forma de submissão dos trabalhadores aos modernos padrões, em

grande medida, geradora de um aumento significativo da produtividade que implica um aumento da exploração da força de trabalho.

Muito ainda se poderia dizer deste trabalho de investigação e agora apresentado na forma de um livro. Mas, tecidas as considerações aqui apresentadas, deixo ao leitor o prazer da leitura e do conhecimento de um processo bastante relevante de uma parte significativa da produção do urbano no estado do Ceará que tem interesse tanto para o conhecimento local e regional, quanto para a compreensão de processos similares observados em outros contextos, com contribuições teóricas e metodológicas inestimáveis para os estudos geográficos.

Floriano José Godinho de Oliveira
Programa de Pós-Graduação em Políticas
Públicas e Formação Humana – PPFH
Departamento de Geografia da FFP/UERJ

APRESENTAÇÃO

A tessitura deste livro buscou responder ao questionamento inicial: como a atividade industrial têxtil participa da produção do espaço urbano?

Com o objetivo geral de analisar como a atividade industrial têxtil participa da produção do espaço urbano na metrópole de Fortaleza, foram traçados os seguintes objetivos específicos: resgatar a formação e o desenvolvimento da atividade industrial têxtil no espaço cearense; realizar uma análise espaço-temporal do desenvolvimento industrial têxtil por meio do estudo de caso de uma das indústrias pioneiras na produção industrial têxtil cearense (a Indústria Santa Teresa), evidenciando a transformação socioespacial diante do papel do capital industrial têxtil; compreender a refuncionalização de antigos espaços industriais em Fortaleza e as formas espaciais resultantes, bem como analisar os impactos da reestruturação produtiva na indústria têxtil, tendo como exemplo de análise no espaço intraurbano da capital, a Unitextil, indústria centenária, considerando sua origem com a instalação da matriz em Aracati, em 1893.

Assim, foi dada ênfase ao atual contexto de reestruturação industrial; contudo, resgatamos o contexto histórico e econômico do desenvolvimento industrial têxtil que nos permitiu entender a relação espaço e indústria em que foram analisadas: a atuação dos agentes produtores do espaço urbano, notadamente os industriais, sem esquecer as inter-relações com os demais agentes, como o papel do Estado e a política industrial, a atuação dos promotores imobiliários em antigos

espaços industriais, a seletividade espacial e os grupos sociais excluídos, os sistemas de objetos e ações voltados à produção, como também a reprodução da classe trabalhadora e as relações sociais de produção com reflexo no espaço urbano por meio dos processos sociais e formas espaciais resultantes.

Para o alcance dos objetivos propostos foi realizada, primeiramente, pesquisa bibliográfica e documental acerca da temática; paralelamente ocorreu o levantamento estatístico, quando então foram organizadas séries estatísticas que possibilitaram posterior análise e construção de mapas temáticos com auxílio da pesquisa de campo, momento em que se fez uso de registros fotográficos, aplicação de questionários, observações e posterior sistematização e análises.

A pesquisa bibliográfica teve como principais fontes de informação as teses, dissertações, livros, censos, mapas, anuários estatísticos, programas de governo, periódicos, jornais, revistas científicas etc. Ademais, foram realizadas buscas em sites oficiais da Prefeitura de Fortaleza e do governo do estado.

No que se refere à busca estatística, foram usados dados secundários em que foi realizada a tabulação para compilação dos indicadores selecionados, tendo como fontes: o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), o Guia Industrial do Ceará (GIC) e a Relação Anual de Informações Sociais – Rais.

A construção de mapas temáticos acerca das indústrias têxteis e a espacialização dos trabalhadores na indústria têxtil em Fortaleza só foi possível tendo como suporte a pesquisa de campo e a seleção de variáveis do Guia Industrial do Ceará (2014).

Para evidenciar o quantitativo de operários industriais por regional construiu-se uma série com cinco intervalos variados, quais sejam: 1 – 19; 20 – 99; 100 – 499; 500 – 999; 1000 – 3099. Ressalta-se que foram consideradas as regionais, segundo a divisão em vigor até o ano de 2020, ou seja, não contempla a mudança para 12 regionais que teve aprovação pela Câmara Municipal em dezembro de 2019.

Como seria inviável tecer análises acerca de todas as indústrias têxteis ativas no espaço urbano de Fortaleza, a que selecionamos como

objeto de estudo foi a Unitextil, o que permitiu analisar as relações desta com o intraurbano da capital. Desta forma, tomando como base estudo de Muniz (2014) quanto às interações da indústria têxtil e o espaço urbano, tem-se o exemplo da Unitextil (União Industrial Têxtil S.A.) que corresponde à fusão, em 1973, das indústrias Santa Teresa (matriz em Aracati) e as filiais desta em Fortaleza: Santa Cecília, Santa Inês/ Indústria Polítextil S.A. (1967) e Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969) – todas de propriedade do Cotonifício Leite Barbosa.

A abrangência temporal da análise é, sobretudo, as duas últimas décadas, quando se impulsiona a reestruturação produtiva e a dinâmica na relação espaço urbano e indústria, permitindo, ainda, compreender os novos usos do espaço industrial têxtil de Fortaleza e as formas espaciais resultantes.

Como centramos nosso estudo na indústria têxtil em sua 4ª fase, que se dá diante do contexto de reestruturação produtiva e espacial, analisaremos, de modo mais detalhado, o impacto da reestruturação na indústria têxtil em suas diferentes dimensões, notadamente no espaço urbano, por meio do estudo de caso na Indústria Unitextil. Mesmo que esta escolha já tenha sido justificada, não custa lembrar o fato de a Unitextil ser a única das indústrias têxteis que, estando em sua quarta geração, passou pelo processo de reestruturação produtiva, tendo uma história já consolidada antes deste processo, além de ter ligação com o espaço e a história local, sendo também de capital local, com vínculo com a economia cearense e que causou, ao longo do tempo, transformações socioespaciais notáveis, não só na cidade onde se originou (Aracati – Santa Teresa), como também onde permanece (Fortaleza – Unitextil) onde mantém relações comerciais por meio do espaço da circulação de seu produto final e compra de matérias-primas.

A escolha de Fortaleza na análise da relação espaço urbano e dinâmica industrial decorre do seu destaque no espaço cearense como espaço da produção industrial têxtil.

Além desta apresentação, seguem os tópicos que estruturam o presente livro: I. O Ceará e a Indústria Têxtil no Espaço-Tempo; II. A Indústria Têxtil na Quarta Fase diante do Contexto de Reestruturação; III. A Indústria Têxtil na Produção do Espaço Urbano de Fortaleza.

No Capítulo I temos o resgate histórico do desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará para entendermos os diferentes contextos que impulsionaram inúmeras mudanças e as relações socioespaciais construídas ao longo do tempo até chegar nos dias atuais, o que nos levou ao município de Aracati antes de analisarmos as relações entre espaço e indústria diante do desenvolvimento capitalista por meio do estudo de caso da Unitextil.

A pesquisa de campo nos instigou ao questionamento acerca das consequências da perda de importância das indústrias de beneficiamento de algodão que moviam a economia de Aracati, o que nos levou a uma breve análise da cidade de Aracati, no auge do beneficiamento do algodão, a atuação da elite local com a fundação dessas indústrias, as tecnologias utilizadas, a perda de importância de Aracati ante a pujança de Fortaleza e as transformações pelas quais passa a Unitextil com a reestruturação maior do capital no período tecnológico, científico e informacional, bem como as consequências no espaço urbano industrial da metrópole de Fortaleza, que hoje é a sede dessa indústria.

Assim, como retomamos, a escolha da Unitextil decorreu da necessidade de analisar uma indústria com raízes locais que tivesse uma história anterior ao período de reestruturação produtiva e procurado neste se inserir.

No Capítulo II, sem perder de vista o contexto maior de desenvolvimento capitalista, temos algumas considerações das consequências para a indústria têxtil estadual desde os anos 1980 até chegar aos anos de 2000. Nesta parte do livro também evidenciamos o mercado de trabalho e o perfil da mão de obra têxtil no estado, bem como a geografia deste setor na escala estadual.

O último capítulo, com a especificidade de como se manifesta a reestruturação produtiva e espacial com o estudo de caso na indústria têxtil, foi possível ainda investigar os fatores que influenciam na variação da demanda por mão de obra, as relações de trabalho e as ocupações vigentes na produção, como também o perfil da mão de obra assalariada e as novas qualificações exigidas e verificar o nível de empregabilidade do setor industrial, além de permitir analisar a divisão

social e espacial do trabalho, a espacialização dos sistemas de objetos ligados à produção e reprodução da força de trabalho, os circuitos espaciais da produção industrial têxtil.

Este estudo possibilitou, ainda, identificar a estrutura social presente no processo produtivo, os agentes produtores e consumidores do espaço, bem como seus mecanismos de reprodução socioespacial. Em outras palavras, o alcance dos objetivos explicitados neste livro permitiu compreender a dinâmica industrial e suas inter-relações com o intraurbano de Fortaleza em que se procurou compreender as mutações que operam no espaço, já que a realização da produção ocorre via produção social e espacial.

Juntar argumentos, dados e informações aguçou nossa vontade de dar forma e redigir um livro que aprofundasse a discussão em torno das relações entre a indústria têxtil e a produção do espaço urbano. Malgrado a motivação, admitimos que este livro não foi estruturado no melhor momento da vida na cidade. O surto da Covid-19 gerou um contexto nada propício à análise da dinâmica industrial de Fortaleza, tendo a indústria têxtil como principal sujeito. A necessidade de ajustes nos resultados das pesquisas de campo e na parte do material estatístico, cartográfico e teórico, que criaram as bases de sua tessitura, exigiu deslocamentos. Foi nossa vontade e firmeza de transformar os resultados obtidos em formato de livro e transpor os obstáculos encontrados com as ocorrências das primeiras manifestações da pandemia da Covid-19 que atingiu muitos países, com forte impacto na economia mundial, causando mudanças expressivas no mundo do trabalho e alterações bruscas nos hábitos e costumes coletivos e individuais que prevaleceu. Este contexto não impediu que o projeto do livro tomasse corpo e superasse as dificuldades impostas pela conjuntura mundial e nacional. Permanecemos atentos em relação à doença que permanece vitimando milhões de pessoas mundo afora e que se mostrou mais devastadora no Brasil.

A Covid-19 marcou o ano de 2020 e atravessa 2021 ceifando vidas, deixando um quadro de severas sequelas em muitos dos que contraíram a doença. Reconhecida como Pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde) se inscreveu na história e permanece reestruturando o mundo.

A doença infecciosa exigiu medidas excepcionais, considerando a rapidez de seu contágio, a duração do tratamento e as altas taxas de letalidade. É inquestionável que os impactos da pandemia e o processo de produção do espaço urbano se agravaram. Já publicamos artigos científicos estabelecendo relações entre a expansão da doença e as condições insatisfatórias da qualidade habitacional e sanitária da cidade associadas às elevadas taxas de desemprego que propiciaram a propagação mais rápida da doença. Antes da pandemia, estudo do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) mostrava que a América Latina e o Caribe enfrentavam considerável e crescente déficit habitacional.

No Brasil, segundo dados oficiais, faltam nada menos que 7,7 milhões de residências para que a população encontre condições decentes de vida. Em Fortaleza, com a Covid-19, a situação se agravou com a adoção do isolamento social e a interrupção de atividades da indústria, do comércio e de serviços. Enquanto tiveram casos de indústrias que fecharam, outras se adaptaram ao momento, dando férias antecipadas a trabalhadores, ou mesmo reduzindo o tempo de trabalho ou demitindo, e até aquelas que mudaram o objeto de produção para produção de máscaras, ou seja, teve impactos diretos no mercado de trabalho, na própria estrutura produtiva e na economia como um todo, somado a uma conjuntura de inflexão ultraliberal que já vinha se desenhando com fortes impactos socioespaciais. Por outro lado, teve o avanço da indústria farmacêutica, química e de produtos de limpeza, os serviços delivery e o e-commerce.

Nos bairros precarizados da cidade, a propagação da doença se deu com maior intensidade. Casas minúsculas, famílias numerosas e muitos desempregados forçavam a circulação dos moradores nas ruas, provocando a rapidez do contágio e sucessivos embates com os agentes de controle do Estado. A pandemia exigiu agilidade dos gestores públicos na adoção de políticas emergenciais como a obrigatoriedade do uso de máscaras, a adoção do hábito de lavar as mãos com sabão ou o uso do álcool em gel de 70%, únicos meios de eliminar os vírus. Várias medidas restritivas foram adotadas como o isolamento social, orientando o máximo de permanência em casa e a evitação de aglomerações. Os

laboratórios e as universidades investiram na descoberta e fabricação de vacinas capazes de imunizar a população. A esperança repousa na eficiência de um programa nacional de vacinação. Lamentando as condições insatisfatórias, reagimos e insistimos na proposta do livro que ora apresentamos.

O CEARÁ E A INDÚSTRIA TÊXTIL NO ESPAÇO-TEMPO

1 O Desenvolvimento Industrial Têxtil no Ceará: dos “pioneiros” aos “modernos”

A implantação da indústria têxtil no Ceará foi favorecida pela disponibilidade da matéria-prima (algodão), tendo sido seu beneficiamento impulsionado no período pós-Guerra de Secessão (1861-1865).

Conforme Nobre (2001), a industrialização, que não se restringe exclusivamente às fábricas de fiação e tecelagem, decorre de vários fatores, sendo eles: os saldos do comércio externo acumulados na fase de alta dos preços do algodão, os excedentes gerados com a venda de escravos para outras províncias e ainda a assistência financeira do governo federal por ocasião da grande seca de 1877.

O desenvolvimento da indústria têxtil no Ceará está intrinsecamente relacionado com o contexto sócio-histórico e econômico de formação e ocupação do espaço cearense.

A indústria têxtil cearense, além de ter ligação com o espaço e a história socioeconômica, tendo origem no capital local vinculado à economia cearense, causou, ao longo do tempo, transformações socioespaciais notáveis, não só nas cidades de origem como também onde permanece e onde mantém relações comerciais por meio do espaço da circulação de seu produto final e compra de matérias-primas.

Como sabemos, a pecuária e o algodão, constituindo o binômio gado-
algodão, foram atividades econômicas que se destacaram em escala regional.

Já no final do século XVIII, o cultivo do algodão começou a despontar como importante atividade econômica. O algodão nordestino veio substituir a produção algodoeira americana, principal abastecedora de *cotton* para as indústrias têxteis inglesas.

A paralisação da produção do algodão dos Estados Unidos se deveu à Guerra de Secessão (1861-1865), entre o sul e o norte dos Estados Unidos. Durante o período dessa guerra, que abriu o mercado mundial para a produção cearense, o algodão substituiu o charque em importância econômica. Algodão e gado, todavia, não se colocavam como atividades excludentes, pelo contrário, passaram a ser o binômio determinante no desenvolvimento da região.

Como ressalta Girão (2000, p. 223), “as principais regiões produtoras do algodão eram os distritos de Fortaleza e Aracati e as serras de Baturité, Uruburetama, Meruoca, Pereiro e Aratanha”.

Segundo Amora (2005), a disponibilidade da matéria-prima algodão impulsionou a instalação de indústrias têxteis, com destaque para Sobral, Aracati e, sobretudo, em Fortaleza.

Segundo Aragão (2002, p. 69):

A industrialização de tecidos e fios no Ceará, diferentemente de outros estados que investiram no setor desde o começo do século XIX, só vai ocorrer nas duas últimas décadas do século XIX, considerando-se que a primeira fábrica têxtil, a Fábrica Progresso, que foi idealizada em 1881 e registrada em 1882 com o nome de Pompeu & Irmãos, veio efetivamente a funcionar em 1883.

Em razão do beneficiamento do algodão pelas indústrias têxteis, conforme Lima (2002), observa-se, então, um novo sistema técnico (armazéns, teares, fábrica de beneficiamento) e novas relações de trabalho.

O uso do espaço cearense pelos “senhores do algodão” explica-se pela relação do mundo com o lugar, pois, conforme Takeya (1995), são os problemas conjunturais ocorridos nos Estados Unidos da América que alavancam a cotonicultura e todo seu aparato técnico.

Contudo, sabemos que não foram somente as crises internas dos Estados Unidos, mas também o fato de que a Região Nordeste produzia, na época, um algodão diferenciado conhecido como

“algodão mocó”, de fibra longa, que servia mais eficazmente ao setor produtivo nacional e internacional.

Como no período da pecuária, o espaço rural serviu de primeiro lastro para que o sistema técnico do algodão aportasse, mais tarde, nos espaços urbanos, pois a evolução deste processo de produção segue um caminho que tem como espaço de partida o descarçamento/fiação no interior das fazendas e como “território do avanço” as cidades, como é o caso do Aracati com suas usinas de beneficiamento.

Assim, o algodão ganhou espacialidade no urbano aracatiense, após uma longa fase como atividade rural.

Cabe aqui atentar para a intervenção, pela técnica, da relação deste espaço urbano tecnificado com escalas espaciais nacional e mundial. “Já que a técnica é também social, pode-se lembrar que sistemas de objetos e sistemas de ações em conjunto constituem sistemas técnicos, cuja sucessão nos dá a história do espaço geográfico.” (SANTOS, 2008, p. 332).

As usinas desenharam uma nova cartografia, pautada por uma solidariedade organizacional traçada com origem na cotonicultura que incrementa, em primeiro momento, o espaço rural e, em seguida, a cidade, sua economia e, conseqüentemente, sua urbanidade.

As crises nos Estados Unidos alavancam uma relação mundo-lugar-mundo, que faz o Ceará e, especificamente, a cidade de Aracati e, posteriormente, Fortaleza, ocupar posição de destaque.

A verticalidade imposta pelo cenário externo, seguida de uma horizontalidade que demanda de tais externalidades, perfaz um contexto que revela a importância da indústria têxtil na expansão urbana cearense.

O desenvolvimento da indústria têxtil no espaço-tempo cearense pode ser dividido em quatro fases, conforme Aragão (1989; 2002): 1ª fase – 1882 a 1900 (os Pioneiros), 2ª fase – 1900 a 1960 (os Empreendedores), 3ª fase – 1960 a 1980 (os Modernos – Incentivos Fiscais e Transformações) e 4ª fase – 1980 em diante (a Geração Empresarial).

O período de 1882 a 1900 constitui a primeira fase de desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará, sendo chamada de “os pioneiros”, dada a coragem dos que ingressaram no ramo têxtil, até então não explorado na economia do Ceará. Esta fase se caracteriza

pela implementação das primeiras indústrias têxteis no estado, como pode ser visto no Quadro 1:

QUADRO 1 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS CEARENSES NO FINAL DO SÉCULO XIX

INDÚSTRIA	RAZÃO SOCIAL	FUNDAÇÃO INICIAL	NATUREZA JURÍDICA
FÁBRICA PROGRESSO	POMPEU & IRMÃOS	1882	RESPONSABILIDADE SOLIDÁRIA
CIA. FÁBRICA DE TECIDOS UNIÃO COMERCIAL	CIA. FÁBRICA DE TECIDOS UNIÃO COMERCIAL	1891	SOCIEDADE ANÔNIMA
CIA. FABRIL CEARENSE DE MEIAS	CIA. FABRIL CEARENSE DE MEIAS	1891	SOCIEDADE ANÔNIMA
FÁBRICA SANTA TERESA	POPULAR ARACATYENSE	1893	SOCIEDADE ANÔNIMA
FÁBRICA CEARÁ INDUSTRIAL	DE HOLLANDA GURJÃO E CIA.	1894	NÃO CONSTA
FÁBRICA SOBRAL	ERNESTO & RIBEIRO	1895	SÓCIOS COMANDITÁRIOS E SOLIDÁRIOS

Fonte: Aragão (2002, p. 76) adaptado por Muniz (2014).

Podemos constatar que das seis indústrias têxteis do primeiro período, somente uma, a Fábrica Progresso, foi fundada na década de 1880. Isto pode ser explicado devido às políticas protecionistas à indústria têxtil que só se intensificam na década de 1890.

A primeira indústria a localizar-se fora de Fortaleza foi a Fábrica Santa Teresa, que, em 1893, foi fundada em Aracati, constituindo a 4^a indústria têxtil cearense. A segunda a instalar-se longe da capital, no final do século XIX, foi a Fábrica de Tecidos Sobral, que se estabeleceu nessa cidade em 1895.

A interiorização da indústria têxtil sucedeu no contexto em que o cultivo do algodão se expandiu fora da capital, criando um espaço produtor de matéria-prima para alimentar indústrias locais em Sobral,

Aracati, Fortaleza e fora do estado. Sendo assim, “os primeiros estabelecimentos industriais implantam-se nas cidades coletoras dos produtos agrícolas e em Fortaleza, principal ponto de escoamento da produção cearense.” (AMORA, 2005, p. 371-372).

O aparecimento das primeiras indústrias têxteis cearenses é viabilizado por via capital próprio dos investidores locais, oriundo dos excedentes do comércio e sem a proteção do Estado. Cabe ressaltar o fato de que, dentre os industriais deste período, havia aqueles que ocupavam cargos na política cearense, Thomaz Pompeu (deputado, e seu cunhado e sócio, Nogueira Accioly, que foi várias vezes presidente do Ceará) e Ernesto Deocleciano (vice de Nogueira Accioly).

No tocante à origem da maquinaria utilizada pela indústria, Takeya (1995), expondo declaração feita pelo agente consular no Ceará, em 1888, exprime que

A importação de máquinas e ferramentas mais que dobrou; de R.46:078\$859 em 1885/1886 ela subiu para R.120:689/748 em 1886/1887. As máquinas de costurar peles e as máquinas descaroçadoras de algodão são quase todas americanas. As ferramentas e máquinas a vapor são inglesas [...] As ferramentas e os instrumentos de agricultura franceses não são encomendados pelo Ceará porque eles são geralmente mais caros; no entanto, desde alguns meses, a casa comercial Boris Frères introduziu várias máquinas a vapor francesas que são reconhecidas como melhores que as inglesas, embora sejam consideradas complicadas e mais delicadas que essas (TAKEYA, 1995, p. 67).

Quanto à importação da matéria-prima algodão, existe a ligação do litoral cearense com vários portos. Segundo Takeya (1995), nas rotas do comércio marítimo internacional, em 1880, de países diversos expedia-se para a Província do Ceará, via Liverpool, porto de matrícula dos vapores que punham o Ceará em comunicação com a Europa e a América. “O principal produto do Ceará, o algodão, tem 9/10 de sua produção comprada por Liverpool” (TAKEYA, 1995, p. 79).

Foi no contexto de expansão da economia agroexportadora da província cearense, consolidada com o incremento da produção e comercialização do algodão que

[...] companhias estrangeiras de navegação a vapor estabeleceram as primeiras linhas regulares, ligando diretamente o Ceará, através de Fortaleza, ao mercado europeu: a Liverpool Northern Brazil Steamers, mais tarde A. Booth Company, e a Red Cross Line of Mail Steamers, ambas de Liverpool. Registre-se ainda que, no tocante à navegação de cabotagem, em 1865, a Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, do Rio de Janeiro, começou a fazer escalas nos portos do Ceará, na linha que estabeleceu ligando a capital do Império ao porto de Manaus (TAKEYA, 1995, p. 109).

O período de consolidação da indústria têxtil no Brasil (STEIN, 1979) corresponde à segunda fase da industrialização no Ceará que, conforme Aragão (1989; 2002, p. 77), emerge em 1900, inaugurando um período que se estende até o final da década de 1950, período este denominado de geração dos empreendedores “porque mostram traços de iniciativa e agressividade, sendo eternos farejadores de oportunidades, vocacionados para o risco, apresentando grande dosagem de criatividade no ato de administrar”.

As indústrias que se desenvolveram na segunda fase podem ser relacionadas, a seguir:

TABELA 1 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS CEARENSES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

FÁBRICA	FUNDAÇÃO	NÚMERO DE OPERÁRIOS (NA FUNDAÇÃO)
SANTA ELISA	1904	140
SANTO ANTÔNIO	1929	200
USINA GURGEL	1916	800
FIAÇÃO SANTA MARIA	1918	190
FIAÇÃO SÃO LUÍS	1928	76
FÁBRICA BATURITÉ	1927	40
FÁBRICA SÃO JOSÉ	1926	300

FÁBRICA SANTA CECÍLIA	1945	145
MARANGUAPE	1924	90

Fonte: ARAGÃO, 2002, p. 77, adaptado por Muniz (2014)

Como na geração anterior, as indústrias instaladas nesta geração provinham de recursos dos próprios investidores; entretanto, diferentemente da fase anterior, aqui se tem como forma jurídica “sociedade por quotas de responsabilidade limitada” e não mais “sociedades anônimas”. Ademais, dentre as vantagens advindas da primeira geração, Aragão (1989, p. 70; 2002, p. 77) cita: “a formação de uma inexpressiva mão de obra operária, a abertura de mercados e o aproveitamento de uma infraestrutura relativa ao suprimento de matéria-prima [...]”.

Quanto à caracterização dos industriais desta fase, enquanto os

[...] industriais da primeira geração, cujas famílias tinham alto nível de educação formal e suporte financeiro, [...] os desta segunda geração foram comerciantes, antes de se tornarem industriais têxteis, via de regra, desenvolvendo suas atividades mercantis no setor da compra e venda de algodão, sendo que alguns se tornaram, também, empreendedores das fábricas de beneficiamento de algodão, [...]. Outros [...] tiveram nas atividades de transformação de óleo e sabão suas primeiras atividades manufatureiras (ARAGÃO, 2002, p. 78).

Quanto à origem dos industriais desta fase, provinham de

municípios do Ceará e que vêm para a capital em busca de ampliação e sedimentação de negócios. Ressaltamos a figura de Antônio Diogo de Siqueira que veio a tornar-se o maior empresário têxtil do Ceará [...] (ARAGÃO, 2002, p. 78).

De 1960 a 1980, ocorreu a terceira fase de desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará, sendo também chamada de “os modernos”, dado o intuito de modernizar as indústrias têxteis por meio da substituição das máquinas de mais de 30 anos e reequipando-as por meio do Programa de Reequipamento da Indústria Têxtil, contido no I Plano Diretor da Sudene.

Das 61 indústrias têxteis do Nordeste incluídas no programa, oito eram do Ceará, quais sejam: Progresso, Santa Elisa, Santa Teresa, Cia. Gasparian do Norte, Santa Cecília, Baturité, Santa Maria, Sobral (ARAGÃO, 1989).

Oliveira (1977) ressalta o papel da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) na implantação do sistema de incentivos fiscais como forma de captação de recursos para viabilização do processo de industrialização na região.

Desta forma, o desenvolvimento do Nordeste teve como base os programas de transferência de recursos inter-regionais, apoiados em incentivos fiscais como o sistema 34/18, Finor (Fundo de Investimentos para o Nordeste) e, mais recentemente, FNE (Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste).

Em razão das oportunidades dos incentivos e financiamentos de órgãos estatais que se iniciaram no Nordeste após 1960, no Ceará, há o desenvolvimento da indústria têxtil pela

terceira geração; por se situarem em uma fase de transição, não deixam de ser empreendedores, contudo, apresentam novas características, como a preocupação com a modernização do equipamento e com a circulação dos produtos no mercado nacional [...] (ARAGÃO, 2002, p. 65).

Dentre as indústrias ativas nas décadas de 1960 e 1970, podemos citar o que se encontra no Quadro 2:

QUADRO 2 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS ATIVAS NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970

INDÚSTRIA	PROPRIETÁRIO	FUNDAÇÃO	LOCAL
PROGRESSO (FALIU EM 1987)	GRUPO THOMAZ POMPEU	1882	FORTALEZA
SANTA TERESA (FALIU EM 1987)	COTONIFÍCIO LEITE BARBOSA	1893	ARACATI
SOBRAL	GRUPO ERNESTO DEOCLECIANO	1895	SOBRAL

MARANGUAPE (FALIU EM 1982)	GRUPO J. MACEDO	1924	FORTALEZA
SÃO JOSÉ (FALIU EM 1983)	GRUPO PHILOMENO GOMES	1926	FORTALEZA
SANTA CECÍLIA: FUNDIU PARA UNITEXTIL EM 1973	COTONIFÍCIO LEITE BARBOSA	1945	FORTALEZA
GASPARIAN COM O PROJETO DA CIA. CEARÁ TÊXTIL	GRUPO GASPARIAN	1961/1966	FORTALEZA
ALGODÕES FINOS DE QUIXADÁ, QUE SE TORNOU A FIAÇÃO JANGADEIRO S.A.	ALBERTO BAQUIT	1964/1969	FORTALEZA
INDUCHENIL	PERBOYRE QUINDERÉ	1966	MARANGUAPE
CHENILLE DO NORDESTE S.A. (CHENOSA)	GRUPO COLLARES	1967	MARANGUAPE
INDÚSTRIAS DE MEIAS FINAS S.A.	RUBENS RIBEIRO DO AMARAL E ASSOC.	1967	FORTALEZA
LINHAS SERIDÓ S.A.	PEDRO NOLASCO TEIXEIRA E ASSOC.	1967	FORTALEZA
SANTA INÊS (INDÚSTRIA POLITEXTIL S.A.): FUNDIU PARA UNITEXTIL EM 1973	COTONIFÍCIO LEITE BARBOSA	1967	FORTALEZA

PASSAMANARIA DO NORDESTE	UBIRATAN E UBIRAJARA FONTENELE	1968	FORTALEZA
SANTA LUCIA: FUNDIU PARA UNITEXTIL EM 1973	COTONIFÍCIO LEITE BARBOSA	1969	FORTALEZA
INDÚSTRIA TÊXTIL ARMANDO PINTO S.A.	ARMANDO CAMELO DE PINHO E ASSOC.	1970	FORTALEZA
MASTER (FECHOU EM 2000)	GRUPO MASTER	1971	FORTALEZA
FINOBRASA, DA ASSOCIAÇÃO OTOCH E BAQUIT E POSTERIORMENTE GRUPO VICUNHA UNIDADE IV	GRUPO VICUNHA	1973	FORTALEZA
UNITEXTIL	GRUPO UNITEXTIL (SANTA TERESA, SANTA CECÍLIA, SANTA LÚCIA E SANTA INÊS)	1973	FORTALEZA
PEMALEX	ALEXANDRE CHAN SCHUP KANG	1974	FORTALEZA
TAPETELENE	GRUPO COLLARES	1975	MARANGUAPE

Fonte: (ARAGÃO, 2002) adaptado por Muniz (2014)

Percebemos que, na década de 1960, havia 15 indústrias têxteis no Ceará, dentre as quais três já existiam desde o século XIX (Progresso, Santa Teresa e Sobral), além da permanência de mais três do início do século XX (São José, Santa Cecília e Maranguape), uma vez que faliram as de Antonio Diogo de Siqueira (Santo Antônio, São Luís, Santa Elisa e a parte têxtil da Ceará Industrial) no final dos anos 1950 e início de

1960, tendo sido o acervo do Grupo Diogo comprado pela Gasparian do Norte em 1961. Ademais, a Fábrica Baturité, de José Pinto do Carmo, pediu moratória em 1959, sendo judicialmente encerrada dez anos depois. Além do mais, a Usina Gurgel, de Teófilo Gurgel, e a Fiação Santa Maria, presentes até então, já não existiam mais nos anos de 1960.

Por outro lado, percebemos o surgimento de mais nove indústrias, dentre as quais estavam as de grande porte como a Algodões Finos de Quixadá Ltda., que se tornou a Fiação Jangadeiro S.A. (do empresário Alberto Baquit), em 1964. A instalação de outras indústrias se deve à intervenção da Sudene, principalmente a partir de 1965.

A conjuntura interna do Ceará facilitou a consolidação dos incentivos federais, uma vez que se buscou uma modernização do estado no primeiro governo de Virgílio Távora, de 1962 a 1966, principalmente em termos infraestruturais, pois além da “[...] criação de estradas (facilitando, assim, o escoamento da produção do estado), foi em seu governo que a energia elétrica da usina de Paulo Afonso chegou ao Ceará”, tendo sido a precariedade destes fatores infraestruturais alegados para o fato do atraso no desenvolvimento industrial (ARAGÃO, 2002, p. 65).

Já na década de 1970 foram seis as indústrias têxteis que surgiram, dentre as quais a Unitextil (União Industrial Têxtil S.A.). A Unitextil corresponde à fusão, em 1973, das indústrias Santa Teresa, com matriz em Aracati, e as filiais desta em Fortaleza: Santa Cecília, Santa Inês/ Indústria Politextil S.A. (1967) e Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969) – todas pertencentes ao Cotonifício Leite Barbosa.

“Mais de 50% das indústrias têxteis instaladas no Ceará eram de pequeno porte (empregando de 10 a 99 pessoas), em 1970, enquanto que as de grande porte (mais de 250 empregados) correspondiam apenas a 3,1%” (ARAGÃO, 2002, p. 97). Dentre as de grande porte estava a Fiação Nordeste do Brasil S.A. – Finobrasa (da associação Otoch e Baquit) que, diferentemente das indústrias que até então tinham a característica de serem administradas por membros da família, esta já apontava nova tendência, uma vez que era administrada com a contratação de técnicos especializados ou com formação científica.

Conforme Aragão (2002), o financiamento do Finor permitiu um pequeno aumento no número de indústrias grandes, em 1975. Dentre as de fiação e tecelagem de grande porte estava a Master Tecidos Plásticos, a Finobrasa e a Tapetelene, enquanto que as pequenas se caracterizavam por serem malharias e confecções. Várias indústrias que haviam surgido na década de 1960 como Induchenil, Linhas Seridó, Armando Pinto e Meias Finas já não existiam mais na década de 1970. A Cia. Ceará Têxtil, do Grupo Gasparian, entrou em falência, em 1971, sendo assumida pelo Grupo Machado.

A análise dos proprietários das indústrias ativas nos 1960 e 1970 permitiu caracterizar os empresários da Terceira Geração em quatro tipos, como bem relata Aragão (2002, p. 100):

- 1) Empreendedores com envolvimento histórico familiar com o algodão, [...].
- 2) O grupo dos iniciantes a empresários têxteis a partir das oportunidades oferecidas pela política de incentivos fiscais. [...].
- 3) Há o grupo formado exclusivamente pela tradição de bordado em Maranguape, [...].
- 4) Por último, a Master Tecidos Plásticos, que surge como sucedâneo natural de empreendimentos do Grupo Master [...].

O fato de os proprietários industriais serem notadamente cearenses, mesmo com associação a empresários do Centro-Sul, “possibilitou que no Ceará fosse a própria burguesia local quem assumisse o comando da industrialização da era da Sudene [...]”, permitindo que “a indústria cearense continuasse atuando nos setores tradicionais” (ARAGÃO, 2002, p. 101).

Como exemplo temos, em 1973, a fundação da Finobrasa, com a instalação, no Ceará, do grupo Vicunha, dos empresários Jacks Rabinovich e Mendel Steinbruch, capitalistas do Centro-Sul que se associaram a empresários locais, no caso o grupo dos Otoch e Baquit. A Finobrasa foi a única participação da indústria sulista no setor têxtil do Ceará no quadro de indústrias instaladas pela Sudene.

Como a Indústria Santa Teresa (Aracati) foi uma das primeiras indústrias têxteis para além da capital até chegar no período de transição para a quarta fase e representava, juntamente com a filial Santa Cecília (Fortaleza), mais de 40% da produção de tecido no Ceará, conquistando

o lugar de maior investimento têxtil no estado, conforme Anuário do Ceará (1973), citado por Aragão (2002, p. 151), teceremos algumas considerações da sua importância como uma das pioneiras na produção industrial têxtil no espaço cearense.

2 A Indústria Santa Teresa: uma das pioneiras na produção têxtil cearense

A Companhia Popular Aracatyense, que depois veio a se tornar Indústria Santa Teresa, teve relevante importância na economia cearense e aracatiense, em particular, com suas atividades voltadas às potencialidades locais, notadamente ao beneficiamento do algodão.

[...] a economia aracatiense se tornou mais dinâmica, sobretudo em razão dos 110 empregos gerados, passando a ser considerada a fábrica que mais empregava na região. Por outro lado, a Popular Aracatyense abastecia os mercados das regiões Norte e Nordeste, especialmente os estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Pará. A matéria-prima era proveniente de Jaguaribe, Limoeiro do Norte, União (hoje Jaguaruana) e Alto Jaguaribe, grandes centros produtores de algodão no Ceará (ARAGÃO, 2002, p. 150).

Conforme Souza (1974 *apud* Dantas, 2006), Aracati obteve um papel privilegiado na rede urbana, tornando-se o principal centro comercial do Ceará, no século XVIII. Isso decorreu da ocupação do interior do estado com a implantação das fazendas para a criação de gado e instalação de pequenas indústrias de produção de carne seca.

A cidade de Aracati era “relativamente comercial e industrial, possuindo importante fábrica de tecidos crus.” (SOUSA, 1922, p. 21). Assim, no ano de 1893, foi fundada a Indústria Têxtil Santa Teresa, em Aracati, com a denominação de Companhia Popular Aracatyense.

Insatisfeitos com a perda de posição de grande centro econômico, os grupos mais abastados aracatienses, representados por proprietários de terra, farmacêuticos, comerciantes, criadores de gado, ainda que com ideologias políticas díspares, se articularam em torno de um projeto comum: a criação de uma indústria têxtil. Nascia, assim, a [...] Fábrica Santa Teresa (ARAGÃO, 2002, p.149).

Antes de ter esta denominação, passou, desde sua fundação (1893) até 1901, de Companhia Popular Aracatyense para M. L. Barbosa & Cia; já

em 1928, sofre outra modificação, passando para M. L. Barbosa & Ltda. Em 1971, é transformada em Sociedade Anônima com a denominação Cotonifício Santa Teresa. Em 1945, a razão social é alterada para Cotonifício Leite Barbosa (ARAGÃO 1989, p. 54).

Nesse contexto, tivemos o destaque no espaço urbano aracatiense da Indústria Santa Teresa (Figura 1). Conforme Virgínio e Mota (2010, p. 9), a sede da Fábrica Santa Teresa situava-se na Rua do Piolho, depois Rua do Rosário (hoje Cel. Pompeu), nº 58, Centro. O Armazém (Almoxarifado) funcionava aos fundos, à Rua Cel. Alexandrino.



Foto 1 – Antiga Fábrica Santa Teresa.

Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ce33882.jpg>

Pela Foto 1 e durante entrevistas com moradores, pudemos perceber o papel das usinas de beneficiamento de algodão no uso e na expansão do espaço urbano de Aracati.

Para os trabalhadores foram construídas três Vilas Operárias próximas à fábrica. Conforme Barbosa (2004, p.117),

A população pobre era enterrada no local denominado de “Casa da Misericórdia” e situava-se onde foi construída a fábrica Santa Teresa. Quando foram construir a fábrica (no século XIX) encontraram restos (ossadas) dos cadáveres. A frente do cemitério ficava para a atual Rua Cel. Pompeu (antiga Rua do Rosário) com 50m de frente; os fundos com 100m ficavam para a atual Rua Cel. Alexandrino (antiga Rua Direita).

Virgínio e Mota (2010) relatam bem a saga da família Leite Barbosa, que começa em 1890 quando o padre Francisco Leite adquiriu uma fábrica completa de fios e tecelagem, mais a estrutura metálica durante sua viagem à Inglaterra, doando-a aos irmãos Miguel e Dr. Leite. Foi “em 1900, quando a firma “M. L. Barbosa & Cia.” adquire a “Fábrica Santa Teresa”, localizada em Aracati e pertencente, então, à “Cia. Popular Aracatyense.” (VIANA, 2014).

A maior expressão da Economia aracatiense foi a indústria fabril, através das atividades da Fábrica de Fiação & Tecelagem Santa Teresa, sob a denominação de Miguel Leite Barboza & Cia, depois Cotonifício Leite Barbosa S.A.; depois, enfim, Unitextil (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 9).

Pelo relato de Virgínio e Mota (2010), percebemos as péssimas condições de trabalho, com exploração de trabalho infantil e excedente de horas laborais, diferenciação de ganho quanto ao gênero, além do pagamento atribuído às horas despendidas.

Em 1909, empregava 320 operários e os salários eram diferenciados entre homens, mulheres e menores de idade. Os homens recebiam entre 800 rs e 4000 rs; as mulheres de 700 rs a 1200 rs; os menores de 14, de 200 rs a 400 rs. Estes valores tinham por base a diária de um trabalhador na indústria têxtil. [...] Em 1953, o Salário Mínimo era de Cr\$ 37,40. [...] O horário médio de trabalho era de 16 horas com descanso de 1 hora para o almoço. Não eram remunerados os domingos e feriados (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p.10).

Com um capital inicial de Cr\$ 360.000, em 1971 atingiu os Cr\$ 36.629.339, produzindo, basicamente, tecidos crus destinados à sacaria e fios para a fabricação de redes. O algodão cru ou bruto era trabalhado primeiro pelo batedor, depois ia às cardas; em seguida, à passadeira,

juntadeira, binadeira, fiação, noveleiro, maçaroqueiro, espuladeira, urdideira e, enfim, à tecelagem (VIANA, 2014).

No que se refere ao transporte de matéria-prima, este era feito em carros de boi que partiam do Aracati levando sal para retornarem com o precioso algodão de Icó e Limoeiro do Norte. O algodão herbáceo era adquirido na Zona do Jaguaribe, elevando-se todos os anos o total de suas compras a mais de 1.000 contos (SOUSA, 1922, p. 40).

Segundo Virgínio e Mota (2010), no que concerne aos aspectos ligados à tecnologia industrial, a Indústria Santa Teresa possuía uma máquina a vapor, 40 teares para fazer algodãozinho (tecido de algodão), dez teares para fabricar redes de dormir, entre outras maquinarias. O valor da maquinaria era de 2.000 contos de réis.

Foi durante visita ao museu do Aracati que tivemos oportunidade de nos aproximar um pouco da tecnologia utilizada nos tempos de funcionamento da fábrica.



Foto 2 – Máquina de Tear da Antiga Fábrica Santa Teresa

Fonte: Museu do Aracati. Pesquisa de Campo. AUTORES, abril, 2012

Esta máquina de tear pertencia à Fábrica Santa Teresa, que produzia sacos de pano para o transporte de mercadorias e tecidos para rede. Devido ao nascimento de outros tipos de tecido, fibras sintéticas, a fábrica faliu na década de 1980 (Declaração durante visita guiada no Museu do Aracati, abril de 2012).

Quanto à energia elétrica necessária ao funcionamento da Fábrica Santa Teresa.

Para que a produção fosse possível, a energia elétrica era fornecida por meio da usina situada na Rua do Comércio (depois Rua das Flores, hoje Cel. Alexanzito). Só em 1971/72, o prefeito Mário Della Rovere trouxe ao município a energia de Paulo Afonso. Contam os ex-operários que havia o Rego do Piche; lá, no cano do qual escorria a borra do óleo utilizada na Fábrica, os cidadãos humildes aparavam-no para, assim, acenderem as lamparinas (perquéis) para iluminar suas casas (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 11).

Lima (1979, p.74-75) informa que a produção diária era enviada para os estados do Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Pará e também existiam filiais da fábrica nos referidos locais. Em 1940, havia 252 teares e sua seção de fiação tinha para mais de 7.200 fusos, estando o prédio da indústria com todos os equipamentos orçado em 540:000\$000. A produção diária, em 1940, atingiu 10.000m de tecidos.

Em 1945, passando por um processo de expansão, é instalada uma filial em Fortaleza, a Santa Cecília, que, além da fiação, agregou a tecelagem. Posteriormente, com financiamento da Sudene, o Cotonifício Leite Barbosa abriu mais duas filiais em Fortaleza, sob a direção de Audízio Pinheiro: Santa Inês (1967) que mudou o nome para Indústria Politextil S.A., e a Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969), passando a fabricar tecidos mistos de poliéster e algodão e a produzir popelines. Desta forma, ampliou a cadeia têxtil, atuando em todas as etapas do processo, desde a fiação até o acabamento de tecidos, mediante a combinação de fibras sintéticas e de algodão, atendendo as demandas do mercado externo.

Conforme registrado no Anuário do Ceará (1973) é relevante notar que a Fábrica Santa Teresa, com sede em Aracati, e a Santa Cecília, localizada em Fortaleza, consumiram, em 1955, 1.600 toneladas de algodão em pluma, produzindo mais de 12 milhões

de metros de tecidos e ainda cerca de 21 mil unidades de redes, representando 40% da produção de tecido no Ceará. Com isso, a empresa conquistou o lugar de maior investimento têxtil no estado (ARAGÃO, 2002, p. 151).

A crise do algodão na década de 1980 é agravada com a introdução dos produtos sintéticos, na década de 1990.

Conforme Virgínio e Mota (2010), diante da conjuntura nada favorável por conta da praga do bicudo, da crise energética, com a consequente baixa na produção, e a impossibilidade de atender a demanda dos mercados interno e externo, a Indústria Santa Teresa encerrou suas atividades em 1987, tendo como último gerente o Sr. Jarbas, com 94 anos, em funcionamento, empregando grande número de operários; seu fechamento ensejou diversos protestos, como

O Movimento Social “O Apito Não Pode Parar”, liderado pelo líder político peemedebista José Evaldo Silva, o petista Carlos Alberto Nascimento Nogueira (Carlão) e outras importantes lideranças, realizaram grandes manifestações nesse sentido (VIRGÍNIO e MOTA, 2010, p. 12).

Ainda se encontra na cidade de Aracati o prédio da antiga fábrica têxtil Santa Teresa e a residência dos seus proprietários, testemunhando a inserção de Aracati na economia algodoeira.

Como a análise do espaço social, conforme Lefebvre (1974, p. 147), é “metodologicamente e teoricamente relacionada a três conceitos gerais: forma, estrutura e função”, faz-se mister analisar como o espaço ocupado por esta usina de beneficiamento de algodão, a Fábrica Santa Teresa, que incrementou a cartografia e o modo de vida urbano de Aracati, passou por mudanças de forma e função ao longo do tempo, obedecendo às novas demandas do capital e, conseqüentemente, da sociedade.

Como dizia Santos (1988, p. 88), “todo processo de produção é um processo de criação do espaço”. Sendo assim, o espaço passou a denotar outra configuração espacial e o surgimento de novas funcionalidades, isto é, modificou-se tanto a forma como a função espacial.

É neste entendimento que observamos a dinâmica na forma e função das instalações da antiga Indústria Santa Teresa, que já foi ocupada pela Serraria Compescal. Isto se explica em virtude da saída/ fechamento das indústrias de beneficiamento do algodão do centro urbano de Aracati, levando as atividades do setor de comércio e serviços a dominar este espaço.

As instalações da Santa Teresa são espaços de comércio (distribuidora de bebidas: Ambev; venda de alimentos: Lojão da Carne) e de festas noturnas: Clube Ferreirão (na Foto 3 abaixo é possível visualizar o local de venda de ingressos).

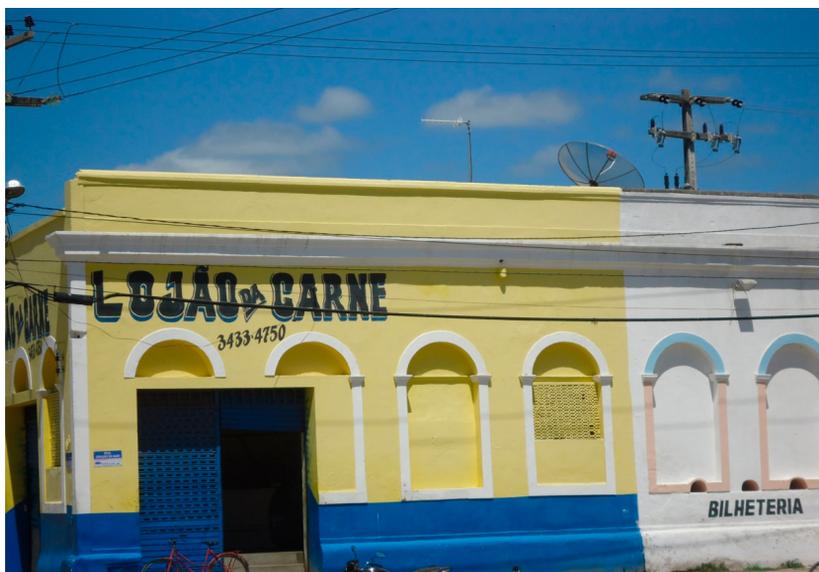


Foto 3 – Lojão da Carne.

Fonte: Autores. 26 de abril de 2012

Foi possível observar no trabalho de campo os diversos usos do antigo espaço da antiga Indústria Santa Teresa (Foto 4) e o fluxo de pessoas no seu entorno nos três turnos. Embora grande parte da fachada tenha sido descaracterizada, algumas estruturas encontram-se com aspectos originais.



Foto 4 – Ferreirão Clube.

Fonte: Autores. 26 de abril de 2012

Onde é o Ferreirão Clube fazia parte da Santa Teresa, mas aí destruíram tudo e se você entrar no prédio vai encontrar restantes da fábrica, mas a fábrica inteira era todo esse quarteirão aqui. [...] Os tecidos iam pra vários estados; aí houve problemas relacionados à produção de algodão; o Ceará diminui a produção de algodão, houve uma queda na produção na região de Iguatu e com isso levou a fábrica a falir (R. E., há 15 anos morador de Aracati).

O espaço ocupado pelos antigos proprietários da Indústria Santa Teresa, onde também funcionava o escritório da fábrica (Foto 5), ocupa um lugar de destaque na agenda cultural da cidade de Aracati. É onde funciona a Secretaria de Turismo e Cultura e Biblioteca/Sala de cinema da cidade. Percebemos aqui o espaço, conforme a definição de Milton Santos

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. [...] a noção de espaço é assim inseparável da ideia de sistemas de tempo (SANTOS, 1985, p.21-22).



Foto 5 – Residência e Escritório dos Antigos Proprietários da Indústria Santa Teresa

Fonte: Autores, abril de 2012

A Casa Ponciano, comércio no centro de Aracati desde o ano de 1959, aos moldes de um típico comércio do século passado, resiste ao tempo e é testemunha da mudança ocorrida em Aracati desde os tempos em que a fábrica funcionava. Durante trabalho de campo, J. P. F. presenciou as transformações na cidade e nos conta que a fábrica fechou por conta das enchentes e complementa: “[...] A fábrica empregava muita gente e funcionava em três turnos. Quando a fábrica fechou, uns trabalhadores foram pra Fortaleza e outros ficaram aqui e foram indenizados”.

A pesquisa de campo nos instigou ao questionamento acerca das consequências da perda de importância das indústrias de beneficiamento de algodão, notadamente da Indústria Santa Teresa, que movia a economia de Aracati, sobretudo em razão dos empregos gerados.

Fazendo um retrospecto do seu quadro de pessoal, em seu nascimento, a empresa tinha 110 empregados; em 1912, possuía aproximadamente 150; em 1930, pouco mais de 300; e, por volta de 1945, já eram mais de 800. (ARAGÃO, 2002, p. 151).

A cidade de Aracati, além de perder a função de centro urbano do Ceará para Fortaleza e Sobral, também perdeu para outras cidades do Vale do Jaguaribe. Como informa Silva (2002, p. 227-228), no segundo caso, esta perda se deu em consequência da exploração da carnaúba para extração de cera e outros aproveitamentos, o que provocou a interiorização de funções urbanas para Russas e Limoeiro do Norte, em detrimento de Aracati.

Com a perda de importância das indústrias têxteis para a economia aracatiense, somos levados a questionar o que impulsiona as transformações socioespaciais e a economia da cidade atualmente?

Durante entrevista realizada em Aracati, em abril de 2012, com jornalista da FM Canoa, ele afirmou: “O que movimenta a economia da cidade é o comércio, em primeiro lugar, depois o turismo e, por último, os recursos provenientes da Prefeitura”.

Moradores revelaram que o ex-funcionário da Fábrica Santa Teresa, Expedito Ferreira da Costa, que foi prefeito de Aracati, eleito por duas vezes, tendo sido a última gestão em 2012, é o maior empresário da cidade, sendo proprietário dos maiores empreendimentos, entre os quais estão: Mirante das Gamboas, que é um complexo turístico, Ferreirão Club, representante da Distribuidora de Bebidas Ambev (nascida da fusão entre a Antarctica e a Brahma), FM Canoa, Compescal, alguns barcos de pesca e várias casas alugadas etc.

As entrevistas, observações e demais registros de campo permitiram-nos entender a dinâmica atual do município, em que pudemos perceber a busca de valorização do espaço cultural, bem como o investimento em sistemas de objetos ligados ao lazer como forma de incentivar o turismo (Complexo Turístico Mirante das Gamboas: propriedade do ex-prefeito de Aracati).

O espaço urbano de Aracati se encontra em contínua ressignificação. “O novo espaço, valorizado, constitui-se, ainda que não exclusivamente, em local para novas formas espaciais, abrigando novas funções.” (CORRÊA, 2010, p. 151).

O grande empreendimento na cidade são as fazendas de camarão (carcinicultura), com destaque para a Compescal, com várias unidades espalhadas pela cidade.

Mesmo acompanhando a tendência mundial de investimento no setor terciário, observamos, em trabalho de campo, que o setor secundário continua como parte importante na economia do município, dada a presença de indústria de alimentos, como a EBBA (Empresa Brasileira de Bebidas e Alimentos, que surgiu da fusão entre Dafruta e Maguary) que fica na Rua Duque de Caxias, no centro da cidade de

Aracati. Além dessa filial, possui outras em Araguari (MG) e em São Paulo, e a parte administrativa e financeira no Recife. A indústria de calçados também se fazia presente em Aracati, com a filial da Agabê: indústria de calçados com sua sede em Franca-SP.

Outra atividade econômica desenvolvida na cidade são as olarias, sendo no bairro de Campo Verde onde se concentram fábricas de tijolos, telhas, cerâmicas etc. O potencial da planície fluvial favorece o desenvolvimento desta atividade tradicional desenvolvida na cidade, sendo identificadas na paisagem urbana por meio das chaminés das fábricas ceramistas.

Como sabemos, além de horizontalidades e verticalidades, o espaço demanda para seu funcionamento fluidez. “O território usado envolve objetos e ações, portanto sinônimo de espaço humano, espaço habitado.” (SANTOS, 2002, p. 16).

O aeroporto de Aracati só vem confirmar a necessidade de fluxos que requer a dinâmica do tempo presente no município. O Estado, como um dos agentes produtores do espaço, procura ofertar todo o aparato tecnológico para que o capital venha a se reproduzir. Investimentos são feitos na constituição de um novo cenário de valorização espacial e, como não poderia deixar de ser, procurando acompanhar o contexto atual de busca por energias renováveis, verificamos a presença de sistemas técnicos voltados à geração de energia eólica em Aracati (Bons Ventos Geradora de Energia S.A./Parque Eólico Aracati).

Percebemos como o espaço evoluiu de um conjunto de fixos e fluxos para “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistema de objetos e sistema de ações, não considerados isoladamente [...]” (SANTOS, 1988, 1996).

Em meio a toda essa dinâmica do atual período, a Indústria Santa Teresa continua presente na memória dos aracatienses e, ao contrário do que pensávamos a priori, depois que a Indústria Santa Teresa entrou oficialmente em falência, em 1987, não foi transferida para Fortaleza com outro nome, a Unitextil, uma vez que a fundação da Unitextil ainda é nos anos 70, ocorrendo em 1973. O que aconteceu foi a fundição de todas as demais unidades em uma. Observamos, assim, um processo

de dispersão da produção no estado para, em momento posterior, se concentrar na capital.

Pelo exposto, podemos afirmar que, embora Aracati hoje não seja mais lembrado como o lugar da produção voltada ao beneficiamento da matéria-prima algodão, como parte da microrregião do baixo Jaguaribe, este destaque se encontra no município de Jaguaruana.

Neste percurso, chega-se ao quarto período do desenvolvimento da indústria têxtil no Ceará, consoante Aragão (2002), com os Novos Empresários e o fortalecimento do parque industrial têxtil no final do século XX (1980 a 2002), período este que corresponde ao processo de reestruturação produtiva que vivenciamos até nossos dias, cabendo aqui tecer algumas considerações a este respeito.

A INDÚSTRIA TÊXTIL NA QUARTA FASE DIANTE DO CONTEXTO DE REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E ESPACIAL

1 A Quarta Fase do Desenvolvimento Industrial Têxtil: “Geração Empresarial”

É diante de um contexto de crise econômica enfrentado pelo país, nos anos de 1980, que se chega à quarta fase de desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará, sendo esta, na perspectiva de Aragão (1989, 2002), chamada de “geração empresarial”, estendendo-se de 1980 até nossos dias.

Dentre os diversos problemas enfrentados pela indústria têxtil nos anos 1980 podemos citar a escassez no fornecimento da matéria-prima (algodão) e o fato de as indústrias mais antigas resistirem à reestruturação, permanecendo com a maquinaria defasada, o que levou à extinção de muitas indústrias têxteis, pois não tinham capacidade de competir.

Vejam, no quadro abaixo, as indústrias ativas na década de 1980.

QUADRO 3 – FUNDAÇÃO DE INDÚSTRIAS TÊXTEIS NO CEARÁ NA DÉCADA DE 1980

INDÚSTRIA	PROPRIETÁRIO	FUNDAÇÃO	LOCAL
SANTANA TÊXTIL	RAIMUNDO DELFINO	1980	FORTALEZA
TBM	GRUPO TBM	1982	FORTALEZA
TÊXTIL BAQUIT	GRUPO BAQUIT	1982	FORTALEZA

Continuação

TÊXTIL UNIÃO	GRUPO MACHADO	1982	MARACANAÚ
VICUNHA NORDESTE (UNIDADE I)	GRUPO VICUNHA	1984	MARACANAÚ
JUOZAS (CIA. BRASILEIRA DE MODAS)	CARLOS PEREIRA	1986	MARACANAÚ
TBM (UNIDADE II)	GRUPO TBM	1986	FORTALEZA
COTECE	GRUPO JAIME PINHEIRO	1989	MARACANAÚ
FILATI MALHAS (TBM UNIDADE V)	GRUPO TBM	1989	MARACANAÚ

Fonte: Aragão (2002) adaptado por Muniz (2014).

Na década de 1980, fechou a indústria centenária Thomaz Pompeu junto com a unidade Pompeu Têxtil e a Indústria Santa Teresa. Em 1982, fechou a Indústria Maranguape; e, no ano seguinte, foi a vez da Indústria São José. Permaneceu nesta década a Indústria Sobral, ainda do século XIX, que, depois de um incêndio, em maio de 1980, que destruiu totalmente a seção de fiação da fábrica, continuou o grupo Ernesto Deocleciano apenas com o setor de tecelagem. Também resistiu a esta onda de fechamentos a Indústria Santa Cecília, da primeira metade do século XX, que era de propriedade do Cotonifício Leite Barbosa¹, também dono da indústria que fechou em 1984 (a Santa Teresa), “estando abrigada na Unitextil desde 1973. Dentro do cenário das empresas têxteis nos anos 1980, a Unitextil era o maior empreendimento do estado [...]” (ARAGÃO, 2002, p. 108).

Permaneceram, ainda na década de 1980, três indústrias têxteis dos anos 1960 (Passamanaria, Jangadeiro, Ceará Têxtil) e três indústrias têxteis da década de 1970 (Master, Unitextil e Pemalex).

Mesmo em meio às dificuldades enfrentadas, surgiram nove indústrias têxteis modernas. Percebemos tanto o aparecimento de novas

¹ Um resgate da atuação da família Leite Barbosa no desenvolvimento da indústria têxtil pode ser visto em: VIANA (2014).

indústrias como também a ocupação de novos espaços pelo capital industrial, como o município de Maracanaú, reflexo da construção do Distrito Industrial de Maracanaú, ainda em 1963, embora só tenha iniciado o funcionamento nos anos de 1970; esse Distrito Industrial estava inserido no âmbito de incentivo ao desenvolvimento industrial proposto para o Ceará.

O quadro diverso do contexto nacional que se delineia nos anos de 1980 decorre em grande parte dos incentivos durante o governo de Virgílio Távora, em sua segunda gestão, já que, ao longo dos anos 1980, foram reduzindo os financiamentos industriais por parte da Sudene.

Desta forma, no Ceará, as indústrias têxteis conseguiram superar a crise por meio da participação mais ativa do governo estadual e da parceria com o governo federal que, na tentativa de manter o crescimento da década anterior, reforçaram os incentivos industriais.

Ao longo da década de 1980, na indústria têxtil, houve períodos de crescimento intercalados a outros de estabilidade ou retração. Somente a partir do segundo semestre de 1984, o setor têxtil apresentou sinais de recuperação.

No Ceará, a ruptura política experimentada pelo Estado na passagem de 1986 para 1987 foi, sem dúvida, o marco político-institucional que permitiu renovar o discurso e a abordagem nos efeitos da seca, bem como significou uma mudança de paradigma na condução das políticas públicas estaduais. Durante o primeiro “Governo das Mudanças”, de 1987 a 1991, foram dados passos decisivos na direção da montagem do novo modelo da gestão.

Dentre as “novidades” trazidas por esta nova elite que teve à frente, inicialmente, Tasso Jereissati, ganha destaque a política industrial, pautada, dentre outras estratégias, na guerra fiscal. Nesse período, a Sudene perde significado, sendo extinta durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, no ano de 2001, para só depois ser recriada em 2003, no governo Lula.

Dentre os principais instrumentos da atual política de industrialização, temos a concessão de incentivos fiscais/financeiros, de infraestrutura, o discurso da descentralização dos investimentos

produtivos e a maior geração de empregos com o aproveitamento da mão de obra barata.

Com o enfraquecimento das políticas federais destinadas a combater as desigualdades regionais após a Constituição de 1988, o que se observa é o surgimento de políticas estaduais que modificam a dinâmica da economia local.

Assim, dentre os atrativos para alocação de indústrias, embasados na política industrial, temos: a oferta de mão de obra, bem como serviços de água, esgotamento sanitário, energia, gás, portos e aeroportos, construção de estradas, sistemas técnicos ligados às comunicações, oferta de distritos industriais que acompanham a infraestrutura necessária ao funcionamento das indústrias; mais recentemente os esforços de desconcentração regional têm envolvido a concessão de incentivos fiscais, com a isenção ou alíquota diferenciada de impostos.

No Ceará, destacam-se as políticas de incentivo à industrialização via Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI) mediante a isenção e prorrogação de incentivos fiscais, visando à implantação, realocação, ampliação, recuperação e modernização de indústrias. A política de atração de indústrias no Ceará data do governo Virgílio Távora (1962 – 1966), culminando com a promulgação da Lei nº 10.367, de 1º de dezembro de 1979, que instituiu o Fundo de Desenvolvimento Industrial do Ceará (FDI), tendo sido esta uma estratégia gerida com o objetivo de dotar o Ceará do aporte legal para viabilizar o incentivo à industrialização.

Com a institucionalização do FDI, o Ceará tornou-se pioneiro na adoção de incentivos fiscais e financeiros voltados para atração de novas empresas industriais no estado, notadamente percebida pela isenção e prorrogação de impostos (incentivos fiscais), no intuito de dar apoio à implantação, modernização, realocação e ampliação destas.

O abatimento é maior quanto mais distante de Fortaleza for o estabelecimento. Para uma indústria que se instale em uma cidade da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), o incentivo se dá por dez anos. Se for de 300 a 500 km, o incentivo se eleva para 13 anos e, por fim, se for além de 500 km de distância da RMF, se dá até 15 anos. O

desconto do ICMS é menor para indústrias que se instalam na própria capital, sendo de 45%.

Essa política enseja diversos questionamentos como a possibilidade de gerar concorrência desigual com as indústrias existentes e a possibilidade indireta de reduzir a capacidade de poupança do governo.

Apesar das deficiências, o FDI e o Finor foram instrumentos que auxiliaram no desenvolvimento das indústrias têxteis, de confecções, calçados e metalmeccânica do estado. É importante ressaltar que esses instrumentos foram utilizados basicamente para atração de grandes empreendimentos industriais, ficando o apoio à pequena e média empresa fora desse foco.

Essas modificações começaram a ocorrer no momento em que o governo centrou as atenções para a reestruturação dos setores produtivos como indústria, agricultura, turismo etc.

Conforme Aragão (2002, p. 37),

O Ceará se apresenta, hoje, como o segundo maior polo têxtil do Brasil, no que se refere ao consumo de algodão em pluma, ficando atrás somente do estado de São Paulo. Detém, ainda, o segundo lugar na produção de fios, sendo ultrapassado também por São Paulo. E dentro da cadeia produtiva, ocupa o quarto lugar em volume de produção, depois de São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais.

Na segunda metade dos anos 1980, como relata Amaral Filho (2003, p. 377), dentre as principais políticas públicas do governo estadual está “a nova política industrial, que introduz uma racionalidade industrial e espacial à concessão de incentivos financeiros, além de incluir um vetor dedicado ao apoio e à indução ao desenvolvimento industrial”.

Diante do exposto, percebemos o Estado assumindo o papel de locomotiva das transformações mediante seu aparato institucional, adaptando a organização social, espacial e econômica às novas necessidades do capital e assim organizando um espaço apto ao desenvolvimento da atividade capitalista.

Em meio à política neoliberal, o processo de abertura comercial ganhou força, havendo uma elevação dos níveis de concorrência internacional.

Como não poderia deixar de ser, o conjunto dessas transformações teve implicações para a produção industrial.

A indústria nacional que, durante décadas, contou com a proteção estatal nesse novo cenário, teve que se remodelar, para não perder sua fatia no mercado nacional para importações mais baratas e, no mercado mundial, com a adesão de outros países ao processo de abertura comercial.

Diante de toda esta conjuntura vivenciada nos anos de 1990, as indústrias mais preparadas investiram na sua reestruturação, reduziram seus custos e melhoraram sua competitividade, com o objetivo de enfrentar a concorrência internacional. Dentre as indústrias têxteis no Ceará que surgiram entre os anos 1990 a 2002, temos:

QUADRO 4 – FUNDAÇÃO DE INDÚSTRIAS TÊXTEIS NO CEARÁ DE 1990 A 2002

INDÚSTRIA	PROPRIETÁRIO	FUNDAÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO	LOCAL
FIOTEX INCORPOROU EM 2001 A CIA. CEARÁ TÊXTIL	GRUPO MACHADO	1991	FIAÇÃO	MARACANAÚ
MICREL BENFIO	JEOVÁ COLARES JÚNIOR	1991	FIAÇÃO, TECELAGEM E COLCHAS DE CHENILLE	MARANGUAPE
JAGUATÊXTIL	FRANCISCO VALENTE E ROBERTO COSTA	1992	FIAÇÃO	JAGUARUANA
ELIZABETH TÊXTIL (VICUNHA UNIDADE V)	GRUPO VICUNHA	1993	FIAÇÃO E MALHARIA	MARACANAÚ

FITESA TÊXTIL	GRUPO PETROPAR	1994	TECELAGEM	HORIZONTE
CTN	WALTER LUIZ SOARES HOELZ	1997	FIANÇA	MARACANAÚ
MARCOTEX	WALTER LUIZ SOARES HOELZ	1997	FIANÇA	MARACANAÚ
TEBASA RESULTANTE DA UNIÃO ENTRE FIANÇA JANGADEIRO E A TÊXTIL BAQUIT	GRUPO BAQUIT	1997	FIANÇA, MALHARIA, ACABAMENTO E ESTAMPARIA	FORTALEZA
AURORA TÊXTIL	FRANCISCO VALENTE, ROBERTO COSTA E GRUPO FILDI	1999	FIANÇA	JAGUARUANA
COTEFOR	GRUPO JAIME PINHEIRO	1999	MALHARIA	MARACANAÚ
LERMA DO NORDESTE	MARIELSA E CELSON MILANI	1999	TECELAGEM	HORIZONTE
SANTA RITA	FREDERICO PINTO	1999	TECELAGEM	JAGUARUANA
PACAJUS (VICUNHA UNIDADE III)	GRUPO VICUNHA	1999	TECELAGEM (ÍNDIGO)	PACAJUS
HACO ETIQUETAS	GRUPO CONRAD	2000	ETIQUETAS	EUSÉBIO
SERVITÊXTIL (BEATRIZ TÊXTIL)	LAURO FIÚZA NETO	2000	FIANÇA	MARACANAÚ
TBM (UNIDADE III)	GRUPO TBM	2002	FIANÇA	MARACANAÚ

Fonte: Aragão (2002) adaptado por Muniz (2014).

Percebemos que, de 1990 a 2002, surgiram mais indústrias do que nos anos de 1960, quando houve uma atuação mais intensa da Sudene, uma vez que 16 novas indústrias têxteis foram instaladas no Ceará. Por outro lado, fecharam a Master Tecidos Plásticos, em 2000, e a fábrica centenária Sobral (Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano) que funcionou até 1997 e hoje é a sede do Campus Tecnológico da UFC, em Sobral.

Das indústrias da década de 1980, quase todas continuaram na década de 1990; somente não se tem registro da Juozas (Cia. Brasileira de Modas), que era voltada à produção de tecidos como também um dos fornecedores da Del Rio (adquirida por Carlos Pereira, em 1968, responsável pela parte de confecção, transformada, posteriormente, em Cia. Brasileira de Moda).

Sendo a Juozas e a Del Rio pertencentes à mesma família (Pereira de Souza), hoje somente tem-se registro da Del Rio, dirigida por Daniel Laureano Pereira de Souza, sediada em Maracanaú, com 79 funcionários, confeccionando roupas íntimas (Guia Industrial do Ceará, 2014).

Das indústrias têxteis da década de 1970 que ainda se encontram ativas, temos a Unitextil, que entrou em concordata em 1990, fechando duas de suas unidades, a Santa Lúcia e a Santa Cecília, logo em seguida.

Naquela época, a unidade Santa Cecília, no bairro do Montese, em Fortaleza, também apresentava grande problema de custo-benefício. A empresa permaneceu apenas com uma unidade e demitiu 90% dos funcionários (ARAGÃO, 2002, p. 108).

Constatamos que, na década de 1990, era crescente a migração de indústrias que vinham se instalar no Ceará. Como exemplo, temos a Lerma do Nordeste e a Haco Etiquetas que têm suas produções voltadas para fora do estado. Somam-se a estas, as de maior porte que já existiam desde a década de 1970, como o Grupo Vicunha.

Ao contrário da gestão dos negócios pela hierarquia familiar, outra característica do setor têxtil nos anos de 1990 é a “gestão científica”, ou seja, uma gestão mais “profissional”, no sentido de contratar executivos com experiência em gestão de empresas.

Ademais, enquanto o grande incentivador no alcance das metas e na satisfação dos operários, nos anos de 1980, eram os benefícios sociais, na década de 1990 a ênfase é nas políticas de gestão direcionadas ao alcance e à participação nos resultados com desperdício zero e redução de acidentes de trabalho, com foco no treinamento contínuo.

A Vicunha, a Têxtil Bezerra de Meneses e a Santana Têxtil são alguns exemplos de indústrias que procuram acompanhar as novas exigências do mercado e que se deslocam na busca de se inserirem nas transformações globais, procurando não somente novos espaços para se alocar, como também passam por uma reestruturação produtiva.

2 Mercado de Trabalho Têxtil e Perfil da Mão de Obra no Ceará

O atual estágio de desenvolvimento da indústria cearense resultou da descentralização da indústria nacional.

Conforme o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2014²), o Ceará constitui o terceiro maior polo têxtil do país, com uma história de 132 anos, destacando-se em todo o processo de produção, desde o consumo do algodão até a produção do vestuário propriamente dito.

Diferentemente do perfil da indústria têxtil, em que a produção de fios e tecidos se dá mais em grandes estabelecimentos, por demandar espaço e maquinaria de elevado poder aquisitivo, no espaço cearense

Representando 3% do total de estabelecimentos industriais brasileiros, as 17.036 indústrias cearenses concentram-se, sobretudo, no porte de microempresas, representando 84,2% (14.338) deste número, contra 12,7% (2.172) das pequenas, 2,7% (456) para as médias e apenas 0,4% (70) do total de indústrias de grande porte (MTE/RAIS, 2012).

Por outro lado, conforme dados do MTE/RAIS (2012), as grandes indústrias do estado são responsáveis por 31,3% (109.221) dos empregos

2 Disponível em: <http://www.sebrae2014.com.br/sebrae/sebrae%202014/boletins/fortaleza_boletim_2014_julho.pdf>.

gerados no Ceará, seguidas das médias indústrias por 26,6% (90.758), pequenas por 25,6% (89.188) e microindústrias por 17,1% (59.746).

Quanto ao perfil dos trabalhadores da indústria no Ceará, temos a maior parte, 72,4%, do gênero masculino e 27,6% do gênero feminino. Já quanto à escolaridade, faixa etária e renda em salários mínimos, vejamos a Tabela 2.

TABELA 2 – PERFIL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA NO CEARÁ

ESCOLARIDADE 2012					
PÓS-GRADUAÇÃO	SUPERIOR COMPLETO	MÉDIO COMPLETO	FUNDAMENTAL COMPLETO	FUNDAMENTAL INCOMPLETO	ANALFABETO
0	628	10.566	4.946	4.454	120
FAIXA ETÁRIA 2012					
50 OU MAIS	40 A 49	30 A 39	25 A 29	18 A 24	10 A 17
1.076	2.637	6.793	5.014	5.185	9
RENDA EM SALÁRIOS MÍNIMOS – 2012					
10 SM OU +	5 A 10 SM	3 A 5 SM	2 A 3 SM	1 A 2 SM	ATÉ 1 SM
379	537	706	1.325	14.465	3.100

Fonte: MTE

A maioria (10.566) dos operários tem ensino médio completo, mas ainda podem ser encontrados operários analfabetos, sendo um total de 120. Aqueles que possuem nível superior são em proporção bem pequena, se comparados aos mais de 9.000 com fundamental completo ou incompleto e o nível médio completo, que é o predominante.

Quanto à faixa etária, percebe-se que a classe operária é jovem, já que a maioria (6.793) está na faixa etária de 30 a 39 anos e um grande quantitativo (10.199) registra idades de 18 a 29 anos.

No que se refere à remuneração, a maioria dos operários está na faixa entre um a dois salários mínimos, ou seja, o emprego industrial

no estado é basicamente de assalariados, com baixo nível de instrução e pouca experiência, considerando que a maioria é constituída de jovens.

Muniz (2014) afirma, a partir da análise de dados do Ipece (2014), que, no estado do Ceará, a atividade de transformação é a mais representativa, com 46,8%, seguida daquelas relacionadas à construção civil, com 27,5%, e aos Serviços Industriais de Utilidade Pública – SIUP, com 23,4%, ou seja, não difere muito da estrutura setorial industrial nacional, uma vez que, nesta, a indústria de transformação se sobressai, representando 53%, a de construção civil 21% e os SIUP 11,2%.

Das indústrias de transformação ativas, o destaque é para os gêneros tradicionais, como o de confecção, alimentos, calçados e o têxtil.

Quando Muniz (2014) analisa a representatividade da indústria de transformação na dimensão estadual, observa que, do total de 25.626 indústrias do setor de transformação no estado, mais da metade, ou seja, 68%, está concentrada na RMF.

Quanto ao ramo têxtil, analisando os indicadores da RAIS no intervalo de 2002 a 2012, quase todas as indústrias têxteis no estado estão concentradas na RMF, senão vejamos a Tabela 3.

TABELA 3 – ESTABELECIMENTOS* FORMAIS NA INDÚSTRIA TÊXTIL, SEGUNDO OS ANOS SELECIONADOS – ESTADO DO CEARÁ E RMF

INDÚSTRIA TÊXTIL		
ANO	INDÚSTRIA TÊXTIL CE	INDÚSTRIA TÊXTIL RMF
2012	3.612	3.161
2011	3.557	3.101
2010	3.385	2.977
2009	3.125	2.727
2008	2.984	2.607
2007	2.738	2.398
2006	2.502	2.180
2005	2.390	2.078

2004	2.274	1.974
2003	2.216	1.910
2002	2.095	1.807
TOTAL	30.878	26.920

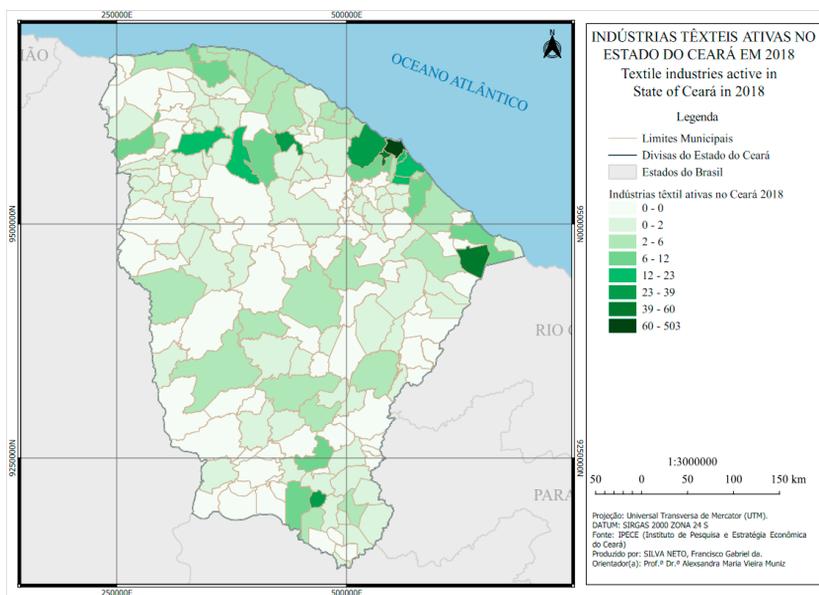
Fonte: MTE/RAIS.

* Somente os estabelecimentos com algum vínculo empregatício.

Como pode ser visto na Tabela 3, de um total de 30.878 indústrias têxteis no estado, 26.920 se encontram na RMF, que exprime contínuo crescimento de 2002 a 2012.

A concentração da indústria têxtil em escala local expõe as contradições do capitalismo em meio a um contexto global de desconcentração industrial, uma vez que, das 707 indústrias têxteis no espaço cearense, este crescimento fabril têxtil é significativo na RMF, notadamente na capital (299 indústrias têxteis), conforme pode ser constatado nos dados do último Anuário Estatístico do Ceará de 2017.

A produção industrial têxtil ocorre de forma concentrada na capital e vem apresentando crescimento, já que, em 2004, de um total de 392 indústrias têxteis, 145 se faziam presentes em Fortaleza, conforme dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – Ipece (2006). Mesmo com a propaganda de interiorização industrial pelo governo estadual e a despeito da descentralização industrial mundial, este crescimento concentrado tem sido contínuo.



Mapa 1 – Indústrias Têxteis Ativas no Estado do Ceará em 2018

A análise da espacialização das indústrias têxteis ativas no estado do Ceará (Mapa 1) só reforça como a instalação de estabelecimentos industriais deste gênero, no estado, ocorre de forma concentrada.

Os dados estatísticos confirmam a análise em campo, já que no estado do Ceará o destaque para produção têxtil depois da RMF (com preponderância da capital) é o município de Jaguaruana. Embora Aracati hoje não seja mais lembrado como o lugar da produção voltada ao beneficiamento da matéria-prima algodão, este destaque se encontra no município de Jaguaruana.

Embora Fortaleza não se destaque no PIB industrial, sendo o município com maior representatividade no setor de serviços (86%), o menor no setor agropecuário (0,11%), conforme últimos dados do PIB (2018), é na capital onde estão concentradas as indústrias com um total de 22.198 ativas, conforme últimos dados do Ipece quanto aos setores produtivos de 2019. Quanto ao uso do espaço industrial na RMF, do total de 32.305 indústrias na RMF, em 2019, percebemos que, embora

todos os municípios tenham indicado crescimento no quantitativo industrial, ainda permanece na capital a maior concentração industrial. Por outro lado, embora venha aumentando este quantitativo, o ritmo de crescimento industrial de Fortaleza é cada vez menor.

Diante deste contexto, busca-se, na sequência, responder ao questionamento: Como a atividade industrial têxtil participa da produção do espaço urbano de Fortaleza, como antigo espaço da produção industrial têxtil?

A INDÚSTRIA TÊXTIL NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE FORTALEZA

1 Fortaleza: espaço tradicional da produção industrial têxtil

Ainda no século XVIII, Fortaleza ocupava função predominantemente militar (GIRÃO, 1975), pois se tratava de uma pequena aglomeração com comércio e porto de pouca importância.

Um dos espaços de destaque na rede urbana cearense era Aracati.

[...] estando a província sob o domínio da pecuária e sob a dependência comercial de Pernambuco, a vila de Aracati desempenhava o papel de principal polo comercial. Situada próximo à foz do rio Jaguaribe, centro por excelência das charqueadas, a vila servia como intermediária nas trocas mercantis com a praça de Recife. A ela articulada, encontrava-se a vila de Icó que, localizada no alto sertão, às margens do mesmo rio, drenava toda a produção da região do Jaguaribe (TAKEYA, 1995, p. 96).

Como ratifica Girão (2000):

Era, de fato, o Aracati o ponto obrigatório do comércio com Pernambuco; por ele saíam a maior parte dos gêneros de exportação e entravam os artigos de importação com que se supriam as ribeiras do Jaguaribe, do Icó, do Crato e do Inhamuns, através do centro de distribuição que era a vila do Icó [...]. Mais tarde, fazendo intercâmbio direto e por terra com Recife e Campina Grande, transformar-se-ia num empório comercial de primeira grandeza (GIRÃO, R. 2000).

Em meados do século XIX, o algodão passou a ser o principal produto de exportação, sendo notória a importância que teve seu cultivo e beneficiamento para o destaque de cidades cearenses.

O desenvolvimento da lavoura algodoeira e a colocação desse produto no mercado internacional provocaram a projeção de Fortaleza como centro urbano. Pouco a pouco, a capital cearense foi adquirindo destaque entre as cidades do estado e, posteriormente, entre as cidades brasileiras (SILVA, 2002, p. 229).

Alguns acontecimentos contribuíram para que, a partir da segunda metade do século XIX, Fortaleza se tornasse o polo econômico-social do Ceará, ao passo que as outras vilas ficaram com suas economias comprometidas, isto, dentre outras coisas, em razão dos investimentos realizados, em particular, no porto de Fortaleza, e também com a construção de uma via férrea:

As melhorias que se seguiram em seu porto, a implantação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité (1873) e a multiplicação de firmas estrangeiras concorreram para esse inédito crescimento comercial e para a constituição da cidade enquanto mercado de trabalho urbano (PONTES, 1999, p. 14).

No lugar do porto de Aracati, que no passado estava ligado ao couro e ao charque, o porto de Fortaleza foi escolhido como local de exportação.

Com a introdução da cultura algodoeira no Ceará – no momento da Guerra Civil americana, que impediu os Estados Unidos da América de atender a demanda europeia –, este quadro se reverte a favor de Fortaleza, adquirindo seu porto uma importância fundamental no estabelecimento de relações hierárquicas entre esta cidade e os demais municípios cearenses (DANTAS, 2006, p. 271).

Conforme Silva (2013, s./p.),

A construção da estrada de ferro de Baturité e a conexão do trem com o porto marcam o período da economia calcada no cultivo do algodão num contexto muito favorável ao Ceará e a Fortaleza. A cidade abre-se ao mundo e amplia sua relação com o sertão (ANUÁRIO DE FORTALEZA. Conhecendo Fortaleza, 2012-2013).

A construção da primeira linha férrea, Baturité-Fortaleza, e a abertura de estradas (a implantação de um sistema viário) interligando a capital com o restante do estado, fazia convergir para a mesma praticamente toda a produção estadual (LIMA, 2002).

Fortaleza obtém um papel privilegiado nesta rede urbana, transformando-se, com a concentração da produção algodoeira para exportação e das primeiras indústrias têxteis, no principal centro urbano do Ceará e cujo devenir está umbilicalmente ligado ao Sertão (DANTAS, 2006, p. 271).

Desta forma,

com o aproveitamento industrial do algodão, através de indústrias de tecidos em Fortaleza, inicia-se o período fabril cearense e a capital, além de exercer o papel de grande centro coletor e beneficiador de produtos primários, torna-se, aos poucos, centro de transformação da produção primária (SILVA, 1994, p. 87).

Assim, “[...] funda-se a primeira indústria de tecidos de Fortaleza – a Fábrica de Tecidos Progresso – que começou a funcionar regularmente a partir de 1884, com a chegada das máquinas da Inglaterra.” (AMORA, 1978, p. 14-15).

Quanto à importância de Fortaleza no espaço cearense como espaço da produção industrial têxtil, podemos constatar no Quadro 1 que, das seis indústrias têxteis existentes até o final do século XIX, somente uma, a Fábrica Progresso, foi fundada na década de 1880, quatro se instalam em Fortaleza e duas outras fora da capital: a Fábrica Santa Teresa, que, em 1893, foi fundada em Aracati e a Fábrica de Tecidos Sobral fundada em Sobral, em 1895.

Na expressão de Elizabeth Aragão (1989, p. 20),

[...] a indústria têxtil no Ceará, considerando exclusivamente o Setor de Fiação e Tecelagem, se instala a partir da década de 80 do século passado, percorrendo um período de efervescência que se prolonga até 1930, o qual permanece substancialmente inalterado até os meados de 1950. De 1930 a 1940 ela vive momentos de fraco crescimento-estagnação e, a partir de 1939, é revitalizada com a explosão da Segunda Guerra Mundial, parando gradualmente na década de 1950.

Dentre as indústrias existentes até 1945, Aragão (2002) explicita.

QUADRO 5 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS EXISTENTES ATÉ 1945

INDÚSTRIA	DATA DA FUNDAÇÃO	LOCALIZAÇÃO
FÁBRICA PROGRESSO	1882	FORTALEZA
CIA. FABRIL DE TECIDOS UNIÃO COM.	1891	FORTALEZA
CIA. FABRIL CEARENSE DE MEIAS	1891	FORTALEZA
FÁBRICA CEARÁ INDUSTRIAL	1894	FORTALEZA
FÁBRICA SANTA TERESA	1893	ARACATI
FÁBRICA SOBRAL	1895	SOBRAL
FÁBRICA SANTA ELISA	1904	FORTALEZA
USINA GURGEL	1916	FORTALEZA
FÁBRICA SANTA MARIA	1918	FORTALEZA
FÁBRICA MARANGUAPE	1924	FORTALEZA
FÁBRICA SANTO ANTÔNIO	1925	FORTALEZA
FÁBRICA SÃO LUÍS	1925	FORTALEZA
FÁBRICA SÃO JOSÉ	1926	FORTALEZA
FÁBRICA BATURITÉ	1927	FORTALEZA
FÁBRICA SANTA CECÍLIA	1945	FORTALEZA

Fonte: Aragão (2002, p. 76), adaptado por Muniz (2014)

Pelos dados deste quadro, percebemos o impulso à instalação de indústrias têxteis em inúmeros municípios cearenses como Sobral, Aracati e, notadamente, Fortaleza.

Conforme Amora (2005, p. 372), “na década de 1950, as indústrias praticamente desaparecem, restando apenas alguns marcos como a Fábrica de Tecidos Progresso, sediada em Fortaleza”. Uma vez que o Plano de Metas beneficiava o Centro-Sul do Brasil, a ausência de um parque industrial moderno e dinâmico dificultou a inserção do

Nordeste na economia nacional e internacional no início dos anos de 1950 e, somente com a implantação do Estado Desenvolvimentista, nos anos de 1960, é que se buscaram as condições para um melhor desempenho das forças produtivas nessa região.

Fortaleza, que tinha primordialmente papel administrativo, comercial e de prestadora de serviços, com o crescimento industrial amplia suas funções.

Até a década de 1970, a maior concentração industrial localizava-se nos bairros Antônio Bezerra, Mucuripe, Parangaba, na Av. Francisco Sá e bairros ao longo desta, como também no entorno da via férrea, atraindo grande contingente de migrantes.

Como afirma Silva (2005, p.103), “em termos demográficos, a aglomeração de Fortaleza é constituída majoritariamente de migrantes que vivem em condições precárias em sua vasta periferia urbana”.

Estes migrantes se fixaram de forma desordenada, contribuindo para a expansão da cidade de Fortaleza sem um adequado planejamento. Silva (2009, p.132) faz uma relação entre os migrantes que afluíram a Fortaleza e o fenômeno que denominou de favelização, qual seja:

A origem do processo de favelização de Fortaleza está ligada aos constantes deslocamentos de lavradores sem terra e pequenos proprietários que se dirigem para a cidade devido à rigidez da estrutura fundiária, que praticamente impede o acesso desses lavradores a terra e a outros meios de produção. Nos períodos de estiagem mais prolongados, esse processo se intensifica. [...] A cidade de Fortaleza, com a sua condição de capital, constitui uma espécie de refúgio, à medida que se torna praticamente impossível a permanência no interior.

O crescimento da Zona Industrial da Francisco Sá deu-se de maneira espontânea e não obedeceu a nenhum planejamento urbanístico.

O crescimento desordenado de Fortaleza se intensificou a partir das décadas de 1940 e 1950, quando a população passou a ocupar áreas próximas aos centros industriais e comerciais, ocasionando o aumento e a concentração de favelas (BERNAL, 2004, p. 157).

Fortaleza continua denotando um elevado contingente populacional de 2.703.391 habitantes (população estimada, IBGE, 2021), ratificando seu crescimento, notadamente macrocefálico.

É um inchaço descontrolado. Histórico. [...] Em 50 anos, a população da capital saltou de 514.818 habitantes para 2.447.409. Em 1960, representava apenas 15,62% de todo o estado. Hoje equivale a um terço dos 8.448.055 cearenses. Pelas contas do IBGE, a cidade tem o sexto menor território dentre as capitais brasileiras. Fica atrás apenas de Recife (PE), João Pessoa (PB), Natal (RN), Vitória (ES) e Aracaju (SE). Em contrapartida, possui a quinta maior população. Somente São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA) e Brasília (DF) têm mais habitantes do que Fortaleza (O POVO. “Nem é um horror, nem é uma maravilha”. 31 de janeiro de 2011).

De 2000 em diante, porém, o ritmo de crescimento da população na capital se reduz, reflexo de uma série de fatores que envolvem o crescimento de cidades médias: a difusão do ensino técnico e científico, a crescente especulação imobiliária, a política habitacional, assim como industrial, turística e de investimentos voltado ao agronegócio.

Entretanto, Fortaleza, além da concentração demográfica, ainda centraliza os investimentos da RMF, mesmo com a extensão do tecido urbano e a descentralização que acompanha a lógica global.

Analisando dados do Guia Industrial do Ceará (GIC/2014), juntamente com a pesquisa de campo, podemos afirmar que há preferência das indústrias modernas pelos municípios próximos a Fortaleza, permanecendo na capital o maior quantitativo das indústrias tradicionais. Algumas destas indústrias tradicionais encontram-se nos antigos espaços de desenvolvimento do capital industrial. Como exemplo, podemos ver na Tabela 4 abaixo.

TABELA 4 – INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO ATIVAS EM FORTALEZA – 2014

IRACEMA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CASTANHAS DE CAJU LTDA.	AV. FRANCISCO SÁ
METALGRÁFICA CEARENSE S.A. – MECESA	ELLERY
BERTUZZI COMÉRCIO E BENEFICIAMENTO DE TECIDOS LTDA.	N. S. DAS GRAÇAS/PIRAMBU
GRENDENE S.A.	BARRA DO CEARÁ

Continuação

CALÇADOS SHUZ LTDA.	BARRA DO CEARÁ
ACAPEL INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.	BARRA DO CEARÁ
CASTANHA DE CAJU INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.	BARRA DO CEARÁ
COMPANHIA BRASILEIRA DE RESINAS RESIBRAS	BARRA DO CEARÁ
FIMATEX BENEFICIAMENTO TÊXTEL LTDA.	BARRA DO CEARÁ
POLLY CONFECÇÕES LTDA.	QUINTINO CUNHA
DIMI INDÚSTRIA TÊXTEL LTDA.	JACARECANGA
ISATEX INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE TÊXTEIS LTDA.	JACARECANGA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS DOLMINE LTDA.	CENTRO
PENA SURFWEAR	CENTRO
GRANDE MOINHO CEARENSE S.A.	CAIS DO PORTO/ SERVILUZ
J. MACEDO S.A.	MUCURIPE/ VICENTE PINZON
MOINHO DIAS BRANCO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ALIMENTOS LTDA.	MUCURIPE
BENATÊXTEL BENEFICIAMENTO TÊXTEL LTDA.	PARANGABA
TBM – TÊXTEL BEZERRA DE MENEZES S.A.	AV. DOS EXPEDICIONÁRIOS/ ITAPERI
COATS CORRENTE LTDA.	SERRINHA
FÁBRICA DE REDES ISAAC LTDA.	SERRINHA E EM JAGUARUANA
COMPANHIA INDUSTRIAL DE ÓLEOS DO NORDESTE – CIONE	AV. MISTER HULL/ANTONIO BEZERRA

EMPESCA ALIMENTOS LTDA.	AV. MISTER HULL/ANTÔNIO BEZERRA
STIK ELÁSTICOS	AUTRAN NUNES
UNITEXTIL	DOM LUSTOSA
COOPERATIVA DOS PRODUTORES DE LINHO E OUTROS TÊXTEIS PARA ITAPAJÉ	PRESIDENTE KENNEDY
COURO FINO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ARTEFATOS DE COURO LTDA.	PARQUELÂNDIA
DIVINAL INDÚSTRIA DE ARTEFATOS TÊXTEIS LTDA.	MESSEJANA
YPIÓCA AGROINDUSTRIAL LTDA./DIAGEO	MESSEJANA
YPIÓCA ÁGUAS MINERIAS INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.	LAGOA REDONDA
FORTE FIO DO NORDESTE	JOSÉ WALTER
INDÚSTRIA TÊXTIL MARINA LTDA.	BOM JARDIM
TÊXTIL JM INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.	BOM JARDIM
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS DAVID LTDA.	MONTESE
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CALÇADOS FORTALEZA LTDA.	MONTESE
TECELAGEM UNIÃO LTDA.	MONTESE
MAIS SABOR INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BEBIDAS LTDA.	VILA UNIÃO E EM PACATUBA
LISIEUX TÊXTIL LTDA.	AV. AGUANAMBI

Fonte: Guia Industrial do Ceará (GIC), 2014.

Elaboração: MUNIZ, 2014

Percebemos, pela análise da Tabela 4, indústrias que utilizavam a matéria-prima local, como a oiticica, o algodão, a castanha de caju, e continuam presentes em Fortaleza.

A concentração de indústrias pautadas em novas tecnologias, as de gêneros tradicionais, como a têxtil, são as que predominam, mesmo com a decadência da cultura do algodão, uma vez que, desde o fim da

década de 1970, a praga do bicudo (*Anthonomus grandis*) começou a atacar as colheitas cearenses de algodão e, “de forma surpreendente, os obstáculos conjunturais e naturais levaram praticamente ao fim da cultura do algodão no Ceará, ao longo dos anos 1990” (ARAGÃO, 2002, p.106). Para saber quais indústrias estão representadas na tipologia do quantitativo industrial têxtil e de trabalhadores, foi preciso proceder à análise dos dados do GIC, o que nos permitiu a elaboração a seguir (Tabela 5), que constitui algumas das indústrias que compõem o parque industrial têxtil da capital.

TABELA 5 – INDÚSTRIAS TÊXTEIS ATIVAS EM FORTALEZA – 2014

INDÚSTRIA	MUNICÍPIO	PRINCIPAL EXECUTIVO	PRODUTO	EMP.	FAIXA DE FATURAMENTO	IMP.	EXP.
BENATEXTEIL	FORTALEZA	JOSÉ HILCATA HOLANDA PINHEIRO	ACABAMENTOS, TINGIMENTOS	64	0 A 150.000	SIM	NÃO
BERTUZZI COMÉRCIO E BENEFICIAMENTO DE TECIDOS	FORTALEZA	ANTONIO DOMINGOS BERTUZZO	ESTAMPAS EM TECIDOS. FABRICAÇÃO DE FIOS E TECIDOS E OUTROS TECIDOS DE MALHA DE ALGODÃO	15	0 A 150.000	NÃO	NÃO
COATS CORRENTE	FORTALEZA	GILMAR V. NABANETE	FIOS, LINHAS ZÍPER	2800	800.001 A 1.500.000	SIM	SIM
COPLI	FORTALEZA	FRANCISCO BATISTA DE ARAÚJO	FIO DE ALGODÃO	150	6.000.001 A 12.000.000	NÃO	NÃO
DIVINAL INDÚSTRIA E ARTEFATOS TÊXTEIS	FORTALEZA	JOSE WELLINGTON DE FREITAS MELO	FIOS DE OUTRAS FIBRAS TÊXTEIS LIBERIANAS, SIM PLES	11	1.500.001 A 3.000.000	NÃO	NÃO

Continuação

FÁBRICA DE REDES ISAAC	FORTALEZA	ANTONIO JOSE CARVALHO DE VASCONCELOS	MANTAS, REDES PANOS, REDES	30	0 A 150.000	SIM	SIM
FIMATEX BENEFICIAMENTO TÊXTIL LTDA.	FORTALEZA	ADRIANO ALBERTO DALL OLIO	ACABAMENTO, TINGIMENTOS	50	1.500.001 A 3.000.000	NÃO	NÃO
FORTE FIO DO NORDESTE	FORTALEZA	EDICLE MUNIZ PEREIRA	FIBRAS DE POLIPROPILENO, NÃO CARDADAS, NÃO PENTEADAS ETC. REDES	1	0 A 150.000	SIM	NÃO
INDÚSTRIA TÊXTIL MARINA	FORTALEZA	JAIME ALEJANDRO PICARTE DIAZ	MALHAS	6	150.001 A 800.000	NÃO	NÃO
INDÚSTRIA DE REDES SANTA LÚCIA LTDA. - ME	FORTALEZA	ANA ESTHER PONTE VASCONCELOS PEREIRA	FABRICAÇÃO DE REDES	5	0 A 150.000	NÃO	NÃO

Continuação

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE REDES VITÓRIA LTDA.	FORTALEZA	JOAQUIM MATIAS SANTIAGO FILHO	ALMOFADAS, CORTINAS, COLCHAS, CORTINADOS, FRONHAS, REDES	6	0 A 150.000	NÃO	NÃO
LISIEUX TÊXTIL	FORTALEZA	FRANCISCO DA SILVA SOUSA	OUTROS TECIDOS DE ALGODÃO, BRANQUEADOS, CRUS, TECIDOS DE LINHO	35	800.001 A 1.500.000	SIM	NÃO
REDES CATEDRAL COMÉRCIO E EXPORTAÇÃO LTDA. – EPP	FORTALEZA	AMARILDO REBOUÇAS MOREIRA	REDES	5	0 A 150.000	SIM	SIM
REDES JANY	FORTALEZA	JOSÉ REBOUÇAS FILHO	REDES	100	0 A 150.000	NÃO	NÃO
REDES ZABA	FORTALEZA	LILIAN VERÔNICA ZABA CAVALCANTE	REDES E CAPA PARA COLCHÃO E COLCHAS	8	0 A 150.000	NÃO	NÃO
REDES MOURA	FORTALEZA	ÉLIETE MARIA GOIS DE SOUSA	OUTRAS REDES DE MATERIAIS TÊXTEIS SINTÉTICO E ARTIFICIAL	4	0 A 150.000	NÃO	NÃO

Continuação

TÊXTIL BEZERRA DE MENEZES S.A.	FORTALEZA	IVAN JOSÉ BEZERRA DE MENEZES	FIO PARA MALHAS	2.000	10.000.000 0 A 250.000.000	SIM	SIM
TECELAGEM UNIÃO	FORTALEZA	ANTONIO EVANDRO FELIX DE ARAUJO	PANOS, REDES, TAPETES	3	800.001 A 1.500.000	SIM	NÃO
TÊXTIL J M INDÚSTRIA E COMÉRCIO	FORTALEZA	JAIME ALEJANDRO PICARTE DIAZ	CAMISAS, FARDAMENTOS, TECIDOS DE ALGODÃO, TECIDOS DE MALHA	7	800.001 A 1.500.000	SIM	NÃO
UNITEXTIL S.A.	FORTALEZA	ELIANA MARIA DINIZ PINHEIRO	OUTROS TECIDOS DE ALGODÃO CRU	278	25.000.000 A 50.000.000	SIM	SIM
PASSAMANARIA DO NORDESTE S.A/STIK ELÁSTICOS	FORTALEZA	FRANCISCO JOSÉ FERNANDES FONTENELLE	ELÁSTICOS	500	25.000.000 A 50.000.000	SIM	NÃO
ELIOSMAR INDÚSTRIA COMÉRCIO DE ESTOPA LTDA.	FORTALEZA	JOSÉ ELIOMAR PEIXE DE CASTRO	ESTOPAS	6	0 A 150.000	NÃO	NÃO

J. SILVIO GIRÃO – ME	FORTALEZA	JOSÉ SILVIO GIRÃO	ESTOPAS, TRAPÓS E RESÍDUOS TÊXTEIS	3	0 A 150.000	NÃO	NÃO
GERARDO MACHADO NOGUEIRA JUNIOR – ME	FORTALEZA	GERARDO MACHADO NOGUEIRA JUNIOR	FIOS DE SEDA	28	0 A 150.000	NÃO	NÃO
LILIANA MARIA DE SOUZA – ME	FORTALEZA	LILIANA MARIA AFIO DE SOUZA	PRODUÇÃO DE CADARÇOS E FITAS	10	0 A 150.000	NÃO	NÃO
PEDRO CANDIDO DE CARVALHO – ME	FORTALEZA	PEDRO CÂNDIDO DE CARVALHO	FIOS E CORTINAS EM GERAL	2	0 A 150.000	NÃO	NÃO
ORTEX ORGANIZAÇÃO TÊXTIL INDÚSTRIA E COMÉRCIO E CORRETAGEM LTDA.	FORTALEZA	ROBERTO FREDERICO GENTIL FILOMENO GOMES	FIOS, ARTEFATOS TÊXTEIS	3	0 A 150.000	NÃO	NÃO
MONTENEGRO E CIA. LTDA.	FORTALEZA	MARCOS SILVA MONTENEGRO	CAROÇO, PLUMA, PLUMAS DE ALCODÃO	10	0 A 150.000	NÃO	NÃO

Continuação

MEMBRATEC TECNOLOGIA EM COBERTURA LTDA. – ME	FORTALEZA	JOÃO GABRIEL MAIA COSTA	TECIDOS DE OUTRAS FIBRAS TÊXTEIS LIBERIANAS CRUS	5	0 A 150.000	NÃO	NÃO
LUCIA MARIA FERREIRA PINHEIRO – ME	FORTALEZA	LUCIA MARIA FERREIRA PINHEIRO	PREPARAÇÕES PARA TRATAMENTO DE MATERIAL TÊXTIL	9	0 A 150.000	NÃO	NÃO

Fonte: Guia Industrial, 2014. Organização: MUNIZ, 2014

A Tabela 5 revela um crescimento plural do capital industrial têxtil, com a existência de indústrias tanto grandes como médias e pequenas.

Adicionalmente, temos a oferta de incentivos e a infraestrutura patrocinada pelo poder público nos espaços selecionados para instalação de um aglomerado de estabelecimentos industriais que levaram também indústrias de médio porte a assumirem o atual arranjo organizacional no espaço.

O que ocorre é uma difusão da indústria têxtil no espaço intraurbano da capital, com uma conseqüente extensão para algumas cidades do espaço metropolitano.

As pequenas indústrias e algumas médias que permanecem no espaço intraurbano da capital geralmente não necessitam ou já dispõem de amplo espaço de ocupação na periferia da cidade, com terrenos baratos e mão de obra no entorno, além da proximidade de portos, aeroportos e rodovias para escoar a produção.

A diversidade na caracterização das indústrias têxteis na RMF se dá não somente pelo porte, mas também pelo tipo de produção, pelo nível de empregabilidade, pela origem do capital (local e externo), como também pela faixa de faturamento e pelo tipo de sociedade.

Quanto ao tipo de produção, enquanto a tendência é a crescente produção de malharia, o destaque maior é a produção de fios, seguida de tecidos de algodão.

Ao contrário de São Paulo, onde ocorre o deslocamento de grande número de indústrias para outras cidades, permanece na capital a gestão da produção. Em Fortaleza, dada sua particularidade, as indústrias continuam concentradas na capital, ocorrendo nas últimas décadas a atração de indústrias do Sul e Sudeste para a RMF, mas para aquelas que já estão instaladas na capital e não demandam tanto espaço para sua produção, o deslocamento representa aumento de custos, “deseconomia”.

Conforme análise do GIC (2014), o município de Fortaleza é o que se destaca na produção industrial têxtil, com 70 indústrias que chegam a faturar até 250.000.000.

Mesmo que o faturamento varie numa faixa até 250.000.000,

predominam, na capital, as indústrias têxteis com faixa de faturamento de até 150.000, ou seja, as pequenas indústrias, embora também possamos encontrar médias e grandes.

Segundo o GIC (2014), as indústrias que mais empregam são: TBM com 2.000 trabalhadores, Coats Corrente com 2.800 e a Passamanaria com 500 trabalhadores.

Apesar da escassez de dados que resgatem o desenvolvimento da indústria têxtil, cabe destacar a representatividade da Fábrica de Tecidos São José, que produzia tecidos grossos como algodãozinho, mescla e lonita, bem como fios e redes populares.

Conforme Aragão (2002, p. 184), esta fábrica ocupava “área de 10.000 m², no bairro de Jacarecanga, em Fortaleza, estando equipada com maquinaria moderníssima oriunda da Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos, com capacidade para 6.800 fusos, ocupando 300 operários sob a direção de técnicos ingleses”.

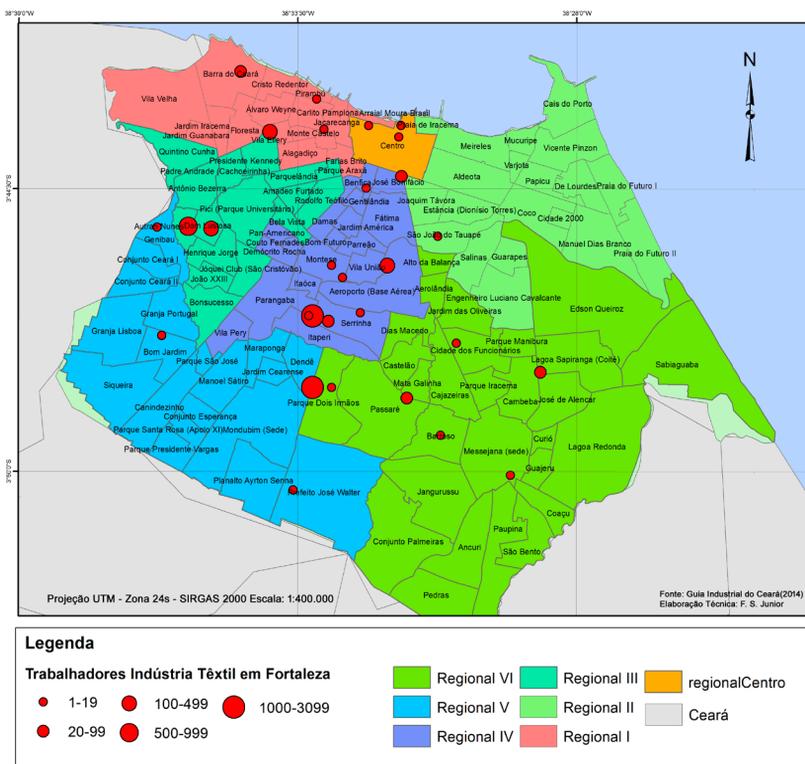
O maior número de operários se revela também após sua fundação: “Tal empreendimento teve grande expressão social e econômica, considerando que no período da 2ª Guerra Mundial empregava um contingente de 1.050 funcionários.” (ARAGÃO, 2002, p. 79).

O impacto das indústrias têxteis, além dos aspectos técnicos, econômicos e sociais, se faz perceber notadamente no espaço, mediante a produção e reprodução espacial com as inter-relações capital e trabalho sob mediação das forças produtivas e relações sociais de produção.

A construção de vilas operárias para a reprodução da classe trabalhadora por meio das indústrias têxteis (como a São José, Baturité, as do grupo A. D. Siqueira, a Fábrica Santa Teresa, Santa Cecília, Sobral e Progresso) revela as interações na dinâmica urbana da capital, uma vez que as vilas operárias continuaram se transformando, acompanhando a expansão da cidade.

[...] o setor de fiação e tecelagem implantou-se no fim do século XIX, mas é somente a partir de 1920 que surgem as vilas operárias. Isso se explica pelo fato de que é nesse momento que o setor busca sua expansão e a organização de sua produção de forma mais sistemática e contínua (ANDRADE, 1990, p. 283).

Por meio da espacialização dos trabalhadores das indústrias têxteis, pudemos analisar onde estes se concentram na capital (Mapa 2).



Mapa 2 – Mapa dos Trabalhadores das Indústrias Têxteis em Fortaleza

Pela análise do mapa, identificamos os bairros onde se encontram os trabalhadores das indústrias têxteis, quais sejam: Autran Nunes, Dom Lustosa, Presidente Kennedy (pertencentes à Regional III, onde se encontra a Unitextil e várias indústrias de confecção), Bom Jardim, José Walter, Genibaú (Regional V), Barra do Ceará, N. Senhora das Graças, Monte Castelo (Regional I), Serrinha, Itaperi, Benfica, Montese, José Bonifácio, Vila União (Regional IV), Castelão, Cidade dos Funcionários, Messejana, Parque Dois Irmãos, Barroso (Regional VI), ou seja, em quase todas as secretarias executivas regionais podem

ser encontrados trabalhadores das indústrias têxteis. A “Regional II” foi a única onde não encontramos número considerável de trabalhadores (somente em São João do Tauape) da indústria têxtil, já que esta regional é composta por uma população com maior poder aquisitivo.

Pelo quantitativo de operários, construímos uma série com cinco intervalos variados, quais sejam: 1 a 19 operários (é o que mais se evidencia nos bairros de Fortaleza; com 19 ocorrências temos até 19 operários do setor têxtil dispersos em vários bairros da cidade); de 20 a 99 (é nos bairros José Bonifácio, Barra do Ceará, Serrinha, Pirambu e Castelão, onde podemos encontrar até 99 empregados em indústrias têxteis, como a Liseux Têxtil, a Fimatex, a Redes Isaac e a Benatextil, sendo de, no máximo, cinco ocorrências); de 100 a 499 (podemos encontrar nos bairros onde estão indústrias têxteis como a Unitextil, a Redes Jany e a Copli, ou seja, nos bairros Dom Lustosa, Vila União e Presidente Kennedy com até 500 operários voltados ao setor têxtil, tendo sido encontradas três ocorrências); de 500 a 999 (a partir de 500 operários, temos o bairro Autran Nunes, com a presença da Passamanaria); e de 1000 a 3099 (o maior número de operários são nos bairros Itaperi e Serrinha, onde se encontram duas indústrias têxteis de grande porte: a TBM a Coats Corrente).

A indústria que tem o maior número de trabalhadores chegando a 2.000 é a TBM, no bairro Itaperi e, em segundo lugar, a Unitextil, no bairro Dom Lustosa, com 278 trabalhadores, uma vez que a Passamanaria, mesmo com 500 trabalhadores, e a Coats Corrente com 2.800, e, embora sejam classificadas como do setor têxtil, tem como carro-chefe a produção de elásticos, linhas e zíperes, ou seja, atuam mais no ramo de aviamentos.

O maior número de trabalhadores está disperso ao oeste da capital, acompanhando a existência das indústrias têxteis que também estão dispersas e em maior número ao oeste de Fortaleza, onde as primeiras indústrias têxteis se alocaram.

Mesmo diante deste quantitativo de trabalhadores no setor industrial, a metrópole de Fortaleza, como analisamos no início deste capítulo, não se firma como cidade industrial, mas avança como cidade

do terciário, em razão do crescimento do comércio e dos serviços, das atividades ligadas ao turismo, ao mercado imobiliário e ao agronegócio, atendendo, na maioria das vezes, às demandas espaciais que ultrapassam as fronteiras do Ceará e do Brasil.

Como afirma Souza (2006, p. 33), “Verificamos hoje a existência da metrópole industrial dando lugar à metrópole transacional. Já dizia Milton: a metrópole está presente em todas as partes do país no mesmo momento; neste sentido, há uma dissolução da metrópole; há uma onipresença”.

Se São Paulo é a metrópole completa do Brasil, pois, além de ter pujança econômica, suas indústrias abastecem os mais distantes rincões nacionais, exportando para os países vizinhos em volume significativo, podemos, então, afirmar que Fortaleza é uma metrópole industrial incompleta?

Observa-se que Fortaleza expande sua zona de influência, sua hinterlândia, já que, com os atuais sistemas técnicos, a rede de cidades tomou variados contornos pelo abandono da antiga rede urbana em que a hierarquia se dava entre as cidades vizinhas da maior para a menor; hoje são várias as redes que se articulam a espaços cada vez mais longínquos. Isto pode ser constatado pela rede de relações que Fortaleza mantém, seja para distribuição final da produção, seja para suprir as demandas das diversas etapas da produção.

Quanto à concentração industrial da produção têxtil, Fortaleza se mostra como espaço atraente para este tipo de indústria pelo fato da capital concentrar os equipamentos urbanos, os sistemas técnicos necessários à produção e denotar facilidade de escoamento da produção para o mercado nacional e global.

A indústria têxtil, mesmo se mantendo concentrada na capital e em sua hinterlândia, mantém relações com várias escalas espaciais, não obedecendo mais aos antigos padrões espaciais de hierarquia urbana, como veremos no caso da indústria Unitextil.

2 Refuncionalização de antigos espaços industriais de Fortaleza

Apesar da propaganda de interiorização industrial pelo governo estadual e a despeito do processo de descentralização industrial mundial

e a consequente dispersão da produção, o que ocorre na metrópole de Fortaleza é o processo de desconcentração ou mesmo descentralização industrial da zona oeste de Fortaleza e a consequente difusão para a RMF que, no atual contexto, é o *locus* crescente do capital industrial, reflexo da política industrial do estado de incentivo à alocação para municípios adjacentes da capital.

Com a descentralização industrial da zona oeste de Fortaleza, observamos, em pesquisa realizada por Muniz (2002), uma reconfiguração espacial, uma nova função exercida por este espaço que deixa de ser predominantemente de sustentação e valorização industrial ao mesmo tempo em que se transforma em espaço residencial, de comércio e serviços. Observamos ainda na zona oeste o crescimento de subcentros comerciais, visando distribuir uma gama de produtos para um crescente mercado consumidor, constituído predominantemente por assalariados.

Podemos afirmar, pois, que não há mais a concentração de trabalhadores somente nos espaços de tradição no desenvolvimento industrial na capital, como as antigas zonas industriais, mas foi na parte oeste da cidade, notadamente nos bairros pertencentes à Regional I, onde se instalaram as primeiras indústrias na primeira metade do século XX.

Assim, a Av. Francisco Sá, que se estende desde o bairro Jacarecanga até a Barra do Ceará, durante as décadas de 1960 e 1970 foi um dos espaços mais industrializados da cidade. Esta zona industrial cresceu fortemente, em particular por conta das indústrias têxteis e de extração de óleos vegetais. Segundo Madeira e Costa (2005), essa concentração industrial na zona oeste da cidade estava relacionada com a presença da via férrea, que realizava o escoamento da produção agropecuária e atraiu a fixação de estabelecimentos fabris.

Na disposição espacial da zona industrial da Francisco Sá, tinha-se a intenção da fumaça das chaminés das fábricas serem levadas para o mar e não para os casarões da burguesia, como diz Pereira Júnior (2011, p. 286): “[...] o vento no litoral de Fortaleza sopra de leste para oeste; esse arranjo favoreceu as classes mais abastadas”. Assim como a Aldeota, Jacarecanga era um bairro nobre, que abrigava a elite de comerciantes e industriais, onde podemos ainda encontrar em sua paisagem urbana a

presença de alguns casarões remanescentes daquele período. Hoje, este espaço é predominantemente residencial, comercial e de serviços.

[...] na região oeste (Moura Brasil, Jacarecanga, Pirambu, Barra do Ceará), tanto a área residencial como a comercial vêm apresentando um crescimento acelerado desde 1996, tendo em vista o esgotamento dos terrenos das praias da região leste e pelas obras de expansão da Leste-Oeste e construção da ponte sobre o rio Ceará. [...] A expansão urbana na região oeste ocorre em direção à Barra do Ceará, através do eixo leste-oeste, traçado da Av. Presidente Castelo Branco, área bem-dotada de comércio e serviços, onde predomina o tipo de ocupação mista com comércio ou 'indústria de fundo de quintal' e residência no pavimento superior (BERNAL, 2004, p. 172).

Mesmo com a transferência de muitas indústrias para o D.I. de Maracanaú, ao contrário do que se pensa, não ocorre na Av. Francisco Sá um processo de desindustrialização. Ainda podemos encontrar indústrias de grande porte como a Ironte, a Grendene, a Mecesa, a Resibras. Vale lembrar, todavia, que muitas indústrias não se encontram mais na avenida principal, mas em ruas paralelas ou transversais à Francisco Sá, permanecendo na avenida uma série de fixos voltados para capacitação de operários (Senai), além de serviços de assistência médica e educacional (Sesi) para operários e seus dependentes.

Ocorre uma requalificação dos bairros ao longo da avenida e, com a crescente especulação imobiliária, surgem condomínios residenciais e, também, existem os conjuntos habitacionais populares, onde se alocam as famílias de baixa renda.

No terreno da antiga indústria Esmaltec, que atualmente se encontra em Maracanaú, foi instalado o Residencial Padre Hélio Campos, localizado na Av. Francisco Sá com a Rua Graça Aranha. Foi o primeiro conjunto habitacional dos quatro construídos para o reassentamento de 1.434 famílias residentes em Áreas de Preservação Permanente (APPs) e nas áreas de risco do litoral oeste de Fortaleza, como parte do Projeto Vila do Mar (Fotos 6 e 7).



Foto 6 e 7– Habitação popular

Fonte: AUTORES, 2012

Enquanto são reassentadas famílias em antigos espaços industriais, ocorre a requalificação de bairros onde residiam (e alguns ainda residem) operários das indústrias que se localizavam nas proximidades da avenida principal. No que concerne à revitalização da costa oeste por meio do Projeto Vila do Mar que envolve, dentre outros, o bairro Pirambu, onde ainda se encontram operários que vieram do interior em busca de trabalho nas indústrias nos anos de 1960, nos fala Bernal,

A requalificação do bairro terá enorme repercussão para o crescimento da região, que se estende até a ponte sobre o rio Ceará, com a desapropriação e a realocação de populações que habitam o Pirambu. Essa revitalização da costa oeste de Fortaleza será um atrativo para o capital imobiliário e turístico, que já conta com a saída de parte de sua população para áreas mais distantes, desprovidas de infraestrutura, serviços e equipamentos coletivos, para dar lugar à reabilitação do bairro com vista para o mar, para atrair o turismo (BERNAL, 2004, p. 172).



Foto 8 – Remoção de guetos operários

Fonte: AUTORES, 2012

Embora predomine neste espaço uma população de menor poder aquisitivo (Foto 8), constituída por trabalhadores assalariados ou do setor informal, também é visível a presença de casarões ocupando quase um quarteirão, isto é uma característica do arranjo espacial da capital em que presenciamos verdadeiros contrastes. Conforme Villaça (1998, p.142),

[...] a segregação não impede a presença nem o crescimento de outras classes no mesmo “espaço”. Em outro momento afirma que “segregação é um processo dialético, em que a segregação de uns provoca, ao mesmo tempo e pelo mesmo processo, a segregação de outros (VILLAÇA, 1998, p.147-148).

Mesmo com o projeto de requalificação e a construção de conjuntos habitacionais, permanecem as territorialidades construídas com a saída ou falência de inúmeras indústrias. Silva (1992) analisa a ação estatal por meio da construção de casas como “solução” para a questão da moradia para este segmento social constituído pelos grupos sociais excluídos:

A situação de miséria sem dúvida prevalecerá. Não se resolve a questão da habitação sem se resolver a questão da renda. É lógico que os espaços criados, agora em forma de conjuntos, para uma população de baixíssimos níveis de renda, e, em muitos casos, sem renda, serão convertidos, em pouco tempo, em áreas problemáticas quanto aos serviços e equipamentos urbanos. Em primeiro lugar, a transferência dessas famílias para conjuntos implica impor a elas novas necessidades inexistentes no ambiente de favelas (taxas de água, luz, impostos e, principalmente, transporte, pois a maioria dos conjuntos são construídos em áreas distantes) (SILVA, 1992, p. 68-69).

De acordo com Madeira e Costa (2005):

[...] A saída das indústrias do bairro gerou grandes transformações no uso e ocupação do solo urbano, pois gerou desemprego; área de antigas indústrias foram vendidas para construção de condomínios e estabelecimentos comerciais e de serviços e outros foram ocupados por cortiços, comércio e consumo de drogas.

O crescimento da violência e da criminalidade, com a saída de indústrias, pode ser constatado durante trabalho de campo em que espaços de antigas indústrias servem atualmente para outros fins, como as instalações da antiga Vilejack Jeans, moradia irregular (Fotos 9 e 10) para pessoas menos favorecidas economicamente que, por meio da autoconstrução, passam a viver nestes antigos espaços.



Fotos 9 e 10 – Ocupação irregular na antiga indústria Vilejack

Fonte: Autores, 2012.

Em alguns desses espaços onde se vê construção de alvenaria, anteriormente foram ocupados por sem-teto que colocaram plásticos e fincaram restos de construção para delimitar o espaço a ser ocupado por família. Em alguns trechos, percebe-se que conseguiram, junto à associação de moradores, fazendo pressão ao poder público, alguns serviços infraestruturais básicos. É o Estado que

Diante de sua incapacidade ele institui “legalmente” o ilegal, ou dizendo o contrário, uma legalidade gera uma ilegalidade. Já que não tem condição de assumir a produção do espaço urbano com políticas públicas capazes de atender a demanda social por habitação, equipamentos e as infraestruturas capazes de garantir o mínimo de inserção da sociedade, ele acaba sendo conivente na produção da cidade ilegal, com suas favelas, cortiços etc. Os muros da cidade contemporânea são invisíveis; a muralha se manifesta de outra forma, tem outro formato construtivo, está ligada a esse nível de urbanidade: é uma muralha que mantém a segregação (SILVA, 2008, p. 153).

Corrêa (2000) nos fala acerca da segregação residencial ao afirmar que a existência de diferentes classes sociais é refletida no espaço pela desigualdade residencial, sendo a elite respaldada pela atuação seletiva do Estado; estes, os maiores impulsionadores da diferenciação nas condições de moradia.

A classe dominante ou uma de suas frações, [...], segrega os outros grupos sociais na medida em que controla o mercado de terras, a incorporação imobiliária e a construção, direcionando seletivamente a localização dos demais grupos sociais no espaço urbano. Indiretamente atua através do Estado (CORRÊA, 2000, p. 64).

Quanto ao rebatimento no espaço das classes sociais fragmentadas, Corrêa (2000) diz que:

Verifica-se basicamente devido ao diferencial da capacidade que cada grupo social tem de pagar pela residência que ocupa, a qual apresenta características diferentes no que se refere ao tipo e à localização. Em outras palavras, as áreas sociais resultam das diversas soluções que as classes sociais e suas frações encontraram para solver os problemas de como e onde morar. Mas estas soluções não derivam de uma ação autônoma por parte das classes sociais vistas enquanto consumidoras (CORRÊA, 2000, p. 62).

Kowarick (1979) nos remete à lógica da produção do espaço urbano em que a produção se faz de forma coletiva, sendo uma construção social, mas a apropriação desse espaço se faz de forma privada, com grandes diferenciações e com uma seletividade que obedece aos interesses e ditames da sociedade capitalista. Assim, o autor faz alusão ao que chama de “espoliação urbana”.

Embora em outro contexto, mas na busca de perceber como o desenvolvimento do capital em sua essência continua em sua forma histórica de atuação, Kowarick (1979) afirma que:

Ora, no processo de produção da habitação, se existem empresas de porte nitidamente industrial bem como unidades com características manufatureiras, as classes trabalhadoras em proporções que variam em cada cidade, mas que são sempre significativas, solucionam seu problema – além do aluguel de habitações deterioradas e da construção de barracos em favelas – através da autoconstrução de suas residências. A razão desta espécie de ‘economia natural’ em pleno sistema urbano-industrial, cuja mola propulsora e dominante centra-se nas empresas com alta densidade de capital, nada tem de anacrônico, pois a produção capitalista organiza-se, não para prover os trabalhadores com os meios de vida necessários para sua subsistência, mas para realizar um excedente que é privadamente apropriado (KOWARICK, 1979, p. 56).

Observamos, no trabalho de campo, que muitos antigos estabelecimentos industriais (Fotos 11 e 12) estão abandonados, servindo de abrigo para criminosos, consumidores de drogas e pontos de prostituição, ou colocados à venda.



Fotos 11 e 12 – Atual uso do espaço da antiga indústria Vilejack

Fonte: Autores, 2012.

Além de encontrarmos, ao longo das ruelas da avenida principal, muitos operários das indústrias que aí permanecem, muitos guetos são constituídos pelas famílias de operários que ficaram desempregados e não conseguiram mais se inserir no mercado de trabalho.

No que se refere aos guetos, Lefebvre nos fala que:

[...] mesmo onde a separação dos grupos sociais não aparece de imediato com uma evidência berrante, surgem, ao exame, uma pressão nesse sentido e indícios de segregação. O caso-limite, o último resultado é o gueto. Observamos vários guetos e tipos de guetos: os dos judeus e os dos negros, mas também os dos intelectuais e os dos operários (LEFEBVRE, 1991, p. 94).

Não é somente na Av. Francisco Sá onde encontramos espaços outrora ocupados por trabalhadores e por indústrias têxteis e que, acompanhando as transformações na cidade ao longo do tempo, servem a novos usos, como, por exemplo a antiga indústria Progresso, no Centro, que passou a ser usada para o comércio de confecção com o Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza; a Fiação Algodões Finos do Quixadá Ltda., antigamente situada à Av. Bezerra de Menezes (no antigo prédio da Siqueira Gurgel) e que hoje é a Jangadeiro Têxtil funcionando em Maracanaú; a Fábrica Fortaleza que se localizava onde hoje é o Hotel Praia Centro; a antiga Fábrica de Redes São José, na Av. Filomeno Gomes, nas proximidades da Escola de Aprendizes de Marinheiros e da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes onde foi construído o Centro Fashion.

O Centro Fashion está inserido no projeto de shoppings nos bairros da cidade de Fortaleza-CE. O complexo do projeto inicial constituía um shopping e três torres – uma comercial e duas residenciais – estão sendo investidos R\$ 250 milhões, sendo um empreendimento do empresário cearense Alexandre Filomeno Gomes (sócio-majoritário da A2W Empreendimentos e Participações) juntamente com um grupo de associados paulistas no complexo.

O bairro do Jacarecanga, que já abrigou a aristocracia de Fortaleza, passa por um momento de transformação em função da melhoria da renda da classe média emergente. A região vai ganhar um shopping center e aproximadamente duas mil unidades habitacionais, com obras de construtoras como a Rossi, Colmeia, Jathay e Prevcon. Alguns projetos estão em fase de conclusão e devem garantir ao bairro um novo fluxo de pessoas. Alexandre Philomeno Gomes explica que será mantida a fachada da antiga fábrica de tecido São José e construído um memorial com a história das famílias e empresas que faziam parte do bairro (O POVO. Economia. Shopping e valorização de Jacarecanga. 5 de abril de 2013).

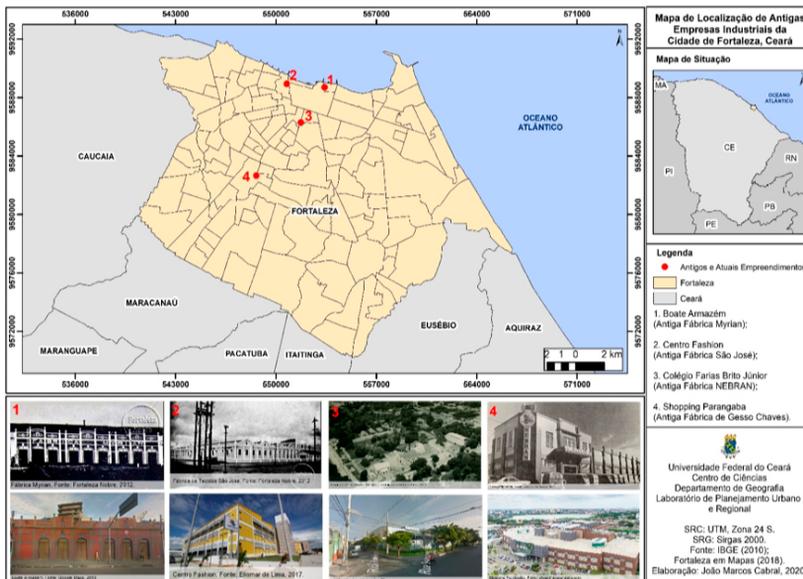
De frente ao espaço antes ocupado pela Finobrasa (atual Vicunha em Pacajus e Maracanaú), na Av. Humberto Monte, esquina com Sargento Hermínio, no bairro Presidente Kennedy, foi construído o Shopping Rio Mar Kennedy, um investimento do grupo pernambucano JCPM (João Carlos Paes Mendonça). Integrado ao projeto, a construtora Moura Dubeux, também pernambucana, ergueu torres residenciais.

O negócio foi fechado entre JCPM, Moura Dubeux e os grupos Otoch e Esplanada. Os dois últimos donos do terreno. [...] O Grupo Vicunha, dono da antiga fábrica Finobrasa – em frente – não descarta negociar o imóvel no futuro (O POVO. Colunas. Vertical S.A., 12 de agosto de 2012).

Percebe-se a construção do Shopping Rio Mar e condomínios fechados em espaço anteriormente ocupado por indústrias.

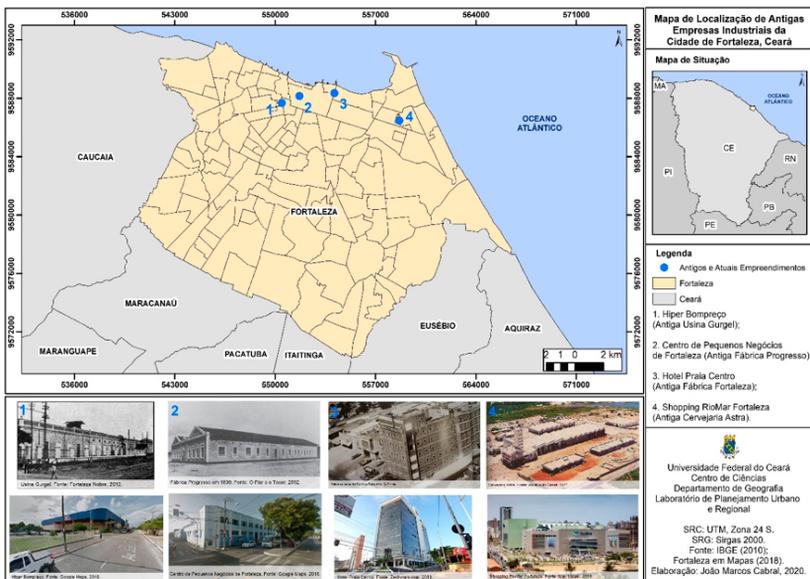
Enquanto isto, foi inaugurado o Rio Mar Shopping, situado no terreno da antiga fábrica da Brahma, no Papicu, ocupando 114 mil m². O investimento total declarado foi de R\$ 600 milhões. Neste espaço, a Moura Dubeux planejou torres residenciais e também edifícios comerciais, além de um hotel.

A espacialização de antigos lugares que constituíam áreas industriais e hoje servem a novas funções pode ser também visualizada na Mapa 3. Onde hoje é a Boate Armazém, já foi a antiga fábrica Myrian; onde passou a ser o colégio Farias Brito já funcionou a antiga fábrica Nebran; a antiga fábrica de gesso Chaves hoje é espaço do Shopping Parangaba; já o Centro Fashion era o espaço da antiga fábrica São José, como mencionamos anteriormente.



Mapa 3 – Mapa de Refuncionalização de Antigos Espaços Industriais de Fortaleza

É assim que antigos espaços industriais, hoje, passam a ser áreas de especulação imobiliária para ocupação residencial, de comércio ou serviços, como também podem ser visualizados alguns exemplos pelo Mapa 4: Hiper bompreço (antiga Usina Gurgel); Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza (antiga Fábrica Progresso); Hotel Praia Centro (antiga Fábrica Fortaleza); Shopping Rio Mar Fortaleza (antiga Cervejaria Astra).



Mapa 4 – Mapa de Refuncionalização de Antigos Espaços Industriais de Fortaleza

A pesquisa de campo nos permitiu constatar que das seis primeiras indústrias no Ceará (a Thomaz Pompeu/Progresso; a Ernesto Deocleciano/Sobral; o Cotonifício Leite Barbosa/Santa Teresa, hoje Unitextil; a Cia. Fáb. de Tecidos União Comercial; a Cia. Fabril Cearense de Meias; a Fábrica Ceará Industrial) voltadas para produzir fios e tecidos de algodão, hoje há somente a Unitextil, que veremos na sequência com os impactos da reestruturação.

3 Unitextil na MetrÓpole de Fortaleza e os impactos da reestruturação industrial

A indústria Unitextil (União Industrial Têxtil S.A.), que era uma filial da antiga indústria Santa Teresa, sediada até 1987 no Aracati, está, desde 1973, com sua atual sede em Fortaleza.

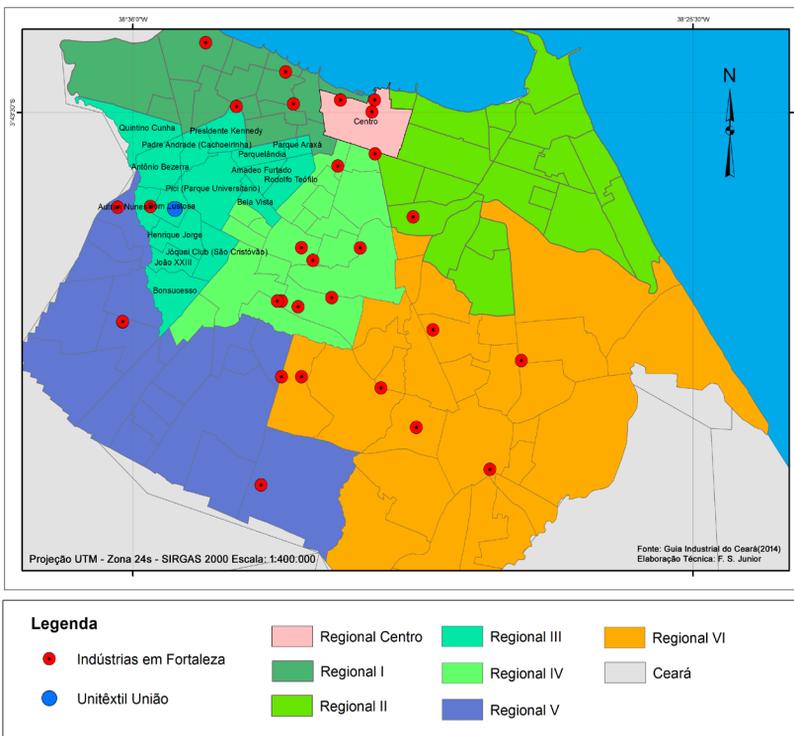


Foto 13– Indústria Santa Teresa. Foto do encarte da indústria.

O desenvolvimento da Unitextil acompanha a própria história do desenvolvimento da indústria têxtil no estado do Ceará, considerando que, enquanto a Unitextil tem hoje 130 anos, estando em Fortaleza há 50, a indústria têxtil no estado completa 140 anos.

Indústria centenária, filial da antiga Santa Teresa que foi fundada, em Aracati, em 1893, e passou ao controle do Cottonifício Leite Barbosa, estando abrigada na Unitextil desde 1973. Dentro do cenário das empresas têxteis nos anos 1980, a Unitextil era o maior empreendimento do estado, com quatro unidades: Santa Teresa, Santa Cecília, Santa Lúcia e Santa Inês. [...] É impossível falar sobre a indústria têxtil no Ceará, sua origem, sua história, sem reconhecer a importância da Unitextil que, em 1993, completou 100 anos de fundação e constitui um marco na vida econômica cearense. A empresa teve seu início com uma unidade fabril em Aracati, crescendo ao longo do século XX, adquirindo várias novas unidades e assumindo a denominação atual (Unitextil), em 1973 (ARAGÃO, 2002, p. 148, 149).

Situada na Av. Audízio Pinheiro, 298, ocupando um terreno de cerca de 55.000 m², sendo 35.000 m² de área construída, o estabelecimento fica na parte oeste de Fortaleza, no bairro Dom Lustosa, tendo como limites os bairros Henrique Jorge, Antônio Bezerra, Pici e Autran Nunes, conforme podemos observar pela espacialização das indústrias têxteis na capital (Mapa 5).



Mapa 5 – Indústrias Têxteis em Fortaleza

Quanto às transformações no espaço onde se instalou a Unitextil, é sabido que o bairro Dom Lustosa era o Parque Santa Lúcia, que mudou de nome em homenagem ao antigo arcebispo de Fortaleza Dom Antônio de Almeida Lustosa, o que ocorreu depois da desvinculação do bairro Henrique Jorge, em 1978.

As terras que hoje compõem o bairro Dom Lustosa faziam parte da Parangaba e, nesta área, transitavam os rebanhos de gado pela estrada Barro Vermelho – Parangaba. Esta estrada ligava o Barro Vermelho (Antônio Bezerra) – Parangaba, sendo ainda possível se ver o restante desta estrada, que passou a ser denominada Av. Matos Dourado.

O Sítio Ipanema e o Sítio Barro Vermelho, além de outras casas antigas, revelam o passado agrícola deste bairro, onde estão indicados riachos e dois açudes – um é o atual açude Santo Anastácio, um dos braços do Maranguapinho que em parte foi aterrado, e o outro é o Açude Ipanema.

Boa parte dessas terras pertenciam a F. F. Fonseca, Oliveira Paula e Terto Cabral. Depois dos anos 1940, muitas famílias construíram casas de veraneio; uma das quais foi a família Pompeu. Deste espaço de veraneio, ainda existia o Sítio Ipanema que, na década de 60/70 do século XX, a família Pompeu loteou e vendeu.

É no bairro Dom Lustosa com 1,35 km² de área e uma população de 12.363 habitantes onde está instalada a Unitextil, tendo sido a paisagem natural alterada com a construção desta indústria, a especulação imobiliária e a urbanização. Os riachinhos que afluíam desta indústria foram canalizados e viraram ruas, como a Rua Edgar de Arruda. A avenida que fica na entrada principal da indústria Unitextil tem o nome do seu antigo dono, Av. Audízio Pinheiro que, do início ao fim, abrange os bairros Dom Lustosa, Henrique Jorge e João XXIII. Segundo o gerente de produção, J. C., que nos acompanhou durante a visita a esta indústria, “a Unitextil começou a ser construída com incentivos do BNDES; em 1961, era tudo descampado, era periferia”.

O trabalho de campo no entorno da indústria permitiu conhecer melhor este espaço, onde pudemos encontrar muitos estabelecimentos comerciais e de serviços como lanchonetes, panificadoras, supermercados, boutiques, mercearias, borracharias, salão de beleza, sorveteria, lan house, espaços de lazer e cultura, igrejas, UPA, residencial Manoel Renato, características de um bairro popular, sendo constituído por população de baixo poder aquisitivo, tendo muitos moradores do bairro que são ou foram trabalhadores da Unitextil, como o Sr. Helio que entrevistamos.

Hoje eu não trabalho mais nesta fábrica. Eu trabalhei quando tinha uma maior em Aracati. Fui demitido na época da crise, junto com muitos outros que saíram. Hoje eu vivo do aposento e quem trabalha aí é meu filho, ele faz a parte de serviços gerais; eles preferem quem é da comunidade porque não tem o risco de chegar

atrasado e não precisa ter gasto com transporte (Sr. Helio, morador da mesma avenida da indústria).

A fala do gerente de produção, J. C., durante visita de campo, em 2014, a esta indústria confirma o relato anterior:

Chegamos a ter cinco unidades; passamos por uma reestruturação e concentramos todo o parque industrial nesta unidade. Tem galpões da Unitextil alugados na Rua 15 de Novembro, em Parangaba, onde era uma das unidades para acabamento e tecelagem. Outra unidade, a Indústria Santa Lucia, na Padre Ibiapina, onde fica o Senai, próximo aos bombeiros. Outra unidade era onde hoje fica o Supermercado Pinheiro, na Maraponga. Esta unidade era voltada para produção de algodão hidrófilo para uso hospitalar.

Na própria fala do gerente de produção, já são de conhecimento as consequências da reestruturação que, no Brasil, conforme vimos, se iniciou na segunda metade dos anos de 1980. Foi justamente neste período que a matriz Santa Teresa fechou. Como afirma Aragão (2002, p.108) “por conta de crises sucessivas, a unidade Santa Teresa encerrou as suas atividades em junho de 1987, com 94 anos de história, o que ensejou diversos protestos em Aracati, como registra o Anuário do Ceará – Anos 80”. As formas espaciais das filiais da Santa Teresa, com sede em Fortaleza, continuam no urbano da capital, porém acompanhando as transformações na cidade ao longo do tempo, hoje exercem novas funções. Como nos lembra Lencioni,

Cabe lembrar que as formas anteriores não se dissolvem nesse processo de reestruturação; elas se modificam e são modificadas pela teia de relações em movimento. Tornam-se, sim, subordinadas, face ao desenvolvimento dessas novas formas que reestruturaram tanto a sociedade como o espaço (LENCIONI, 1998b, p. 6-8).

Acrescentou ainda J. C.:

A junção das cinco unidades em uma é um somatório de componentes, dentre os quais problemas de gerenciamento e crises. A indústria têxtil Suzuki, no Brasil, fechou porque a crise do algodão ano passado agravou a situação.

Aragão (2002, p. 108) explicita este momento de crise e fechamento de outras unidades:

Pouco tempo depois, a Unitextil fechou outra de suas unidades: a Santa Lúcia. Naquela época, a unidade Santa Cecília, no bairro do Montese, em Fortaleza, também apresentava grande problema de custo-benefício. Todo esse quadro levou a Unitextil a entrar em concordata, em 1990, fechando a Santa Cecília logo em seguida. A empresa permaneceu apenas com uma unidade e demitiu 90% dos funcionários.

Este quadro de crises, reflexo do contexto econômico no país, contrasta com o período de expansão que passava no início dos anos 1980:

No início dos anos de 1980, a empresa conheceu momentos gloriosos, com expressiva participação no mercado nacional e com a ampliação das exportações de tecidos para os Estados Unidos, Europa Ocidental e Leste Europeu, uma vez que dispunha de um parque fabril moderno equipado com teares a jato de ar de última geração, tendo sido pioneira no Brasil nessa tecnologia (ARAGÃO, p. 154).

Já no final da década de 1980,

[...] o Brasil experimentou sucessivas crises econômicas ao final de década de 1980. Essas crises pegaram a empresa completamente despreparada para enfrentá-las e seu crescimento foi freado com o fechamento da Santa Teresa, em Aracati, e a Santa Lúcia, em Fortaleza. A empresa encontrava-se em franco desenvolvimento, com altos investimentos recém-realizados e outros ainda em implantação, o que significava alto índice de endividamento (ARAGÃO, 2002, p. 154).

Desta forma, esta indústria se retrai. Buscando reduzir custos, reestrutura-se, fecha filiais e acaba por unir todas as unidades em uma só: a Unitextil.

A Unitextil com as unidades Santa Cecília e Santa Teresa, a Indústria Politextil S.A. e a Companhia Têxtil Santa Lúcia operavam em crescente expansão e, com o objetivo de diminuir os custos, racionalizando o aparelho administrativo, executou-se a fusão e incorporação dessas empresas, surgindo a União Industrial Têxtil – UNITEXTIL, composta por quatro unidades: Santa Teresa,

Santa Cecília, Santa Lúcia e Santa Inês e integralizando um capital social da ordem de Cr\$ 145.000.000,00 (ARAGÃO, p.153).

Um empreendimento familiar característico dos tipos de indústria que predominam em nosso estado, a Unitextil, em Fortaleza, é hoje administrada pela 4ª geração da família que a criou. Tem como diretora-executiva Eliana Maria Diniz Pinheiro e diretor-geral Fábio Diniz Pinheiro, que veio assumir os negócios da família em 1993, ainda aos 21 anos, depois da morte prematura do pai, Carlos Leite Barbosa Pinheiro, em meio a um quadro de crises por que passava a empresa. Carlos Leite Barbosa Pinheiro, técnico têxtil formado pela Escola Técnica de Indústria Química e Têxtil no Rio de Janeiro, e com curso de especialização nos Estados Unidos, havia assumido a direção da empresa depois da morte de seu pai, Audísio Pinheiro, quixadaense, que veio para Fortaleza em 1926 e teve sua primeira participação na diretoria do Cotonifício Leite Barbosa como diretor-comercial, em 1945, quando a Santa Teresa passava por um processo de expansão, sendo instalada, em Fortaleza, uma filial, a Santa Cecília, e, em 1947, Audísio Pinheiro assumiu a presidência após a morte do sogro, Maximiliano Leite Barbosa, um dos donos da Santa Teresa.

A Unitextil concentra suas atividades em uma moderna planta industrial de fiação e tecelagem, não atingindo a malharia que é uma tendência das indústrias têxteis, mas oferece, por meio de parceiros, alguns serviços de acabamento (tinturaria e estamparia).

Enquanto, em 2006, a Unitextil ocupava a 53ª posição dentre as 100 maiores indústrias do estado, com faturamento de 34.709.428,01, um patrimônio de 28.592.958,83, gerando 7.378.563,48 de impostos, em 2010, passou a ocupar a 48ª posição com faturamento de 40.946.695,64 e um patrimônio de 45.460.706,83, gerando 250 empregos e, em 2013, passou a ocupar a 29ª posição com um faturamento de 54.232.420,44 e um patrimônio de 90.163.641,18, gerando 8.237.097,00 de impostos e um total de 250 empregos (Tabela 6).

TABELA 6 – AS 50 MAIORES INDÚSTRIAS DO CEARÁ – 2013

AS 50 MAIORES INDÚSTRIAS DO CEARÁ EM 2013						
	INDÚSTRIA	FATURAMENTO LÍQUIDO AJUSTADO EM (R\$ 1,00)	PATRIMÔNIO LÍQUIDO AJUSTADO EM (R\$ 1,00)	GERAÇÃO DE IMPOSTOS	QUANTIDADE EMPREGOS	CRESC. NAS VENDAS
1	M. DIAS BRANCO S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE ALIMENTOS	2.599.613.005,12	2.576.378.108,52	289.526.887,87	12.622	32,7
2	COMPANHIA ENERGÉTICA DO CEARÁ	2.949.857.102,65	1.715.248.804,71	1.369.824.000,00	1.244	1,14
3	GRENDENE S.A.	1.833.432.590,80	1.972.359.320,05	240.617.000,00	25.962	6,5
4	NORSA REFRIGERANTES LTDA.	1.445.447.401,00	551.397.011,86	223.921.156,89	5.541	7,85

5	TRÉS CORAÇÕES ALIMENTOS S.A.	1.848.740.415,13	333.568.005,27	182.770.796,83	4.059	3,83
6	J. MACÊDO S.A.	1.240.255.997,44	405.285.037,37	104.217.000,00	2.575	N.I
7	VICUNHA TÊXTIL S.A.	971.498.338,58	1.047.857.013,23	72.503.000,00	6.705	N.I
8	COMPANHIA DE ÁGUA E ESGOTO DO CEARÁ	839.933.326,72	1.475.044.737,30	126.409.131,50	1.190	N.I
9	DASS NORDESTE CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS S.A.	433.549.775,87	363.327.564,62	24.678.000,00	1.730	N.I
10	CONSTRUTORA MARQUISE S.A.	348.134.947,73	498.308.343,51	67.114.500,22	2.652	8
11	GRANDE MOINHO CEARENSE S.A.	384.348.267,44	339.344.242,69	65.402.919,06	259	N.I
12	ESMALTEC S.A.	800.871.176,31	572.940.892,46	N.I	3.721	11,22
13	DAKOTA NORDESTE S.A.	347.900.853,94	439.970.520,27	104.771.606,98	7.846	N.I
14	COMPANHIA DE GÁS DO CEARÁ – CEGÁS – S.A.	258.891.760,46	109.724.609,07	15.330.779,00	59	9,78

Continuação						
15	CGTF – CENTRAL GERADORA TERMELÉTRICA FORTALEZA S.A.	534.732.355,89	648.531.234,80	N.I	N.I	15,15
16	COMPANHIA DE ALIMENTOS DO NORDESTE	248.493.007,42	243.560.953,86	N.I	1.890	0,71
17	ENGEXATA ENGENHARIA LTDA.	136.780.359,34	113.241.160,84	12.652.735,00	1.157	217,73
18	CBL ALIMENTOS S.A.	285.795.808,45	97.111.528,05	N.I	990	N.I
19	TBM – TÊXTIL BEZERRA DE MENESES S.A.	162.088.668,35	214.729.257,36	N.I	1.600	N.I
20	VULCABRÁS/ AZALEIA CALÇADOS E ARTIGOS ESPORTIVOS S.A.	595.810.722,81	58.118.050,67	N.I	44.062	N.I
21	T & A CONSTRUÇÃO PRÉ-FABRICADA S.A.	186.058.838,59	93.996.224,55	N.I	N.I	N.I

22	AGROPAULO AGROINDUSTRIAL S.A.	147.722.041,12	118.600.065,03	N.I	N.I	N.I
23	TERMOCEARÁ LTDA.	76.375.482,44	354.541.869,57	13.735.000	N.I	N.I
24	DURAMETAL S.A.	94.372.111,73	109.977.072,47	25.979.070,00	515	N.I
25	TINTAS HIDRACOR S.A.	141.220.532,14	44.428.593,92	N.I	388	0,65
26	MARACANAÚ GERADORA DE ENERGIA S.A.	131.148.860,72	150.994.546,67	N.I	N.I	78,49
27	MERCURIUS ENGENHARIA S.A.	125.393.443,21	43.236.462,78	N.I	895	123,48
28	INDÚSTRIA NAVAL DO CEARÁ S.A.	142.126.673,94	140.892.916,18	N.I	N.I	59,31
29	UNITEXIL - UNIÃO INDUSTRIAL TEXTIL S.A.	54.232.420,44	90.163.641,18	8.237.097,00	250	N.I
30	AVINE COMERCIAL E AVÍCOLA DO NORDESTE	70.489.111,96	37.083.915,02	5.511.783,50	501	13,58

							Continuação
31	CIA. METALIC NORDESTE	113.396.010,73	127.446.155,52	N.I	N.I	N.I	N.I
32	CASCAJU AGROINDUSTRIAL S.A.	84.361.461,59	73.753.802,57	N.I	1.613	97,01	
33	METALGRÁFICA CEARENSE S.A.	84.249.327,59	38.399.050,29	N.I	412	N.I	
34	PORTO FREIRE ENGENHARIA E INCORPORAÇÃO LTDA.	54.459.732,36	82.669.241,23	N.I	387	64,30	
35	COSAMPA PROJETOS E CONSTRUÇÕES LTDA.	61.895.568,93	21.561.623,64	2.555.255,17	820	N.I	
36	COMPANHIA INDUSTRIAL DE ÓLEOS DO NORDESTE - CIONE	75.791.766,28	62.922.466,83	N.I	N.I	13,14	
37	ITAPUÍ BARBALHENSE INDÚSTRIA DE CIMENTOS S.A.	71.257.390,33	171.830.397,83	N.I	1625	0,98	

38	CONSTRUTORA GRANITO LTDA.	44.778.766,23	29.942.807,26	5.807.370,53	371	27,67
39	LOTIL ENGENHARIA LTDA.	75.823.143,58	20.686.065,71	N.I	782	N.I
40	D. R. LINGERIE IND. E COM. S.A.	83.033.443,41	35.791.311,59	N.I	N.I	5,90
41	COTECE S.A.	77.960.649,35	19.651.485,55	N.I	1.218	N.I
42	DUCOCO PRODUTOS ALIMENTÍCIOS S.A.	126.803.158,77	3.756.012,74	N.I	708	17,84
43	CARBOMIL QUÍMICA S.A.	41.405.986,84	9.567.542,30	5.040.000,00	444	7,06
44	ASFALTOS NORDESTE LTDA.	74.133.008,96	34.202.003,25	951.060,47	N.I	11,08
45	CONSTRUTORA BETA S.A.	53.253.953,41	50.265.282,79	4.537.683,89	N.I	3,30
46	LIBRA-LIGAS DO BRASIL S.A.	34.700.374,02	18.541.836,33	2.890.167,11	4.527.000,00	N.I

						Continuação
47	ISO FARMA INDUSTRIAL FARMACÉUTICA LTD.A.	47.653.450,49	36.519.223,03	493.855,51	N.I	N.I
48	SANGATI BERGA S.A.	43.055.775,55	16.932.377,05	3.516,88	N.I	N.I
49	MECESA EMBALAGENS S.A.	24.932.712,28	18.793.039,54	3.091.398,67	11.356.605,12	9,90
50	FAE – FERRAGENS E APARELHOS ELÉTRICOS S.A.	54.197.417,31	7.697.144,69	N.I	N.I	0,00
N.I: NÃO INFORMADO						

Fonte: Prémio Delmiro Gouveia – O Povo.

Por esta tabela percebemos que, das indústrias têxteis que se destacam, há a Vicunha, a TBM e, em terceiro lugar, a Unitextil, que aumenta seu patrimônio, faturamento, vendas, mas permanece o mesmo quantitativo de empregados (250) quando comparamos 2013 a 2010.

A Unitextil trabalha na produção de tecido in natura, cru, compostos por algodão e tecidos mistos com poliéster. Na própria indústria, há mostruário do que pode ser feito com base no tecido produzido: bolsas, tênis, forro de bolsos, entretelas, vestuário, linha de cama e mesa e diversos segmentos industriais, adequando a linha de produção de acordo com a necessidade do cliente, como pode ser conferido no encarte da indústria (Foto 14).



Foto 14 – Encarte da Indústria

Na fala do gerente comercial, fica explícita a relação com o mercado consumidor nos dias de hoje, quando a produção é voltada para atender as necessidades da demanda, em que as indústrias fazem uso de pesquisas de mercado para adaptar os produtos às exigências dos clientes. “*Se o consumidor quer um tecido 100% algodão ou 50% poliéster e 50% algodão, vamos produzir de acordo com o que o mercado pede*” (J. C., 2012).

A compra da matéria-prima (algodão) é feita na Bahia (Barreiras), em Mato Grosso, sendo também importada dos Estados Unidos. Quando questionado acerca do uso do algodão ecológico, J. C. afirmou que “o algodão ecológico não é produzido em escala suficiente para abastecer a indústria têxtil”. Já o poliéster é importado da China. A Unitextil utiliza também do fio importado da Índia e do Paquistão porque, no processo produtivo, precisa do fio penteado; já a fibra sintética é importada.

No processo produtivo, encontramos máquinas destinadas a tirar impurezas do algodão, mas isso não impede que, no ambiente de trabalho, os funcionários estejam vulneráveis a problemas respiratórios, pois a poeira do manuseio da matéria-prima fica dispersa no ar e impregnada no chão e até no teto e paredes, prejudicando a respiração.

Rigotto (2004) enumera os inúmeros problemas de saúde que o trabalhador adquire em virtude do tipo de função ou ambiente de trabalho. No caso da indústria têxtil e confecção, tem-se problemas de respiração, de audição, de coluna, LER (Lesão por Esforço Repetitivo). Com o contato diário com as fibras de algodão que ficam suspensas no ar, os trabalhadores correm também o risco, com o tempo, de contrair uma doença conhecida como “bissinose”, causada, principalmente, pelas partículas de algodão, comum nas indústrias têxteis, que provoca a redução da capacidade respiratória, febre e tosses frequentes. Os mais afetados são aqueles cuja ocupação é abrir fardos de algodão cru ou aqueles que trabalham nos primeiros estádios do processamento do algodão.

Ainda quanto à tecnologia, as máquinas são alimentadas com a matéria-prima no peso e comprimento previamente definido, indo para filatório a fim de fazer o fio propriamente dito. A capacidade de produção de uma fiação é especialmente determinada pelos filatórios.

Os principais tipos de filatórios são: 1) filatórios de anéis – utilizam o princípio tradicional de estiramento do pavio de algodão conjugado com uma torção no fio. Eles são deveras versáteis, uma vez que podem produzir fios de todos os títulos, “espessura”, tendo incorporado avanços técnicos ao longo do tempo; 2) filatórios de rotores, conhecidos como open-end (esta é a tecnologia empregada na indústria visitada) – são equipamentos com maior produtividade do que a fiação por anéis, já que podem alcançar maior velocidade de produção, além de eliminarem etapas de fiação tradicional. Sua aplicação, contudo, se limita à produção de fios mais grossos, sendo utilizados, principalmente, na produção de jeans; 3) filatórios Jet Spinner – denotam alta produtividade em relação aos demais, podendo ser utilizados para a produção de fios finos. Essa tecnologia é de desenvolvimento mundial recente, sendo ainda pouco difundida no Brasil.

Tecnologicamente, a fiação foi o segmento da cadeia têxtil que mais avanços incorporou. As inovações que a indústria têxtil processa nos últimos 20 anos seguem dois rumos básicos: aumento da complexidade das operações realizadas por parte de cada máquina, e redução do número de operações distintas, ou pela fusão, numa só operação, de processos realizados anteriormente em separado, ou tornando mais eficiente determinado processo, de modo que seja evitada a passagem por várias operações.

No setor da tecelagem, os dois tipos de máquinas utilizadas são:

- Projétil (Foto 15) – por meio do projétil, carrega-se o fio da trama, sendo de alta velocidade, de 900 rot. por minuto; e
- Jato de ar (Foto 16), um dos mais modernos, que carrega o fio da trama por meio do ar.



Fotos 15 e 16 – Máquinas importadas no setor de tecelagem.

Fonte: Autores, 2012

Segundo o gerente comercial:

Este parque industrial é um dos mais modernos que existe hoje em dia. Procuramos sempre estar inovando. Esta indústria utiliza a mais alta tecnologia; grande parte das máquinas vem da Alemanha. A tecnologia utilizada na produção vem da Suíça, China, Alemanha.

A reestruturação da maquinaria, substituindo-a por uma mais moderna, é uma tendência do período em curso, sendo uma das exigências para continuar no mercado de forma competitiva.

De acordo com Ianni (1997, p. 61),

[...] desenvolvem-se novas tecnologias de produção [...] compreendendo a flexibilização do processo produtivo, ocorre todo um rearranjo da força de trabalho, envolvendo as capacidades profissionais dos trabalhadores.

Há uma dualidade no mercado de trabalho, com uma pequena camada “superior” (trabalhadores especializados com maior nível de escolaridade) e uma grande camada “inferior” (trabalhadores não especializados com baixo nível de escolaridade).

Utilizando-se de tecnologia moderna, o setor da tecelagem conta com sistema de refrigeração como forma de preservação da maquinaria, e o barulho neste, assim como nos demais setores após o processo de abertura, é ensurdecador, mesmo com o uso de protetores auriculares,

sendo este outro fator de risco da indústria têxtil quanto à saúde dos trabalhadores. Os da Unitextil, ao serem admitidos, fazem exame audiométrico e médico e até o momento não se sabe de possíveis casos de doenças relacionadas ao trabalho.

Com um quadro de 278 empregados, a Unitextil produz mensalmente até 2,5 milhões de metros de tecidos crus, compostos por algodão e tecidos mistos com poliéster. Para tanto, a Unitextil funciona 24 horas, em três turnos. O primeiro turno, de 6 às 14h; o segundo, de 14 às 22h; e o terceiro, de 22 às 6h. Conforme Aragão (2002),

[...] a grande mudança registrada dentro do aparelho jurídico para o setor de fiação e tecelagem local foi a alteração da legislação trabalhista, conseguida em 1991, através do sindicato patronal, permitindo às fábricas funcionarem em turnos ininterruptos, tendo em vista as necessidades de mercado (ARAGÃO, 2002, p.120).

Além disso, a Unitextil utiliza o banco de horas, que são as jornadas de trabalho “modulares” permitidas pela Lei do Trabalho Temporário, de 1998, outro exemplo das atuais práticas flexíveis. Com esta prática, as férias ou os dias de folga do trabalhador ficam condicionados às oscilações das demandas da produção que, em determinados períodos, como no final do ano, que aumenta a produção e o ritmo de trabalho em razão do crescimento da demanda.

Para fazer frente ao objetivo maior do capitalista, que é antes de tudo o alcance da maior eficiência do trabalhador acompanhada da economia do tempo de produção, da redução de custos e do aumento da produtividade, o operário trabalha em uma jornada intensa camuflada no discurso do “banco de horas” em que a máquina do tempo e o mercado consumidor passam a impor o ritmo de trabalho.

Este contexto é reflexo da flexibilidade do mercado trabalhista que se traduz na perda de direitos e no aumento da precarização do trabalho.

Como ironiza Bauman (1999),

O mercado de trabalho é rígido demais: precisa tornar-se flexível, quer dizer, mais fácil e maleável, fácil de moldar, cortar e enrolar, sem oferecer resistência ao que quer que se faça com ele. Em outras palavras, o trabalho é “flexível” na medida em que se tornam

uma espécie de variável econômica que os investidores podem desconsiderar, certos de que serão as suas ações e somente elas que determinarão a conduta da mão de obra (BAUMAN, 1999, p.122).

Segundo dados do GIC (2014), a Unitextil tem hoje 278 empregados, ou seja, reduz o quantitativo de trabalhadores se comparado ao de 2012 (310), enquanto as receitas aumentam. Tanto é que se destaca entre as maiores indústrias do Ceará. Percebemos a contradição de informação durante entrevista, quando J. C. afirmou que a rotatividade de entrada e saída de trabalhadores era baixa, sendo de, no máximo, dois funcionários por mês.

Quanto ao quantitativo de trabalhadores, J. C. acrescentou: “Antes eram 3.000 funcionários e uma produção de 1.500; era muita mão de obra e produção pequena. Antes o equipamento era só mecânico, hoje é eletrônico. Hoje, para ser competitivo, tem que investir em tecnologia moderna”. Este período a que J. C. se refere como de maior empregabilidade foi o momento da incorporação de todas as unidades;

com a incorporação das empresas, a Unitextil passou a operar com 1.820 teares, 24 horas por dia, na produção de tecido, [...]. Fechava seu quadro funcional com 2.800 empregados, aos quais concedia escola, residência, assistência médico-odontológica.” (ARAGÃO, 2002, p.153).

A utilização de máquinas modernas, a redução do número de empregados, a introdução de técnicas mais modernas de organização, o gerenciamento da produção e o crescimento da flexibilização na contratação de mão de obra são alguns impactos da reestruturação produtiva em curso.

Partindo do pressuposto de que a reestruturação produtiva ocasiona um reordenamento nas forças produtivas, nas relações de trabalho e, notadamente, no espaço, entendemos por reestruturação produtiva tanto as mudanças de ordem técnico-econômicas quanto as socioinstitucionais que ocorrem em um determinado espaço. Daí concordarmos com Gottdiener (1993), que afirma ser a reestruturação um fenômeno socioespacial.

É inegável que o processo de reestruturação em curso permite, entre outras coisas, reduzir, ao mínimo, o desgaste na realização dos trabalhos

que os métodos tradicionais impunham: aproveitar melhor o chão de fábrica pelo uso mais intensivo do espaço e aumentar, de forma espetacular, o rendimento do trabalho e as consequentes produções. No entanto, não podemos desprezar alguns aspectos negativos, também decorrentes desse processo, notadamente os que envolvem a redução do nível de emprego.

O exposto até aqui nos permite afirmar que a reestruturação produtiva vem influenciando não só um aprimoramento técnico, mas também o aumento do desemprego e, já que reflete o caráter contraditório e dialético do sistema capitalista, temos, paralelamente a esse processo, a expansão do mercado de trabalho em setores como o têxtil. Fato é que o capital não conseguiu submeter a produção ao seu controle total, pois a produção continua dependendo do trabalho manual.

Contudo, a reestruturação produtiva não pode ser entendida como a responsável pela ampliação da mercantilização da força de trabalho, ou mesmo do crescente desemprego, uma vez que a reestruturação produtiva ocorre de forma irregular, fragmentada e contraditória, inclusive são muitos os lugares em que não chegou ou chegou apenas em parte.

Dessa forma, embora a reestruturação produtiva venha atuando como fator acelerador desses processos, não é possível isolar os efeitos causados por uma série de outros fatores, uma vez que esses acontecimentos são resultantes da interação de diversos agentes catalisadores que, juntos, contribuíram decisivamente para acelerá-los. Como exemplo, citamos a conjuntura econômica e a legislação trabalhista.

Em meio a um crescente desemprego, é paradoxal o crescimento do trabalho formal na indústria têxtil, no momento atual em que vivemos numa busca constante da flexibilidade sempre impulsionada pela competitividade

Portanto, a explicação para essa contradição do aumento do emprego formal no setor industrial está no incremento da reestruturação da produção industrial calcada em setores tradicionais como o têxtil.

Como vemos, as mudanças trazidas pela reestruturação produtiva atingiram diretamente a relação capital-trabalho e seus rebatimentos foram em múltiplas dimensões. Neste percurso, ocorrem mudanças quantitativas e qualitativas que afetam não só a dinâmica das forças

produtivas, mas também a composição e a dinâmica da mão de obra, configurando-se, desse modo, uma remodelagem no trabalho industrial.

A Unitextil se insere neste contexto e, com a crescente automatização da produção, o desemprego estrutural é notório, quase tudo é automatizado e é crescente o uso de computadores, características da indústria 4.0, sendo necessários poucos trabalhadores para fazer o controle por seção. Uma mesma pessoa pode manusear várias máquinas ao mesmo tempo, diminuindo os gastos com pessoal; para isto há também as equipes de trabalho.

O trabalho deixa de ser individual e passa a ser realizado por uma equipe de trabalhadores fixos em seus postos de trabalho, realizando diversas tarefas em cooperação, devendo haver sincronia entre as equipes de trabalho, ou seja, não pode haver descompasso que impossibilite a chegada da mercadoria até seu processo final. Evita-se, portanto, o desperdício de tempos mortos, fazendo com que o ritmo de trabalho obedeça a uma cadência imposta pela velocidade das máquinas.

Nesse sentido, no atual modelo de produção flexível, espera-se do novo trabalhador não apenas competências específicas nas atividades a serem desenvolvidas, mas também polivalência, envolvimento, entusiasmo, espírito de liderança, desenvoltura, facilidade de comunicação, cooperação, capacidade de trabalhar em equipe, de detectar erros e de propor melhorias. Desta forma, as mudanças se fazem presentes não somente na gestão da força de trabalho e nas relações entre capital e trabalho, mas também nas expectativas em relação às mudanças de atitude e desempenho do “novo trabalhador”.

Com máquinas alemãs (Foto 17), suíças e japonesas tudo é computadorizado para colocar a matéria-prima em cada máquina, que são as cardas, como pode ser vista, a seguir, a utilização de tecnologia alemã.



Foto 17 – Maquinário de origem alemã utilizado no processo produtivo.

Fonte: Autores, 2012

A automação é visível (Foto 18) quando acompanhamos o processo produtivo e observamos que, ao se quebrar a linha utilizada na máquina, o carro que se desloca de dentro da máquina como um robô, substituindo mãos humanas, automaticamente faz o nó e, se acabar o rolo de linha, ocorre a troca também de forma automática, reflexo da atual revolução científico-tecnológica (Indústria 4.0).



Foto 18 – Robotização da Produção.

Fonte: Autores, 2012

Por via de sistema computacional, tem-se ainda a geração de um relatório do que houve durante o funcionamento da máquina, onde há o registro de qual problema ocorreu, quantas vezes quebrou-se a linha durante a produção, quantas vezes foram feitas emendas automáticas. Além disso, a máquina desligava automaticamente, caso ocorresse qualquer problema.

É perceptível a inserção da indústria têxtil nos novos padrões de produção da indústria 4.0.

Embora o investimento em máquinas na indústria têxtil cearense represente 4,6% em relação ao país, vem crescendo este investimento desde 2010, como pode ser visto na Tabela 7.

TABELA 7 – INVESTIMENTOS EM MÁQUINAS POR SEGMENTO (R\$ MILHÕES)

SEGMENTOS	BRASIL			CE			CE/BR
	2008	2009	2010	2008	2009	2010	
MANUFATURAS TÊXTEIS	1.326,60	1.255,90	1.303,10	72,70	48,70	60,00	4,60%
FIAÇÃO	371,9	377,6	357,7	30,3	30,2	22,2	6,20%
TECELAGEM	242,7	207,1	232,9	19,8	6,3	16	6,90%
MALHARIA	228,6	200,9	244	5,7	2,9	5,3	2,10%
BENEFICIAMENTO	352,4	345,9	418,9	16,9	9,3	16,4	3,90%
OUTROS	131	124,4	49,6	0	0	0,2	0,20%
CONFECIONADOS	482,3	361	517,6	8,7	8,2	13	2,50%
TOTAL	1.808,90	1.616,90	1.820,70	81,40	56,90	73,00	3,80%

Fonte: IEMI/SECEX/

Fonte indireta: Anuário da Indústria Têxtil e de Confecção 2011

Quanto à origem dos trabalhadores, constatamos que os mais antigos são de Aracati, outros de Aracoiaba e a maioria de Fortaleza. Ocorre também a importação de mão de obra, uma vez que o gerente comercial é chileno, tendo vindo de São Paulo, capacitado em curso técnico-têxtil na Matarazzo.

A ascensão funcional é uma realidade na Unitextil, uma vez que existem casos de entrada de funcionários na indústria em 1982, como estagiário, começando no setor de fiação, e hoje na gerência, dominando todas as fases do processo produtivo.

O discurso na Unitextil é que, com uma estrutura administrativa moderna e enxuta, que utiliza o *downsizing*, elimina-se excesso de burocracia ao reduzir os níveis hierárquicos dentro do processo produtivo, possibilitando acesso rápido e fácil à direção da empresa e agilizando, assim, os processos de negociações.

Assim como em outras indústrias visitadas, na Unitextil o trabalhador é tratado como colaborador, inculcando a ideologia de fazer

parte de uma família, em que o trabalhador abraça os objetivos da empresa como se fossem os seus, abdicando de uma série de direitos. A indústria constituiria a grande família a ser integrada por todos, desde o mais “importante” diretor, até o mais “simples” operário.

É notável a participação maior do trabalho masculino em razão da natureza das atividades demandar muitas vezes maior força. Segundo dados do MTE, em 2010, era de 172.741 o número de trabalhadores na indústria têxtil de Fortaleza, sendo 102.611 para o trabalho masculino e 70.130 para o trabalho feminino. Já em 2013, o total de trabalhadores foi para 175.657, sendo que 105.154 eram trabalhadores do sexo masculino e 70.303 eram do feminino. Mesmo representando o menor quantitativo, percebemos o crescimento do emprego da mão de obra feminina, que acompanha a tendência na indústria de transformação da capital, sendo mais uma evidência do atual período de reestruturação.

O setor onde mais encontramos a presença do trabalho feminino foi no de revisão de tecidos (Foto 19) e na parte administrativa.



Foto 19 – Operárias na Revisão do Tecido

Fonte: Autores, 2012

No setor de revisão de tecidos, há uma análise atenciosa, minuciosa e repetitiva, visando ao melhor controle da qualidade do produto. As condições exigidas para exercer esta etapa da produção são visíveis na Foto 19, com uso intenso da visão, enquanto as máquinas vão exibindo todo o rolo do tecido sob iluminação dirigida, exigindo ficar em pé na maior parte do tempo para visualizar melhor todo o tecido e assinalar possíveis irregularidades.

Na camisa da trabalhadora (Foto 19), o destaque “Cidadão Têxtil 2011” decorre de grande visibilidade que é dada aos funcionários que cumprem as metas predefinidas.

Percebemos ainda a importância dos sistemas técnicos voltados à capacitação da mão de obra, uma vez que o treinamento dos funcionários é feito pelo Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), utilizando-se recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador).

Além do Senai, há, no estado, uma série de sistemas de objetos voltados à qualificação da mão de obra industrial e estudos voltados ao setor industrial: Sesi (Serviço Social da Indústria), Instituto Euvaldo Lodi, Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará, Centro de Treinamento Técnico do Ceará, sem falar que o Ceará tem o maior programa de ensino profissionalizante do Brasil. Não podemos esquecer também a importância dos IFCEs.

A Unitextil subsidia, se o funcionário quer fazer faculdade para colocar os conhecimentos em prática na empresa: “*Esta indústria investe continuamente na capacitação de seus colaboradores, para que estejam aptos a exercer suas funções com o máximo de eficiência e produtividade*” (J. C., 2012).

Por outro lado, é válido ressaltar que maior qualificação não é garantia de empregabilidade. É pertinente também observarmos o papel que desempenha os cursos voltados para atender as novas necessidades da produção moderna na inculcação da ideologia capitalista, mascarando o autoritarismo, visto que a manipulação ocorre de forma disfarçada, subentendida, conseguindo conquistar coração e mente do trabalhador, capturando-o de corpo e alma e padronizando-o aos parâmetros pré-estabelecidos que estão contidos nos mecanismos de sedução do

empresário industrial. É desta forma que os Programas de Qualidade Total e os treinamentos realizados no interior das indústrias, por meio de novas técnicas de dominação e controle inculcam ideologias que têm como objetivo maior a incorporação por parte da grande massa de trabalhadores dos “valores” propostos pelo capitalista, pois, ao envolver todos no mesmo objetivo, produz-se com qualidade para vencer a competitividade, além de se criar um clima de trabalho cooperativo e harmonioso sem conflitos entre os cargos hierárquicos.

Ao contrário do que muitos pensam, expandiram-se as possibilidades de exploração que aparecem muitas vezes camufladas. Michelle Perrot, em outro contexto, já apontava um olhar mais amplo quanto à exploração que atinge o campo da subjetividade do trabalhador quando traz à tona a resistência dos operários franceses à maquinaria e diz que:

O que está em jogo não é apenas o emprego, mesmo que seja este o principal argumento, e sim o controle: controle das matérias-primas [...], controle dos produtos em qualidade e quantidade, controle dos ritmos e dos homens. A máquina é um instrumento de disciplina cujos efeitos precisam ser vistos concretamente: materialmente no espaço remodelado da fábrica e no emprego do tempo, fisicamente ao nível do corpo do trabalhador, de que a história tradicional das técnicas nos fala tão pouco (PERROT, 1988, p. 24).

Quanto aos salários e direitos trabalhistas, cada trabalhador tem direito a plano de saúde e cesta básica e, conforme J. C. “em termos da mão de obra, comparando com Santa Catarina, o custo é mais baixo aqui, que é de um salário; a grande maioria dos funcionários lá é 1.000 reais e é tão especializada quanto daqui”.

Esta realidade não difere da remuneração da mão de obra têxtil na capital em que se sobressai a faixa de um até dois salários mínimos, como pode ser visto na Tabela 8, a seguir.

TABELA 8 – REMUNERAÇÃO DA MÃO DE OBRA TÊXTIL EM FORTALEZA

ANO	REMUNERAÇÃO					
	ATÉ 1,00 SM	DE 1,01 A 2,00 SM	DE 2,01 A 5,00 SM	5,01 SM OU MAIS	NÃO CLASS.	TOTAL
2013	4.359	52.202	5.592	1.275	1.317	64.745
2012	4.407	52.697	5.313	1.212	1.243	64.872
2011	4.620	51.809	5.441	1.246	1.284	64.400
2010	5.098	53.936	5.314	1.158	1.159	66.665

Fonte: MTE

Os dados da Tabela 7 revelam baixos salários, sendo geralmente trabalhos que facilmente recrutam trabalhadores por demandar pouca qualificação e para as atividades a serem realizadas; o treinamento em sua maioria é feito no próprio estabelecimento industrial.

Não há grandes exigências quanto à experiência requerida pela mão de obra, já que cada trabalhador aprende a execução das atividades em que são alocados na própria indústria.

Também não observamos a procura em reduzir o estoque de matéria-prima. Pelo contrário, notamos a prática de estocagem, uma vez que a compra do insumo é feita até a próxima safra para se prevenir das variações no mercado, como vimos durante a visita na indústria o depósito de poliéster vindo da China.

Conforme relatou J. C.,

Muitas indústrias desapareceram porque não tinham estoque. Tiveram que comprar o algodão no preço do mercado e assim não tem como concorrer. Na safra, o algodão fica mais barato; fora de safra vai lá para cima. Ano passado, com a crise do algodão, os produtos têxteis subiram, o algodão chegou a custar cinco vezes mais do que está custando hoje; os custos da Unitextil são segundo preços médios, nunca segundo os preços do mercado.

Em decorrência da crescente redução e da otimização dos espaços internos das indústrias, o que sucede é a procura em reduzir o

tempo ocupado pelo produto final na indústria, não havendo estocagem (sistema Kaban), mas fluxo contínuo de mercadorias, procurando atender a demanda do mercado.

Acompanhando a crescente necessidade em investir na qualidade da produção, a Unitextil dispõe de um laboratório que fornece dados sobre comprimento, finura e resistência da fibra de algodão. Com estes dados preparam-se os lotes que vão entrar na linha de produção.

Notamos até aqui algumas características da presença do paradigma de acumulação capitalista contemporâneo, denominado por David Harvey (1993) de acumulação flexível, por opor-se diretamente à rigidez fordista e apoiar-se “na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo [...]” (HARVEY, 1993, p. 140). Dentre as características temos que a produção deve ser ajustada à demanda do mercado, aplicação do sistema Just in Time (produzir no tempo e na quantidade necessários), controle de qualidade total, automação em várias etapas da produção, utilização de pouca mão de obra.

Na produção, observamos ainda a intensa divisão do trabalho em variadas etapas até chegar ao produto final.

O Setor de TULHAS recebe os fardos de pluma, onde são selecionados e armazenados. Depois de recebida a matéria-prima, ocorre o início da produção de tecidos que é dividido nas fases da Produção: abertura – cardas – passadores – filatórios – fios – urdição – tecelagem – expedição.

No processo de ABERTURA, os lotes de algodão já entram predefinidos. Depois de separados, são captados pela máquina que colhe um pouco de cada fardo para fazer uma mistura homogênea. Na Unitextil é feita a fiação, passando o algodão pelo batedor (manta e rolo), indo em seguida para as cardas, depois ao passador e aos filatórios.

As máquinas presentes na abertura recebem os fardos de pluma com capacidade de produção de até 800 kg/h de flocos. É nesta fase que a matéria-prima passa pelo primeiro processo de limpeza.

As Cardas (Foto 20) recebem as fibras em flocos que passam por novas limpezas e cardagem das fibras, transformadas em uma fita uniforme e são armazenadas em vasos fabricados sob medida para

armazenar até 3200 m de fita cada, com capacidade de produção de até 850 kg/h de fita.

CARDAS



Foto 20 – Cardas.

Fonte: Autores, 2012.

PASSADOR

O Passador (Fotos 21 e 22), com capacidade de produção de até 950 kg/h de fita, recebe as fitas já cardadas, que passam por um novo processo de estiragem, e são monitoradas metro a metro para que não haja nenhuma irregularidade.



Fotos 21 e 22 – Passador.

Fonte: Autores, 2012

AUTOCORO (*OPEN END*)

Recebe os vasos com fitas, onde passam pelo último processo de estiragem e torção até se tornarem em fios com titulação, que vão de 4/1 a 24/1 (NE). Todo fio ainda passa por um rigoroso sistema de vigilância de detecção de defeitos e irregularidades no processo de fiar, com capacidade de produção de até 1000 kg/h de fio (ver Foto 23).



Foto 23 – Autocoro.

Fonte: Autores, 2012

A **URDIÇÃO** (ver Fotos 24 e 25) é o processo em que se trabalham os fios na lateral, depois ocorre o entrelaçamento para formar o tecido. Na urdideira, ocorrem o urdume e a trama. O comprimento define o total de fios para fazer o rolo.



Fotos 24 e 25 – Urdição.

Fontes: Autores, 2012

A fase do entrelaçamento, além de ser realizada por meio de máquinas, também se utiliza do trabalho manual de mulheres nos teares, como foi possível ser registrado durante a visita de campo (Foto 26), quando observamos aqui o uso de mão de obra já na terceira idade. Além desta atividade exigir esforço repetitivo com tendência para adquirir uma LER (Lesão por Esforço Repetitivo), as cadeiras e o local de descanso dos pés acentuam o desconforto da compressão muscular e vascular, que exigem horas de trabalho sentado, deixando o funcionário vulnerável a problemas de coluna, sem falar na falta de arejamento do espaço, nas impurezas do tecido encontradas em toda parte, na falta de circulação de ar e no calor intenso, pois parte da produção ocorre sob telha de amianto.

ENTRELAÇAMENTO

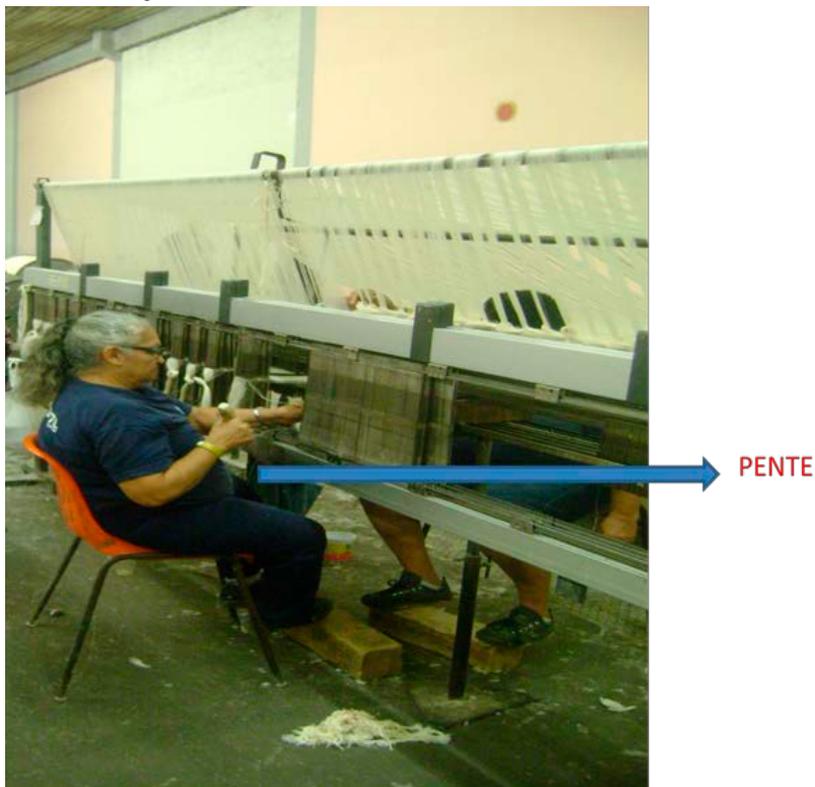


Foto 26 – Entrelaçamento.

Fonte: Autores, 2014

Nesta fase pudemos observar o pente (a peça mais importante do tear), constituído de furos e fendas por onde passam os cabos da urdidura. Seu movimento vertical efetua a troca dos fios da urdidura (superiores e inferiores), o que dá origem ao processo de tecelagem. A remeteação é o passamento dos fios de urdume nas lamelas, liços e pente, podendo ser feita manualmente por pessoal especializado, chamado rementina, como também pode ser realizada automaticamente, quando o fio do rolo de urdume é passado diretamente nos liços, lamelas e pente, com uma velocidade de até 200 fios/min (Foto 26).

Desta forma, observamos na Unitextil diversas características do modelo flexível de produção e do modelo fordista, no mesmo espaço, ou seja, não ocorre uma eliminação ou substituição por completo do modelo de produção fordista, mas readaptações junto ao novo.

Diante disso, é correto afirmar que a produção capitalista não se caracteriza somente pelo paradigma vigente, dada a heterogeneidade que se apresenta, visto que existe uma combinação de formas ultramodernas com formas ultrapassadas.

Como afirma Gomes (2011, p. 56): “Consideramos a reestruturação como algo dinâmico, um processo dialético, em que elementos do ‘novo’ e do ‘velho’ coexistem na mesma empresa, isto é, as características do fordismo e da produção flexível”.

Ocorre também no processo produtivo o uso de técnicas desenvolvidas a partir do saber popular, pois o banho de goma com base na fécula de mandioca é para aumentar a resistência do tecido e depois ir para a engomadeira (Foto 27).



Foto 27 – Engomadeira.

Fonte: Autores, 2014

TECELAGEM

O setor de Tecelagem recebe os fios que abastece as gaiolas da urdideira, onde são passados para os teares. É na tecelagem onde ocorre a produção do tecido.

Os *pallets* de fios são transportados via patinha (carrinho transportador, Foto 28) até o Setor de Expedição, onde são pesados (Foto 29) e embalados para pronta entrega.



Fotos 28 e 29 – Tecelagem.

Fonte: Autores: 2012

Depois de produzidos os fios (Foto 30), os tecidos seguem para o Setor de Revisão (Foto 31), que exige um trabalho minucioso e detalhado antes de seguir para o Setor de Embalagem e Expedição (Foto 32), última etapa do processo produtivo.

REVISÃO



Fotos 30 e 31 – Revisão.

Fonte: Autores, 2012

EMPACOTAMENTO/EXPEDIÇÃO



Foto 32 – Empacotamento/Expedição.

Fonte: Autores, 2012

Quanto ao destino dos resíduos sólidos, todo resíduo, tudo o que sobra do processo produtivo é subproduto (Foto 33), que é vendido para outras indústrias que reaproveitam para fazer fios grossos ou mesmo para a indústria de retalhos e até para alimentar o gado, ou seja, todo subproduto é reaproveitado.

SUBPRODUTO



Foto 33 – Subproduto.

Fonte: Autores, 2012

Quanto aos fluxos da produção final, esta é voltada para os mercados estadual, nacional e local (com a venda de tecidos, principalmente para as confecções).

Enquanto na década de 1970 a Unitextil chegou a exportar para Alemanha, Holanda, França e Japão, hoje, segundo J. C, “a exportação para Argentina e Uruguai está relacionada ao dólar; se o dólar desvaloriza então nosso produto fica caro; o dólar influencia muito. O mercado é mais brasileiro, Santa Catarina – onde tem grandes fábricas de cama e mesa – São Paulo e Ceará”.

Podemos visualizar, pelo Mapa 6, como ocorrem os circuitos espaciais da produção da Unitextil.



Fonte: Entrevista de Campo-Unitêxtil
 Elaboração Técnica: F. S. Junior

Mapa 6 – Circuitos Espaciais da Produção da Unitêxtil

Pela Figura 39 observamos que o mercado consumidor estadual e regional da Unitêxtil é:

- Via Direta
- Mercado Central
- Mercado de Itapajé, para fazer bordado no tecido
- Rio Grande do Norte
- Jaguaruana, para fazer redes (Indústria Requite) e tecido final como na indústria Santa Rita Têxtil Ltda., que terceiriza para Unitêxtil os primeiros processos da produção relativa à preparação dos fios
- Piranhas e São Bento, na Paraíba

A Unitextil possui ainda diversos representantes em Fortaleza e nas regiões Sul e Sudeste, a saber:

- **FRANCISCO JOSÉ MULLER COSTA – ME**

Bom Sucesso, Fortaleza – CE

- **S & A REPRESENTAÇÕES**

Parquelândia, Fortaleza – CE

- **SANTOS MOREIRA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES LTDA.**

Maraponga, Fortaleza – CE

- **APM REPRESENTAÇÕES**

Lourdes, Belo Horizonte – MG

- **SOARES NUNES REPRESENTAÇÕES**

Ipiranga, Divinópolis – MG

- **PRAGMÁTIKOS REPRESENTAÇÕES**

Santa Rosa, Niterói – RJ

- **DAGOBERT HAUSER REPRESENTAÇÕES**

Grande São Paulo

- **KLM ASSISTÊNCIA COMERCIAL LTDA.**

Grande São Paulo

- **MANAS REPRESENTAÇÕES**

Campinas – SP

- **NASSIFF REPRESENTAÇÕES**

Grande São Paulo

- **REPRESENTAÇÕES HAUSER**

Grande São Paulo

- **TESSILE REPRESENTAÇÕES**

Grande São Paulo

- **MAFIOLETTI REPRESENTAÇÃO**

Centro, Criciúma – SC

- **ONER REPRESENTAÇÕES**

Itoupava Seca, Blumenau – SC

- **ZK REPRESENTAÇÕES**

Centro, Porto Alegre – RS

Com a intermediação desses representantes, a Unitextil consegue expandir ainda mais seu alcance no mercado nacional, embora o mercado externo também seja um dos destinos da produção têxtil, o que não difere do contexto estadual, já que o Ceará está entre os estados que mais exportam têxteis. Entre os países de destino das exportações têxteis do Ceará, temos:

6.9.1. Países de destino das exportações do Ceará (% sobre US\$)

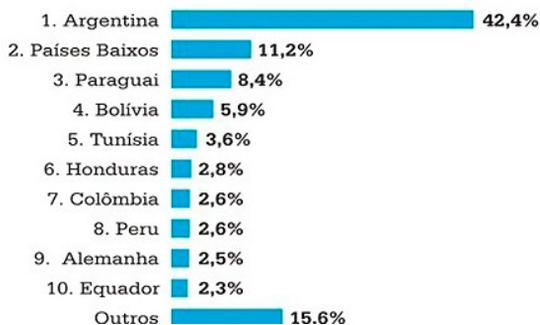


Gráfico 1 – Países de destino das exportações têxteis do Ceará

Fonte: Anuário da Indústria Têxtil e de Confecção, 2011

Segundo a Associação da Indústria Têxtil Brasileira, o Ceará está incluído entre os estados que mais exportaram tecidos e confecções para o exterior. Essa lista é a seguinte, na ordem transmitida pela ABIT: São Paulo, Rio Grande do Sul, Bahia, Santa Catarina, Paraná, Ceará, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Goiás (DIÁRIO DO NORDESTE. Indústria Têxtil no Ceará. Terça-feira, 17 de maio de 2011).

Como o destino da produção da Unitextil e de outras indústrias têxteis vai além do mercado local, para abastecer a demanda interna o estado vem mantendo relações comerciais com espaços cada vez mais distantes, variando de acordo com o valor ofertado. Dentre os países de origem das importações de produtos têxteis do Ceará, vejamos o Gráfico 2.

6.10.1. Países de origem das importações do Ceará (% sobre US\$)

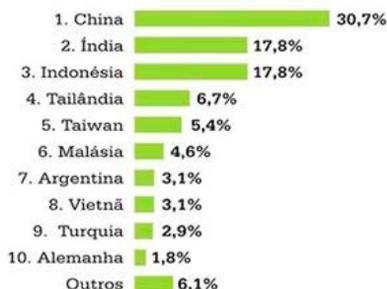


Gráfico 2 – Países de origem das importações de têxteis do Ceará

Fonte: Anuário da Indústria Têxtil e de Confecção, 2011

Pelo Gráfico 2, podemos perceber o peso que tem o mercado chinês de produtos têxteis.

Os países que mais importaram produtos da indústria têxtil brasileira foram Argentina, Estados Unidos, Venezuela, Holanda, Paraguai, Colômbia, Uruguai, México, Chile e Peru. É exatamente nesses países que a China concentra a venda de seus têxteis, a preço que, em muitas vezes, é menor do que o custo de produção (DIÁRIO DO NORDESTE. Indústria Têxtil no Ceará. Terça-feira, 17 de maio de 2011).

Assim como para a existência do espaço da produção a indústria requer a existência de alguns fatores como energia, água, mão de obra e matéria-prima, não se faz diferente na produção do espaço da circulação de seus produtos (rede de transportes, mercado consumidor).

A Unitextil utiliza-se dos sistemas técnicos de transporte, notadamente o porto do Pecém, tendo sido este um dos motivos para estar em Fortaleza – o fácil escoamento da produção e o acesso fácil à rede de transporte, de comunicações e de abastecimento de água. Como afirma Baudouin (2003, p. 26):

Os portos, outrora simples instrumentos funcionais de um modo particular de transporte, transformaram-se hoje em organismos capazes de assumir todas as relações com a mundialização. Eles tendem a tornar-se multimodais, ligando estações ferroviárias, ae-

roportos, plataformas rodoviárias e portos fluviais ou marítimos, e tencionam, sobretudo, coordenar os bens em trânsito com os fluxos imateriais.

Quanto à energia utilizada no processo produtivo, a Unitextil possui uma subestação da Coelce.

Segundo J. C., se não fosse a subestação “outra opção é a indústria fazer um contrato a longo prazo de 100 reais ou utilizar as opções do mercado livre, onde se compra conforme o preço do momento; dois meses atrás era 52 reais e hoje está 200 reais, depende de como estão os reservatórios”.

A Unitextil utiliza também a casca da castanha como fonte de energia. As cascas da amêndoa, comumente descartadas pelas empresas beneficiadoras, são queimadas e usadas como fonte abundante de energia alternativa para o aquecimento de suas caldeiras, sendo transformadas em energia térmica na produção de vapor. Ao absorver as cascas de castanhas para reaproveitamento energético, a indústria evita que todo esse resíduo seja descartado em aterros.

Como utiliza a casca da castanha na caldeira para produzir gás a ser utilizado no processo produtivo, a Unitextil pode participar de leilões, assim o gás fica um terço mais barato.

Conforme Lencioni (2007), Marx enfatiza que o consumo produtivo está relacionado à reprodução dos meios de produção, a exemplo do consumo de estradas ou de energia, indispensáveis para propulsar as máquinas na produção, ou mesmo do consumo de escolas e hospitais que são fundamentais para a reprodução da força de trabalho.

Durante entrevista com o diretor comercial da Unitextil acerca da atuação do Estado (Foto 34) e a política de industrialização, ele relatou que:

Dos incentivos do estado, tem o do ICMS; pagamos 25% do valor do ICMS, que representa 3% do custo da produção, o programa para tornar a energia mais barata. O Finame para comprar equipamentos, em que compramos por menor valor. O FNE para compra de matéria-prima a juros mais baixos.



Foto 34 – Placa na entrada evidenciando os Incentivos Fiscais.

Fonte: Autores, 2012

Quanto aos serviços terceirizados, a Unitextil terceiriza os serviços de transporte, alimentação, segurança e embalagem, como afirma Aragão (2002):

Quando se vislumbram as empresas de fiação e tecelagem no Ceará, percebe-se que a flexibilização se registra mais no nível da contratação indireta, ou seja, através de empresas terceirizadas que atuam nas áreas de alimentação, reparos mecânicos, manutenção, serviços de transporte e segurança (ARAGÃO, 2002, p.120).

Se antes o transporte da matéria-prima da Unitextil era feito em carros de boi, hoje se realiza em caminhões (Foto 35) desde o descarregamento no porto do Pecém até chegar à indústria.

Quanto ao transporte do produto final, segundo J. C. (2011), “a Unitextil se responsabiliza pelo custo do frete até São Paulo, dá logística até aí. Já no caso de ir para Santa Catarina, ficam os custos de transporte por conta dos compradores; muitas vezes o comprador/representante já tem seu transporte”.

Percebemos as interações da Unitextil com outras indústrias, em outros municípios da Região Metropolitana, ao terceirizar os serviços de embalagem e tingimento.

A embalagem para saída de produtos da Unitextil é terceirizada para a Rigesa, em Pacajus.

Também são utilizadas caixas da indústria têxtil da Índia: Winsome Textil Industries Ltda. Segundo J. C. (2011), “o que move a escolha do fornecedor são os preços oferecidos no mercado”.

Quanto à terceirização do tingimento, a tinturaria é em Maracanaú, sendo vendidos os fios e tecidos tingidos para fazer rede.

Quando observamos que há espaço para uma futura expansão da indústria e questionamos acerca dessa possibilidade, obtivemos a seguinte resposta: “Não pensamos em expandir, ampliar demais perde o controle e divide esforços, perde energias”, ou seja, a Unitextil prefere acompanhar a tendência em curso de não verticalização, mas terceiriza algumas etapas da produção. Procurando se resguardar das crises, evita expandir para uma linha de produção maior, centrando-se na fiação e tecelagem, já que uma expansão significa também maior investimento, envolve mais capital e mais recursos humanos.

Diante do exposto, é possível evidenciar, por meio da análise em uma escala espacial menor e uma maior riqueza de detalhes, como a Unitextil, ao longo do tempo, vem se adaptando às exigências do capital, sendo evidente os impactos da reestruturação produtiva e espacial.

CONCLUSÕES

É inegável o papel desempenhado pela indústria têxtil cearense e sua importância no processo de produção do espaço urbano, especialmente o de Fortaleza. No processo de produção do espaço da cidade, a indústria têxtil é uma permanência. Entretanto, isso não significa dizer que essa atividade fabril sempre apresentou as mesmas características. O livro mostra a dinâmica socioespacial deste ramo industrial. Migrações e deslocamentos foram acompanhados à medida que as transformações urbanas eram impostas por Fortaleza. As indústrias ajustavam-se aos avanços das técnicas, alterando as relações no chão da fábrica e, ao mesmo tempo, ancoravam em diferentes bairros da cidade. O certo é que, ao longo do livro, esse processo sobressai e explica a expressão assumida pela indústria têxtil em Fortaleza. Vimos que as primeiras fábricas se instalaram na periferia imediata do centro. À medida que a cidade crescia, as indústrias se ajustavam à expansão urbana, alcançando, a partir da segunda metade do século XX, municípios da Região Metropolitana. No caso da capital cearense, a porção oeste da cidade aparece como a mais impactada com a instalação das indústrias do ramo têxtil. Quanto à logística, é interessante notar a expressão exercida pelas estradas de ferro como fator decisivo na escolha das áreas para instalação das fábricas. A busca de lotes ou quadras nas imediações das ferrovias vinculava-se à dependência da chegada da matéria-prima, o algodão, a saída e a exportação de fios e tecidos. O ramo têxtil, apesar do rápido processo de modernização por que passou e passa, continua se caracterizando como aquele que depende de um razoável número de empregados. Detectamos na pesquisa os diferentes fluxos gerados pelas indústrias e

o adensamento demográfico em torno das mesmas. Com a elevação dos custos do preço da terra urbana, ocorreram sucessivos deslocamentos da força de trabalho em direção aos bairros mais periféricos de Fortaleza e de sua região metropolitana e o conseqüente afastamento dos locais de residências em relação aos locais de trabalho. Foi muito instigante acompanhar, sob a perspectiva cronológica, a migração de uma indústria de Aracati para Fortaleza como foi o caso da Indústria Santa Teresa com matriz na cidade de Aracati. No processo de transferência, chega à capital e se junta às suas filiais – Santa Cecília, Santa Inês/Indústria Politêxtil S. A. (1967) e Cia. Têxtil Santa Lúcia (1969) – todas de propriedade do Cotonifício Leite Barbosa.

Esse movimento em direção à capital comprova a importância que Fortaleza assumia simultaneamente, o que é explicativo para o seu crescimento – a construção da ferrovia, Estrada de Ferro de Baturité, os sucessivos melhoramentos do antigo porto de Fortaleza, até o funcionamento do novo, o do Mucuripe, que entrou em operação no início dos anos 40 do século XX.

A pesquisa realizada esmiuçou ao nível de detalhes a indústria têxtil. Para isso, o uso da cartografia permitiu que mapas auxiliassem o texto enquanto linguagem. As fotografias foram fundamentais. Muito mais que palavras, elas encerram linguagem, texto, comunicação. As legendas, redigidas com cuidado, exerciam sua função de elucidar nosso conteúdo.

Concluir o livro foi um ato de resistência face ao quadro que impôs atividades remotas calcadas na internet em vários setores de atividades. Superamos as sucessivas oscilações da ocorrência da Covid-19, que continuam provocando o caos com fechamentos de várias empresas. O isolamento social esvaziou as ruas e provocou um baque no comércio. Insistimos e chegamos aos resultados, munidos que estávamos de dados e informações colhidos em atividades de campo e de gabinete. Como foi visto, a base cartográfica foi pautada em literatura atual e de qualidade. Firmamos posição em discutir a dinâmica da indústria têxtil, em Fortaleza, conscientes da importância e do ajuste das nossas pesquisas, realizadas antes do surto da epidemia.

Foi nesse contexto que foi realizada a tessitura do livro. A tarefa foi dura, mas conseguimos chegar a bom termo. Estamos confiantes na missão do livro de esclarecer o papel da indústria têxtil no processo de produção do espaço da cidade. Malgrado os problemas enfrentados por Fortaleza, a dinâmica de sua economia continua surpreendendo. A mobilidade da indústria têxtil tem fortes vínculos com a expansão da área de influência da cidade e com o aumento de sua população. A busca por espaços mais generosos que permitam a expansão de instalações industriais associadas à elevação do preço da terra urbana motivam os sucessivos deslocamentos. São mudanças que alteram a imagem da cidade. Os deslocamentos das indústrias encontram rebatimento no redirecionamento dos fluxos de mercadorias e de pessoas além das alterações em diferentes indicadores sociais, especialmente composição da renda, densidade demográfica, preços das operações de compra, venda e alugueis de imóveis. A cidade, em sua dinâmica, incorpora as inovações na paisagem urbana e está intimamente relacionada ao impacto de grandes obras de infraestrutura e serviços que se instalam nela e/ou em suas imediações. Nosso compromisso científico foi o de revelar a dinâmica da indústria têxtil no Ceará, notadamente em Fortaleza, e seus sucessivos deslocamentos e impactos sociais e espaciais. De uma das primeiras indústrias têxteis, construída no século XIX, na cidade de Aracati, à periferia imediata do centro da cidade e às instalações modernas que acompanham as transformações urbanas ajustando-se às inovações tecnológicas que garantem destaque a Fortaleza, no que tange à indústria têxtil, firmamos o propósito de discutir a atividade industrial têxtil em Fortaleza e sua participação na produção do espaço urbano. Para isso, fizemos uma minuciosa análise tempo-espacial preocupados em resgatar diversas faces da formação e do desenvolvimento da atividade industrial têxtil. Logramos êxito com a realização de um estudo de caso que privilegiou a análise da Indústria Santa Teresa, escolhida por seu pioneirismo e sua trajetória. Evidenciamos, a partir dessa análise, a dinâmica espacial do Ceará e a sucessiva refuncionalização de antigos espaços industriais em Fortaleza e as novas formas incrustadas no espaço da cidade. Foi

extremamente gratificante identificar os impactos da reestruturação produtiva na indústria têxtil.

Certos estamos de que nosso livro atenderá as expectativas da academia e do setor administrativo, onde se situam o maior universo de leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2000.

AMARAL FILHO, Jair do. Ajustes estruturais, novas formas de intervenção pública e novo regime de crescimento econômico no Ceará. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos Antônio; GALVÃO, Antonio Carlos Filgueira (Org.). **Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional**. São Paulo: Unesp: ANPUR, 2003.

AMORA, Zenilde Baima. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, José Borzachiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia (organizadores). **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

AMORA, Zenilde Baima. **As transformações da indústria de Fortaleza face à política de industrialização do Nordeste**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1978. Dissertação de mestrado.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** 4. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ANDRADE, Margarida Julia Farias de Salles. **Onde moram os operários: vilas operárias em Fortaleza 1920-1945**. Dissertação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia. Salvador - BA: 1990.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza et. al. (coord.). **O fiar e o tecer**: 120 anos da indústria têxtil no Ceará. Fortaleza: Sinditêxtil / FIEC, 2002.

ARAGÃO, Elizabeth Fiúza. **A Trajetória da indústria têxtil no Ceará**: o setor de fiação e tecelagem 1880-1950. Projeto História do Ceará: política, indústria e trabalho. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, Stylus Comunicações, 1989.

BARBOSA, Edivani. **Aracati (CE) no período colonial**: espaço e memória. Dissertação (Mestrado). Fortaleza, Uece, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1999.

BAUDOUIN, Thierry. A cidade portuária na mundialização. In: SILVA, Gerardo; COCOO, Giuseppe. (Org.). **Cidades e portos**: os espaços da globalização. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BERNAL, Maria Cleide Carlos. **A metrópole emergente**: a ação do capital imobiliário na estruturação urbana de Fortaleza. Fortaleza: Editora UFC/Banco do Nordeste do Brasil S.A., 2004.

BRASIL. Ministério do trabalho e emprego. **Dados estatísticos de Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Disponível em <<http://portal.mte.gov.br/rais/>>.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORIAT, Benjamin. **Pensar pelo avesso**. Revan, Ed. da UFRJ, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. Inovações espaciais urbanas: algumas reflexões. **Cidades: Revista Científica**, v.7, n.11, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

DANTAS, E. W.; SILVA, José Borzacchiello da; ZANELLA, Maria Elisa Zanella; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (Orgs.). **Litoral**

e sertão, natureza e sociedade no nordeste brasileiro. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

FIEC. Federação das Indústrias do Estado do Ceará. **Guia Industrial do Ceará.** Disponível em: <<http://www2.sfiec.org.br/portaltv3/sites/guia2014/?st=acesso restrito-consulta>>.

GIRÃO, Raimundo. **História econômica do Ceará.** 2. ed. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, Raimundo. **Pequena história do Ceará.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1975.

GOMES, Maria Terezinha Serafim. **O Debate sobre a reestruturação produtiva no Brasil.** RA’EGA. Curitiba: Departamento de Geografia – UFPR, 2011. p. 51-57.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano.** São Paulo: Edusp, 1993.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. Perfil setorial - Vestuário 2013. Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LENCIONI, Sandra. Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1º de agosto de 2007, v. XI, n. 245 (07). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24507.htm>> [ISSN: 1138-9788].

LENCIONI, Sandra. Reestruturação: uma noção fundamental para os estudos transformações e dinâmicas metropolitanas. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA. VI, Buenos Aires, Universidade de Buenos Aires, 1998b, p.1-10.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 1974).

LEFEBVRE, Henri. Industrialização e Urbanização. In: LEFEBVRE, Henri. **O Direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LIMA, Luiz Cruz. Produção do Espaço, Sistemas Técnicos e Divisão Territorial do Trabalho. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona**. v. 6, n. 119 (63), 1º de agosto de 2002. www.ub.es/geocrit.

LIMA, A. G. Costa. **Terra Aracatiense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1979.

LOJKINE, Jean. **O Estado Capitalista e a Questão Urbana (1977)**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1981.

MADEIRA, Herica Macedo; COSTA, Maria Clélia Lustosa. A desindustrialização do bairro Jacarecanga (Fortaleza-Ceará). **Anais[...]** In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC - Fortaleza, CE - julho/2005.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **Reestruturação produtiva e trabalho agrícola no baixo Jaguaribe**. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2001 Dissertação (Mestrado).

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **A dinâmica da indústria têxtil no espaço metropolitano de Fortaleza**. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza, 2014.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **As transformações do espaço urbano na zona da Francisco Sá**. In: II ENCONTRO DE PÓS-

GRADUAÇÃO E PESQUISA DA UNIFOR, Fortaleza - CE, abril de 2002, p. 131, impresso.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. Aspectos infraestruturais de Horizonte frente à reorganização espacial. In: SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UECE 4, **Anais[...]** Fortaleza, 1999.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. Silva, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Reestruturação produtiva, trabalho e transformações no espaço metropolitano de Fortaleza. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 31, p. 13/1-25, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/15395>.

MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. **The production of Fortaleza's Metropolitan Space And The Industrial Dynamic**. Mercator (Fortaleza. Online), v. 14, p. 61-74, 2015.

_____ ; SILVA, José Borzacchiello; COSTA, Maria Clélia Lustosa ; SILVA, R. M. ; CABRAL, J. M. T. . Economia urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Fortaleza. In: RIBEIRO, Marcelo Gomes; CLEMENTINO, Maria do Livramento Miranda. (Org.). **Economia urbana e mercado de trabalho na Região Metropolitana de Fortaleza**. Rio de Janeiro: IPPUR, 2020, v. 1, p. 30-55.

NOBRE, Geraldo. **O processo histórico de industrialização do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: FIEC, 2001.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classe. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PEREIRA JÚNIOR, Edilson Alves. **Território e economia política**: uma Abordagem a Partir do Novo Processo de Industrialização no Ceará. Tese. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

PONTES, S. Rogério. **Fortaleza belle epoque**: reformas e controle social (1860-1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

RIBEIRO, A. C. T. Sociabilidade, hoje: leitura da experiência urbana **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 45, p. 411-422, set/dez. 2005.

RIBEIRO, G. (2015). Geografia, fronteira do mundo. Ensaio sobre política, epistemologia e história da geografia. **Geographia (UFF)**, ano 17, n. 34, p. 39-73.

RIGOTTO, Raquel M. **O “progresso chegou”. E agora?** as tramas da (in) sustentabilidade e a sustentação simbólica do desenvolvimento. Fortaleza: Doutorado em Sociologia/UFC, 2004. Tese (Doutorado).

RON MARTIN. Teoria econômica e geografia humana. In.: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; GRAHAM, Smith. **Geografia humana**: sociedade, espaço e ciência social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1996.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. 3. ed. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território**: Globalização e fragmentação. 5.ed. São Paulo: Hucitec, Anpur, 2002.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2004.

SEBRAE. SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Disponível em: www.sebrae.com.br.

SILVA, Geraldo; COCCO, Giuseppe. Introdução. In: (Org.). **Cidades e portos**: os espaços da globalização. Rio de Janeiro: [s.n.], 1999.

SILVA, José Borzacchiello da. A Região Metropolitana de Fortaleza. In: CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio, SILVA, José Borzacchiello da. (Orgs.) **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.

SILVA, José Borzacchiello da. Conhecendo Fortaleza: o sistema de transporte urbano e a garantia do ir e vir na cidade. In: ANUÁRIO DE FORTALEZA 2012-2013. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.

SILVA, José Borzacchiello da. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUZA, Simone de (Org.). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

SILVA, José Borzacchiello da. Formação Territorial Urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa (Orgs.). **Da cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, José Borzacchiello da. Características gerais da região metropolitana de Fortaleza. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa (Orgs.). **Vulnerabilidade socioambiental na região metropolitana de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

SILVA, José Borzacchiello da. O algodão no processo de organização do espaço. In: SOUSA, Simone. (Org.). **História do Ceará**. Fortaleza: UFC/Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SILVA, José Borzacchiello da. Fortaleza, a Metrópole Sertaneja do Litoral. In: ZANELLA, Maria Elisa Zanella; MEIRELES, Antônio Jeovah de Andrade (orgs.) **Litoral e sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SILVA, José Borzacchiello da. O mercado de trabalho e a cidade brasileira. In: VALENÇA, Márcio Moraes (Org.). **Cidade (i)legal**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SINGER, Paul. **Globalização e desemprego**: Diagnóstico e alternativas. São Paulo: Contexto, 1998.

SOUSA, Eusébio. **Álbum do Jaguaribe**. Belém: Gráfica Amazônia, 1922.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Reconstituindo a história da região Metropolitana: processo, teoria e ação. In: **Metrópole**: governo, sociedade e território. SILVA, Catia Antonia da; FREIRE, Désirée Guichard; OLIVEIRA, Floriano José Godinho de (Orgs.). Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006.

STEIN, Stanley. **Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil – 1850/1950**. Rio de Janeiro: Campus. 1979. Original em inglês: Stein, Stanley – *The Brazilian Cotton Manufacture – Textile Enterprise in an Underdeveloped area: 1850-1950*, Cambridge, Massachusetts, 1957, Harvard Press.

TAKEYA, Denise. **Europa, França e Ceará**: as origens do capital estrangeiro no Brasil. Natal: UFRN, 1995.

VILLAÇA, Flavio. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/Lincoln Institute, 1998.

VIRGÍNIO, José Hercílio Silvério; MOTA, Kleiton Nazareno Santiago. **Tecendo a Memória do Aracati**: Fábrica Santa Teresa. Artigo elaborado como pré-requisito à avaliação parcial na disciplina Museologia, Urbanismo e Desenvolvimento Cultural, 2010.

VIANA, C. N. A “**Família Leite Barbosa**” e a indústria têxtil do Ceará: uma relação de 115 anos. Revista do Instituto do Ceará. 2014.

Visite nosso site:
www.imprensa.ufc.br



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará – UFC
Av. da Universidade, 2932 – Fundos – Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará
imprensa@proplad.ufc.br

O espaço urbano de Fortaleza há muito é sujeito e objeto de reflexões e de descobertas do professor José Borzacchiello da Silva. Sua leitura sobre a produção da metrópole passa por uma sensível interpretação da trama estrutural e das relações que se estabelecem nas práticas urbanas da capital cearense. Neste livro, na companhia da Professora Alexandra Muniz, somos mais uma vez contemplados com uma arguta interpretação, desta vez enraizada em abordagens geográficas e históricas que privilegiam as mutações da cidade a partir da estruturação e reestruturação das atividades produtivas, em especial aquelas engendradas pela indústria têxtil. Os autores já se debruçam há alguns anos sobre o tema em destaque, e depois da publicação de inúmeros artigos em periódicos especializados, reúnem importante volume de informações para analisar, num texto vigoroso, o território do Ceará e a urbanização de Fortaleza à luz das estratégias dos atores industriais e das densidades técnicas da produção têxtil. As relações entre território, metropolização e indústria se tornaram complexas no Ceará nas últimas décadas. Deu-se um movimento dialético de concentração/desconcentração industrial, e Fortaleza respeita essa dispersão regional de equipamentos produtivos, típica de uma cidade que se afirma por sua centralidade nos serviços; mas, também renova sua capacidade de expandir uma indústria de produção mais flexível, reafirmando a metrópole como a grande concentradora de empregos industriais do estado e uma das maiores do país. O texto de José Borzacchiello e Alexandra Muniz revela os aspectos históricos e as tessituras geográficas de todo esse processo. Pensa o território e as configurações espaciais urbanas animados pelo desenvolvimento fabril, pelas estratégias produtivas e pela refuncionalização dos espaços industriais. O livro chega em excelente hora para atualizar a discussão sobre todas essas questões, ao mesmo tempo em que convida a novas reflexões, sinalizando a reformulação do olhar sobre as singularidades e as universalidades da urbanização de Fortaleza, em profunda sintonia com a indústria têxtil e suas práticas espaciais contemporâneas.

Professor Edilson Alves Pereira Júnior

Professor adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

